



UNIVERSIDADE DO OESTE DE SANTA CATARINA - UNOESC
ÁREA DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS
PROGRAMA DE MESTRADO EM EDUCAÇÃO

EDINALDO ENOQUE SILVA JUNIOR

**IDENTIDADE E JUVENTUDE: O EXTREMO OESTE CATARINENSE EM
TEMPOS DE GLOBALIZAÇÃO**

Joaçaba-SC

2013

EDINALDO ENOQUE SILVA JUNIOR

**IDENTIDADE E JUVENTUDE: O EXTREMO OESTE CATARINENSE EM
TEMPOS DE GLOBALIZAÇÃO**

Dissertação apresentada ao Programa de Mestrado em Educação da Universidade do Oeste de Santa Catarina (Unoesc) Campus de Joaçaba, como requisito à obtenção do grau de mestre em Educação.

Orientador: Prof^o. Dr. Paulino Eidt.

Joaçaba-SC
2013

EDINALDO ENOQUE SILVA JUNIOR

**IDENTIDADE E JUVENTUDE: O EXTREMO OESTE CATARINENSE EM
TEMPOS DE GLOBALIZAÇÃO**

Dissertação apresentada ao Programa de Mestrado em Educação da Universidade do Oeste de Santa Catarina (Unoesc) Campus de Joaçaba, como requisito à obtenção do grau de mestre em Educação.

Qualificação Aprovada em:

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Paulino Eidt - Orientador
Universidade do Oeste de Santa Catarina (UNOESC)

Prof. Dr. Roque Strieder
Universidade do Oeste de Santa Catarina (UNOESC)

Prof. Dr. Walter Frantz
Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul (UNIJUI)

A minha mãe (in memoriam).

AGRADECIMENTOS

Agradeço imensamente ao professor Paulino Eidt por todos esses anos de construção e amizade. Agradeço pela liberdade e pelo incentivo. Este trabalho não é o resultado de dois anos, mas sim, de mais de oito anos de pesquisas, debates e leituras que construímos em comum. Ao Paulino, agradeço por me deixar pensar e por me ajudar a pensar de outro modo.

Todo processo de saber é um processo complexo, mas ascendente, principalmente quando nos cercamos de pessoas comprometidas com o conhecimento. É desse modo que estendo meus agradecimentos ao professor Dr. Roque Strieder e ao professor Clenio Lago pela atenção dada aos meus anseios e dúvidas nos corredores da Universidade e pelos debates sérios com boas doses de humor nas idas e vindas das viagens ao mestrado.

Agradeço ao Fundo de Apoio à Manutenção e ao Desenvolvimento da Educação Superior – FUMDES pelo apoio financeiro.

A Vanuza Weber, minha esposa e amiga, dedico um agradecimento especial pela parceria, companheirismo e compreensão pelas noites e dias que me isolei em tempos de escrita e leitura.

Muito obrigado a todos os amigos, alunos, professores que de modo direto ou indireto contribuíram para que essa minha reflexão pudesse nascer.

Muito obrigado.

“É preciso falar também da crise da alma”.
(Morin, 2011c, p.38)

“É tempo que o homem tenha um objetivo.
É tempo que o homem cultive o germe da sua mais
elevada esperança.
O solo é ainda bastante rico, mas será pobre, e nele
já não poderá medrar nenhuma árvore alta”.
(Nietzsche, 2005, p.121)

“O Sujeito nunca está em repouso, em equilíbrio;
está sempre em movimento, da distância à fusão ou
do conflito à justiça. O Sujeito não tem natureza,
princípios ou consciência; é ação dirigida no sentido
da criação de si mesmo através das resistências que
nunca podem ser completamente ultrapassadas. O
Sujeito é desejo de si”.
(Touraine, 2005, p.221)

“O meu Eu ensinou-me um novo orgulho que eu
ensino aos homens: não ocultar a cabeça nas nuvens
celestes, mas levá-las descoberta; sustentar erguida
uma cabeça terrestre que creia no sentido da terra”.
(Nietzsche, 2005, p.152)

RESUMO

A identidade tornou-se, nas últimas décadas, alvo de pesquisas, seja no campo da Sociologia, Psicologia, Antropologia ou da Educação. A extensão da globalização, da divisão internacional do trabalho, da massificação da comunicação, da cultura de consumo, do distanciamento familiar em relação à criação dos filhos, de um novo significado religioso, sexual, da extensão das comunicações *on-line* e *off-line*, entre outros, despertam cada vez mais interesses em estudos sobre os impactos desses elementos na sociedade e no *self*. Logo, estudos sobre identidades individuais ou coletivas estão diretamente relacionados com a expansão do sistema capitalista e as transformações dos espaços regionais. Partindo dessas premissas foi que surgiram as questões centrais da pesquisa: como a globalização e seus efeitos impactam na organização sociocultural da região? Como se dá a constituição da identidade dos jovens a partir da globalização? Como a educação familiar e escolar lida com essas transformações? De que forma os jovens lidam com os diversos produtos desse mundo globalizado (internet, moda, mídias, consumo)? O lócus de pesquisa foram duas escolas da região do Extremo Oeste de Santa Catarina. A partir disso, objetivou-se compreender as transformações sociais, culturais, econômicas no espaço regional relacionando diretamente com a constituição identitária juvenil e de que modo, a educação, tanto familiar e escolar lida com essas transformações. Buscou-se articular de modo complexo o arcabouço teórico, com autores da Sociologia, Filosofia, Antropologia, Psicologia, Psicanálise, História, Biologia para compreender como a identidade individual é organizada na relação com as transformações sociais e culturais que se avolumam no espaço regional. A pesquisa empírica foi organizada em torno de grupos focais. O método Grupo Focal foi escolhido para dar maior possibilidade de debates e interações entre pesquisados e pesquisador sobre as categorias propostas. No cruzamento entre teoria e prática utilizamos o método tipo-ideal de Max Weber para organizar tipologicamente os conceitos e categorias analisadas. Dessas categorias destacam-se: sexualidade, família, meios de comunicação de massa, cultura de consumo, amizade, família e escola. Concluiu-se, portanto, que o Extremo Oeste de Santa Catarina está diretamente envolvido com transformações e ressignificações oriundas da globalização e que, desse modo, a identidade comunitária se esmaece dando possibilidades maiores aos indivíduos encontrar em outros espaços modos de subjetivação e identificação. No entanto, verificaram-se aspectos negativos da globalização no espaço regional como o aprofundamento de relações consumistas, efêmeras e midiáticas. Desse modo, encerramos a pesquisa buscando superar essa crise de identidade dando ênfase à ideia de Sujeito de Alain Touraine que versa entre outras coisas pela resistência à fragmentação do indivíduo no mundo globalizado, bem como seu perpétuo enraizamento no universo regional. Uma identidade de resistência e abertura sustentada na escola, na família e no sujeito.

Palavras-chave: Globalização. Educação. Identidade. Sujeito.

ABSTRACT

The identity has become in recent decades the subject of intense research, whether in the field of sociology, psychology, anthropology and education. The extent of globalization, the international division of labor, mass communication, consumer culture, distancing the family in relation to parenting, to reframe a new religion, sex, extent of online and offline communications, among others, arouse increasing interest in studies of the impact of these elements on society and the self. Thus, studies of individual or collective identities are directly related to the expansion of the capitalist system and the transformation of the regional areas. Because of that emerged was that the core issues of research: how globalization and its effects impact the socio-cultural organization in the region? How is globalization from the constitution of the identity of the young? As the family education and school handles these transformations? As young people deal with the various products of this globalized world (internet, fashion, media, consumer, etc.)? The locus of research was the Far West region of Santa Catarina. Specifically two schools. This study aimed to understand the social, cultural, regional economic space in direct relation to identity construction and how youth education both family and school handles these transformations. We seek to articulate complex way the theoretical framework. Thus, the authors seek in sociology, philosophy, anthropology, psychology, psychoanalysis, history, biology to understand how individual identity is organized in relation to the social and cultural transformations that have been accumulating in the regional space. Empirical research was organized around focus groups. The focus group method was chosen to give a greater possibility of discussions and interactions between researcher and researched on the proposed categories. At the intersection between theory and practice, we use the method ideal type of Weber typologically to organize the concepts and categories analyzed. The categories analyzed in the focus groups include: sexuality, family, mass media, consumer culture, friendship, family and school. We conclude that the Far West of Santa Catarina is directly involved in transformation and reinterpretation arising from globalization and thus community identity fades giving up greater possibilities for individuals to find other spaces modes of subjectivity and identification. However, there was negative aspects of globalization on regional space as deepening relations consumerist, and ephemeral media. Thus ended our research seeking to overcome this crisis of identity emphasizing the idea of the Subject of Alain Touraine which addresses among other things the resistance to fragmentation of the individual in a globalized world and its perpetual regional rootedness in the universe. An identity of resistance and sustained opening the school, the family and the Subject.

Keywords: Globalization. Education. Identity. Subject.

LISTA DE MAPAS E ILUSTRAÇÕES

MAPA 1: Extremo Oeste catarinense.....	13
MAPA 2: São Miguel do Oeste.....	13
ESQUEMA 1: A comunidade e a formação da forte identidade comunitária.....	14
ESQUEMA 2: A dissociação das instâncias valorativas e sua disputa pelo eu.....	16
ESQUEMA 3: O sujeito como centralidade em relação fundamental com o outro.....	23

SUMÁRIO

1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS.....	12
2 GLOBALIZAÇÃO: AS MARCAS DA HOMOGENEIZAÇÃO DO MUNDO NO UNIVERSO REGIONAL.....	30
2.1 A GLOBALIZAÇÃO E SUAS MARCAS.....	31
2.2 HOMOGENEIZAÇÃO: O ENGLOBAMENTO DO SUJEITO REGIONAL AOS DITAMES DO MERCADO MUNDIAL.....	33
2.3 DESTRADICIONALIZAÇÃO: O PROCESSO DE ESFACELAMENTO DO REGIONAL.....	39
3 CONVERSANDO SOBRE IDENTIDADE	45
3.1 O LANÇAR E RECOLHER ÂNCORAS: A IDENTIDADE E A JUVENTUDE.....	50
4 SOCIEDADE DE CONSUMO E CULTURA DE MASSA: UMA ANÁLISE DO GLOBAL PARA O LOCAL.....	66
4.1 O CONSUMO EM MASSA E A OBSOLESCÊNCIA PROGRAMADA NO MUNDO CONTEMPORÂNEO.....	68
4.2 DOS GRANDES CENTROS AO INTERIOR: O PROCESSO DE DESINTEGRAÇÃO COMUNAL	71
5 A JUVENTUDE SITIADA: ENTRE O RESISTIR E O ACEITAR.....	73
5.1 A CULTURA DE CONSUMO E SUA ABRANGÊNCIA LOCAL E GLOBAL...74	
5.2 A INFLUÊNCIA DO MUNDO VIRTUAL NOS MODELOS DE VIDA REAIS	78
5.3 A PROPAGANDA E SUA RELAÇÃO COM O PÚBLICO.....	82
6 O MAIS BELO OBJETO DE CONSUMO: A EROTIZAÇÃO DO CORPO E SEUS EFEITOS NA FRAGMENTAÇÃO DO EU.....	87
7 AMIGOS: O REAL E O VIRTUAL NAS RELAÇÕES JUVENIS.....	106
7.1 QUANDO A AMIZADE ERA OUTRA.....	107
7.2 A AMIZADE EM TEMPOS DE REDE.....	111
8 A ESCOLA, JUVENTUDE E FAMÍLIA: OS DESAFIOS DE UMA RELAÇÃO IMPORTANTE.....	116
8.1 SOBRE A GÊNESE DA FAMÍLIA.....	118
8.2 DA LIBERTAÇÃO SOCIAL À CRISE IDENTITÁRIA: QUE FAMÍLIA PARA QUE FILHOS?	123
8.3 QUE ESCOLA PARA QUAL PROJETO?.....	129

8.4 A ESCOLA COMO REPRODUTORA DO SISTEMA DE FRAGMENTAÇÃO IDENTITÁRIA.....	133
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	136
REFERÊNCIAS BIBLIOGRAFICAS.....	138

1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS

A identidade tornou-se nas últimas décadas alvo de pesquisas, seja no campo da Sociologia, Psicologia, Antropologia ou da Educação. A extensão da globalização, da divisão internacional do trabalho, da massificação da comunicação, da cultura de consumo, do distanciamento familiar em relação à criação dos filhos, de um novo significado religioso, sexual, da extensão das comunicações *on-line* e *off-line*, entre outros, despertam cada vez mais interesses em estudos sobre os impactos desses elementos na sociedade e no *self*. Logo, estudos sobre identidades individuais ou coletivas estão diretamente relacionados com a expansão do sistema capitalista e as transformações dos espaços regionais.

Para muitos (Hall, 2003) a identidade é fundamental na formação humana, seja ela cultural, social, subjetiva. Saber de onde se veio, quais são seus antepassados, sua origem é de longe um dos grandes desejos de homens e mulheres cada vez mais cosmopolitas.

Esse tipo de identidade, baseado na pertença familiar ou grupal, direciona-se àquilo que Giddens (2002) chama de segurança ontológica. Segundo essa tese, o indivíduo com raiz identitária, propriamente familiar, teria mais segurança ao tomar suas decisões baseadas em modelos já vivenciados por membros do grupo.

A identidade baseada na segurança ontológica tem muito a ver com a ideia de Comunidade discutida por Tönnies (1947) e retomada por Bauman (2003).

Em resumo, para Bauman e Tönnies a comunidade seria um lugar aconchegante onde todos sabem quem são seus membros e as ideias são recíprocas para o bem comum de todos. A comunidade diferiria da sociedade, pois na sociedade vigora a diferenciação e a heterogeneidade, as relações face a face diminuem, e os laços afetivos de reciprocidade tenderiam à fragmentação. Desse modo, a identidade ontológica se enfraquece, dissipa, dando a possibilidade do surgimento da autoidentidade ou identidade individual reflexiva, sem base estabelecida de durabilidade e baseado sobretudo, na experiência de vida.

A identidade associada à comunidade, por sua vez, está em consenso ao pensamento durkheimiano (2002) referente à solidariedade mecânica e à consciência coletiva, em que a comunidade é muito maior do que a soma de suas partes: *É independente das condições particulares em que os indivíduos estão colocados; eles passam, ela permanece* (DURKHEIM, 2002, p.40).

A identidade na comunidade, desse modo, é do Eu comunitário ou Eu forte (utilizaremos frequentemente nesse trabalho para distinguir do eu fraco ou fragmentado,

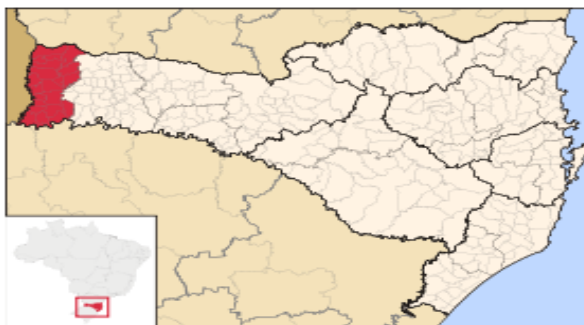
mais adiante). O Eu Forte, ou com “e” maiúsculo é apropriado para designar o indivíduo que é moldado pelas instituições locais mantendo forte relação com ela, seja positivo ou não, mas possuidor de um laço sólido de pertencimento grupal.

Desse modo, uma série de fatores pode ser analisada para entendermos como esse Eu se forma. Atentemos para os que consideramos mais importantes: localização geográfica, religião, educação, família, trabalho, sexualidade e tradição.

Posto isso, a identidade passa a ser uma categoria interessante de análise principalmente quando analisada em regiões que passam pelos processos de interação regional/nacional/global como é o caso do Extremo Oeste de Santa Catarina.

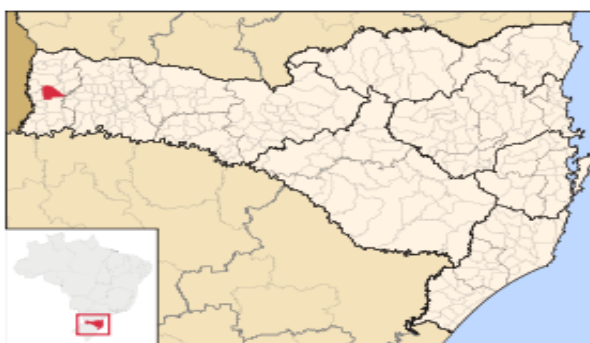
Região de colonização recente. Seu início data de meados de 1940 e seu término aproximadamente nos anos de 1980. Viu-se envolta a imensas dificuldades de acesso. Isolada dos grandes centros confeccionou um modelo de identidade do tipo forte, caracterizado pela supressão da individualidade para o bem-comum, ao modelo durkheimiano de consciência coletiva e da solidariedade mecânica.

Mapa 1: Extremo Oeste Catarinense



Fonte: wikipedia.org

Mapa 2 : São Miguel do Oeste¹



Fonte: wikipedia.org

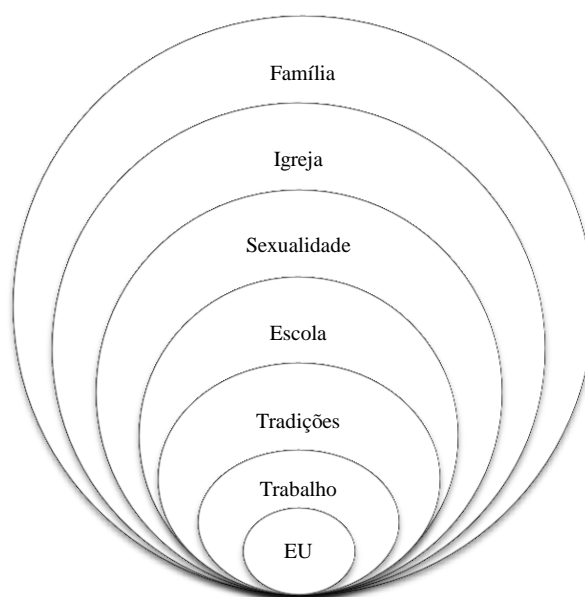
O Eu era instituído ao modelo do todo. A relação entre o trabalho, a igreja, a escola, os casamentos, por exemplo, era verticalmente dado com poucas margens para

¹ O ponto em destaque no mapa, a cidade de São Miguel do Oeste é o local de aplicação da pesquisa. São Miguel do Oeste é um município brasileiro do estado de Santa Catarina. Sua população estimada em 2013 foi de 39.352 habitantes. Localiza-se na região Oeste Catarinense, na bacia hidrográfica do Rio Uruguai. É a principal cidade brasileira desde a fronteira com a Argentina, e é a maior cidade do Extremo Oeste catarinense.

contestações. A escola, a família e a igreja mantinham para o bem ou para mal, o *status quo* e introduzia na mente de seus alunos, filhos e fiéis a identidade do grupo, a manutenção da ordem, da hierarquia e dos costumes, preparando-os para servir a comunidade com o trabalho, com filhos e com fé.

O Eu era forte na medida em que os laços sociais eram transmitidos pelos mesmos que outrora haviam sido moldados na identidade do grupo. Ademais, a distância, o isolacionismo homogeneizante recusava o outro e o diferente, mantendo aquilo que Bauman (2003) cunhou de *o sonho de pureza*.

Esquema 1: A comunidade e a formação da identidade comunitária forte.



Fonte: O autor

A educação escolar transmitia aos seus alunos, como ao restante da comunidade, o interesse geral. O professor (que muitas vezes era escolhido ou repudiado pelas famílias) tinha autorização para punir seus alunos, principalmente os desviantes. A ordem dependia disso. A família contribuía para cristalizar essa mentalidade. A família e a escola andavam de mãos dadas para esse fim. A escola era autoridade e a família acatava suas demandas. A Igreja seguia o mesmo fim; manter o sonho de pureza e de ordem, acalmar os ânimos e reprimir os questionadores. Parafraseando Eidt (1999): *A última palavra era sempre do Pai, do Professor e do Padre*.

Entretanto, as comunidades regionais, a partir dos anos de 1990 dão mostras de enfraquecimento pelo expansionismo do capitalismo globalizado, primeiramente a economia. Empresas multinacionais gradativamente conquistam o espaço comunitário, seja por meio do gado leiteiro, do frango, da empresa moveleira ou do suíno. As relações se verticalizam gradativamente com o exterior. Os espaços que outrora serviam

de pomar, ou de mata nativa passam a serem otimizados para aumentar a produção. A competitividade traz consigo a diferenciação e o comunal vira o social. Lembrando que esse último está mais relacionado com o distanciamento das relações face a face, do esvaziamento dos constructos simbólicos da tradição. Os horários de eventos públicos (missas, cultos, reuniões, peregrinações, vida social) conflitam com os horários da produção (ordenha, trato, acompanhamento da procriação) causando assim um distanciamento cada vez maior do indivíduo em relação à vida comunal de outrora.

Num segundo momento, observa-se a entrada das vias asfálticas reduzindo aos poucos os espaços. Logo os diferentes, turistas ou vagabundos (Bauman, 2003) aparecem trazendo novidades exógenas. A diferenciação econômica resulta na diferenciação dos bens simbólicos. O poder que outrora estava no campo metassocial passa aos poucos ao campo das experiências de vida como nos ensina Giddens (2002).

Num terceiro momento surgem os meios de comunicação. O Rádio era um grande instrumento utilizado, mas os canais estavam sintonizados nas estações tradicionalistas nomeadamente às do Rio Grande do Sul, mantendo até certo ponto a tradição. Agora os meios frios (McLuhan, 2007) surgem para suprimir gradativamente o espaço em relação ao tempo como nos ensina David Harvey (1989).

Ora rápido, ora mais lento, a comunidade e seus laços vão se desatando. As instâncias que mantinha coesa e segura à comunidade e à identidade do indivíduo perdem gradativamente seu poder homogeneizador. A Igreja Católica ou Protestante enfraquece-se pela diminuição de seu raio de ação. Primeiro, pela morte gradativa de seus fiéis idosos, depois, pelos jovens encontrarem fora da igreja novos modos de subjetivação.

A escola, como Touraine (1997) afirma, perde espaço para a escola paralela (amigos, internet, televisor) a realidade física se torna menos atrativa do que a realidade virtual. A família, que mantinha (ainda mantém até certa medida) o controle dos seus filhos parece sofrer o mesmo enfraquecimento da Igreja e da Escola. O trabalho, que era referencial de pertença também se volatiliza.

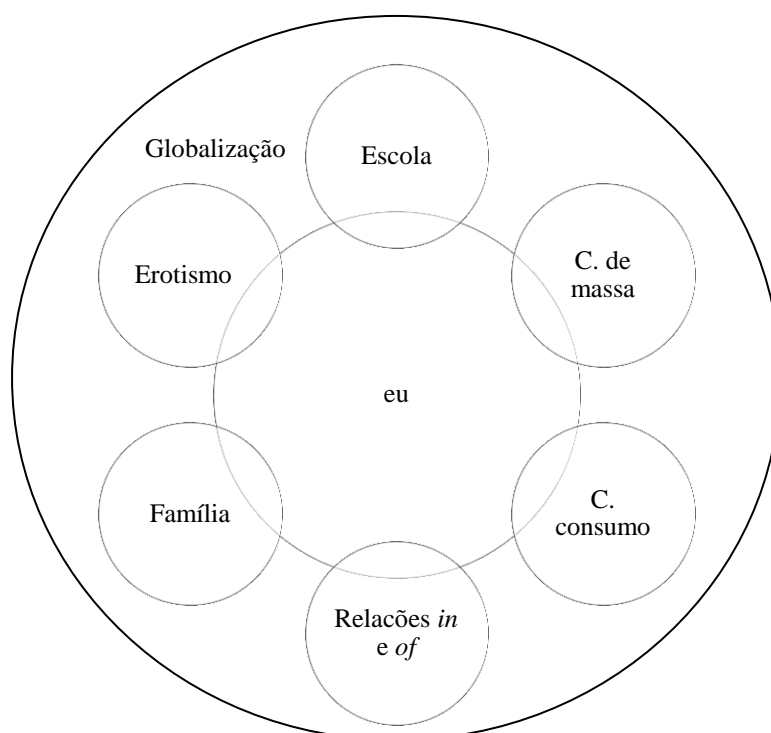
Por fim, as relações duradouras como o casamento baseado nos interesses, familiares, religiosos, educacionais e do trabalho se mostra atenuado descambando para um erotismo/sensualismo. Uma espécie de Superego Social fortemente presente rompe-se gradativamente e o Princípio de Prazer substitui o de Realidade.

Nunca é demais falar que essas transformações não se dão de modo homogêneo e global no espaço regional. Há presente a existência muito grande ainda das identidades grupais, ou se preferirmos comunitárias, igualmente é reconhecido que com

o aumento das relações globais-locais as transformações que se verificam “lá fora” em termos de relações sociais, conjugais, familiares, educacionais; também são amplamente vistas “aqui dentro”. Há uma certa fidelidade à tradição em locais de difícil acesso, fora do interesse do poder econômico e fora do alcance das grandes mídias, mas só o tempo dirá quanto tempo durarão essas fidelidades.

O que era endógeno, hermético e sólido encontra-se fissurado por todos os lados, por todas as entradas surgem imagens, cores, frases, vontades e desejos. Tornando a comunidade enfraquecida. O Eu comunal torna-se eu auto-referencial.

Esquema 2: A dissociação das instâncias valorativas e sua disputa pelo eu.



Fonte: O autor

Se a formação identitária do Eu Comunitário Forte teve sua constituição e permanência na comunidade (Bauman, 2003, Tönnies, 1947) ele é desencaixado (Giddens, 2002) pela sociedade (Bauman, 1998) se tornando líquida (Bauman 2004). Assim, acreditamos ficar mais claro o que queremos propor ao trazer os conceitos de Eu forte e do eu fraco em relação às transformações regionais e sua identidade. O Eu relacionado com a pertença comunitária endógena. O eu autorrefenciador sem pertença definida.

Na fase sólida da modernidade as instituições não sofriam ou muito pouco com a forte influência dos elementos exógenos como os meios de comunicação, por exemplo. A partir da extensão do processo de globalização na região, a modernidade

começou a se liquefazer no sentido de que os valores endógenos da comunidade e de suas instituições diminuem seu raio de ação.

As personalidades não mais se identificam com seus papéis sociais, afirma Freud (1996). E as estruturas comunais tendem a entrar em declínio.

Logo, a globalização tem papel determinante no enfraquecimento das consciências coletivas comunais sobrepujando a permanência efetiva das instituições dominantes na manutenção do Eu Comunitário Forte. Ao mesmo tempo ela permite a libertação desse sujeito para o mundo multicultural dando ao indivíduo maior possibilidade de relações e de possibilidades de vida.

Podemos verificar na figura 2, a diferença que surge na constituição do eu no universo globalizado tanto a partir da divisão do trabalho como na interação dos indivíduos com os *media*, com a cultura de massa, de consumo entre outros.

As instituições sociais e os intermediários culturais (Bauman, 2010b) parece não agirem em consenso. As pessoas, por seu turno, interagem também heterogeneamente com as instituições sociais, com as culturas, com os *media* e com o mercado. Surgem assim, aos seus olhos cada vez mais como competidores ou consumidores, como trabalhadores, como telespectadores, como alunos, como pais e mães, como fiéis, como amigos reais ou virtuais não mais como parte de um todo.

Da figura 1 para a figura 2, observamos transformações relevantes. A figura 1 mostra que uma força centrípeta convergia em torno do indivíduo, ou seja, as instituições levam o indivíduo para dentro da comunidade e o cimentam em suas estruturas e metanarrativas. Fugir dessa consciência coletiva era extremamente desencorajador.

Com as transformações que elencamos acima, a figura 2 mostra não mais forças convergentes para a manutenção do Eu, mas sim forças centrífugas em disputa por esse eu que segundo Touraine (1997) se torna cada vez mais fragmentado.

É sobre a fragmentação da identidade do Eu comunitário forte que essa pesquisa se debruçou. É importante frisar que a identidade está diretamente relacionada à educação. Tanto a educação escolar quanto a familiar é um reflexo da sociedade onde vivemos e a identidade conseqüentemente.

A constituição do Eu comunitário exigia um modelo de educação tanto formal quanto familiar, de moldura e acolhimento do indivíduo em seu seio. O indivíduo ‘aprendia a suspender’ seu eu em prol de algo maior, que era a comunidade. Existia muito marcadamente uma espécie de superego social.

Hoje, frente às transformações que se avolumam no espaço estudado, a pergunta que se faz é: que tipo de educação se tem? Qual princípio orienta a educação do indivíduo em termos de identidade? O mesmo que em todas, ou seja, o genérico cidadão? Cidadão, esse ser instrumentalizado, que desde cedo recebe um número e que esse número é a cédula de seu nascimento, seu crescimento, seu amadurecimento e de sua morte? Um número sem o qual não se é alguém? Um número que dirá se você é ou não de bem, se estará apto ou não a comprar, casar, morar, estudar, e sem o qual nem um médico lhe será oferecido em caso de emergência? Sentimos que não temos um projeto de discussão educacional da identidade a não ser a de cidadão consumidor.

Se há críticas sob o modelo de identidade existente no modelo comunal, que concordamos, analisamos que a crise de identidade que assola as pessoas do mundo líquido moderno é ainda mais cruel porque oferece pouco amparo existencial.

A identidade que se configura é uma não identidade, e sim uma identidade que joga com o modelo econômico existente e seus tentáculos. Isso parece fazer da identidade e sua busca nada mais do que um objeto a ser vendido, comprado, consumido e descartado.

Acredita-se, mais do que nunca, na ideia de que somos, quando nascemos, TORNADOS tábulas rasas, e que a possibilidade de preenchimento durável dessa tábula é praticamente impossível. Essa tábula está sendo constantemente redesenhada e reinscrita cada vez menos por nós mesmos. Desde recém-nascidos temos nossa educação terceirizada. O tempo que os pais passam com seus filhos é cada vez menor. A ideia de Nietzsche que diz: *muitas vezes descobri que o filho era o segredo revelado do pai*, parece cada vez mais distante porque encontramos cada vez menos os pais nos filhos.

A terceirização da educação não compete, nem se preocupa em dar aos menores qualquer tipo de maioridade kantiana, segurança ontológica giddieniana, que nos tornemos o que somos nietzschianos, ou que constituamos um projeto da vida sartreano ou heideggeriano. A crise de identidade é uma crise da educação tanto familiar quanto formal.

A educação que imaginamos deve priorizar também a formação da identidade de si, quanto educação de seus alunos e filhos antes de torná-los cidadãos, ou nem cidadão torná-los, que se entende por cidadania enquadramento.

Quiçá não falemos mais de identidade comunal, cultural, social, mas sim de uma identidade de si como humano, a identidade humana do qual nos fala Morin (2012),

como sujeito e como detentor de desejos que ajude, sobretudo, na constituição subjetiva em que o educando possa dar ouvidos a si mesmo e respeitar o Outro.

Um retorno à comunidade? Não, não há mais motivos para isso sabendo também das suas insuficiências. Acreditamos numa ação de construção de si que possibilite as crianças e os jovens emergirem não mais como simples potenciais trabalhadores, estudantes, compradores, eleitores, reprodutores, mas o mais importante, como pessoas e como sujeitos humanos questionadores e livres.

Essa pesquisa, entretanto, visa mostrar um diagnóstico muito triste do que se tem visto dos jovens. Ressaltamos que a categoria educação aqui estará implícita, pois tudo que envolve as relações humanas é, segundo Groppa (2013), educação. Veremos que o modelo de educação imposto a maioria dos jovens é funesto e triste. A culpa é deles? Não, não são de meninos e meninas de sete, oito, nove anos que são compradas por seus pais e tutores. A culpa não é de recém-nascidos que estampam nos seus pés logotipos da Nike, camisas da Lacoste ou coisas do tipo. Que a partir de então não ‘saberão’ mais viver sem esses logotipos. A culpa não é desses jovens que ‘aprendem’ que precisam ser alguém na vida e que para isso é preciso fazer inúmeros testes e provas que servem para classificar, estimular a disputa e a diferenciação da idolatria consumista. A negligência é o grande câncer identitário do século XXI.

Essa pesquisa pretende estudar o espaço regional partindo já das últimas décadas do século XX até os dias de hoje. Pretendemos não sermos exaustivos na análise da formação da identidade do Eu comunitário forte, pois ela estará implícita em toda discussão.

Partimos então, de como a comunidade se torna sociedade (refere-se aqui ao início das transformações sociais a partir dos efeitos da globalização da economia e dos diversos meios de comunicação: estradas, TV, internet, etc.) em sua relação direta com o indivíduo regional e sua identidade de grupo coeso tanto quanto autorreferenciada.

O foco da pesquisa são os jovens, alunos das escolas (duas escolas para ser exato) da Cidade de São Miguel do Oeste – SC. As escolas foram escolhidas por fazer parte do campo de trabalho do pesquisador. As escolas são de confissão católica e o público que atende é de jovens de classe média e média alta da cidade, filhos de profissionais liberais e de empregados qualificados. A sua maioria são moradores do centro urbano e com amplo acesso aos meios tecnológicos e de informação. Não se diferenciam de modo significativo de qualquer jovem de mesma idade dos grandes centros urbanos do país. Viajam com frequência, seja com a escola onde estudam ou com suas famílias, o que lhe possibilita um maior intercâmbio cultural e enriquecimento

pessoal. Frequentam cursos de línguas e atividades extraescolares como artes marciais, futebol, natação e *ballet*, por exemplo.

Escolhemos a cidade porque é a maior cidade do Extremo-Oeste e que recebe alunos das cidades vizinhas. A faixa etária dos entrevistados é de 13 a 17 anos. A decisão de escolher esse público é devido a necessidade que sentimos de procurar entender como a identidade dessa geração é formada nos espaços onde eles vivem justamente por serem jovens que estão sintonizados com o mundo globalizado e que por meio da internet, da televisão e dos intercâmbios que fazem com o mundo fora das fronteiras geográficas da sua região estão muito mais abertos a mudanças do que jovens da mesma idade que não dispõem do acesso apresentando. Nesse sentido, os jovens pesquisados acabam servindo, ao mesmo tempo, de modelo de atualização para os jovens com menores recursos econômicos e de acesso.

Salientamos novamente que a pesquisa é voltada para os jovens da região. Em nenhum momento citamos os nomes desses alunos para preservar sua identidade, as iniciais são inventadas, a idade é verdadeira.

Raramente ver-se-á a interferência nesse trabalho de adultos da região. Encontram-se nesse trabalho especificamente três passagens; uma de uma psicóloga escolar, de um historiador e de uma professora de licenciatura. Não porque são mais importantes do que as falas dos alunos, mas porque tem muita pertinência com o tema estudado.

Não pretendemos contrapor diretamente os jovens e adultos da região, mas construir um material que sirva de suporte para ações importantes, tanto familiares quanto escolares, no se que se refere aos cuidados dos jovens.

O primeiro capítulo, sob o título: *Globalização: a marca da homogeneização do mundo no universo regional* trata da globalização e de seus primeiros impactos no espaço regional. Buscamos compreender a relação das transformações econômicas, sociais, políticas oriundas desse processo como iniciadora do enfraquecimento da comunidade e, conseqüentemente, do modelo identitário existente. Aqui, pontuamos algumas das profundas transformações que sofreu e que sofre o Extremo Oeste Catarinense a partir dos processos globalizados.

No segundo capítulo: *Conversando sobre identidade* buscamos compreender como se dá a constituição da identidade prioritariamente dos jovens da região. Como por meio das diversas transformações sofridas pelo espaço regional o jovem hoje constitui algo que ele possa chamar de seu eu, sua identidade. Buscamos saber como se dá a organização e exteriorização dos referenciais identificatórios desses jovens.

Seguindo a trilha deixada por esses jovens no capítulo *Conversando sobre identidade* foi que articulamos o restante do trabalho e desse modo construímos o terceiro capítulo: *Sociedade de consumo e cultura de massa: uma análise do global para o local* e, o quarto, *A juventude sitiada: entre o resistir e o aceitar*, capítulos destinados à cultura de massa e de consumo em relação à constituição identitária juvenil.

No quinto capítulo, *O mais belo objeto de consumo: a erotização do corpo e seus efeitos na fragmentação do eu* entramos em um assunto delicado que é a questão da sexualidade usada como elemento constituinte da identidade, mas como mercadoria, como objeto, no qual inclusive substituímos pelo nome de erotismo. Buscamos compreender os efeitos da utilização da sexualidade e do corpo como produto vendável e como isso molda a configuração da identidade dos jovens.

No sexto capítulo, *Amigos: o real e o virtual nas relações juvenis*, demos atenção à outra categoria muito relacionada à identidade juvenil que é a amizade. Analisamos a importância da amizade, principalmente das virtuais via *Facebook* no processo de arranjo e rearranjo identitário juvenil.

Em nosso estudo, procurando compreender os jovens da região em sua busca por identidade, não poderíamos deixar de buscar o entendimento da relação que se dá entre a família-juventude-escola. Assim o sétimo capítulo, *A escola, juventude e família: os desafios de uma relação importante* tenta abarcar isso. Devido a sua importância e fundamental relação direta e indireta na formação, criação e educação dos jovens pensamos ter encontrado na escola e na família a origem da crise identitária atual.

Gostaríamos de salvaguardar que negligenciamos propositalmente categorias como trabalho, religiosidade e política. O trabalho, por não fazer parte da vida desses jovens como fez no passado. Hoje o acesso ao mercado de trabalho se dá mais tardiamente, de modo que o trabalho não foi apontado pela pesquisa como orientador da identidade dos pesquisados. A religião é negligenciada por esses jovens como as famílias tenham feito. Logo não há na pesquisa, dados que apontaram para a religião como constituinte identitário. A política, do mesmo modo que a religião, comumente negligenciada pelos adultos, também o é deveras pelos jovens pesquisados.

O trabalho está estruturado em sete capítulos relacionados diretamente com a observação de campo do espaço pesquisado e aporte teórico. Na pesquisa, observar-se-á uma grande quantidade de citações diretas e indiretas, longas e curtas objetivando não negligenciar a fala de nossos interlocutores. Buscou-se ao máximo a fidedignidade das falas e das escritas de modo a manter a cientificidade da pesquisa e sua autenticidade.

Findada a pesquisa e a escrita de campo, uma pergunta fundamental se fez: se as identidades comunais se vão, se o que se estabelece é uma crise de identidade e que essa crise afeta a todos indistintamente o que fazer? Deixar-nos levar pela onda de consumismo, de sexismo, de competição ou podemos vislumbrar possibilidades?

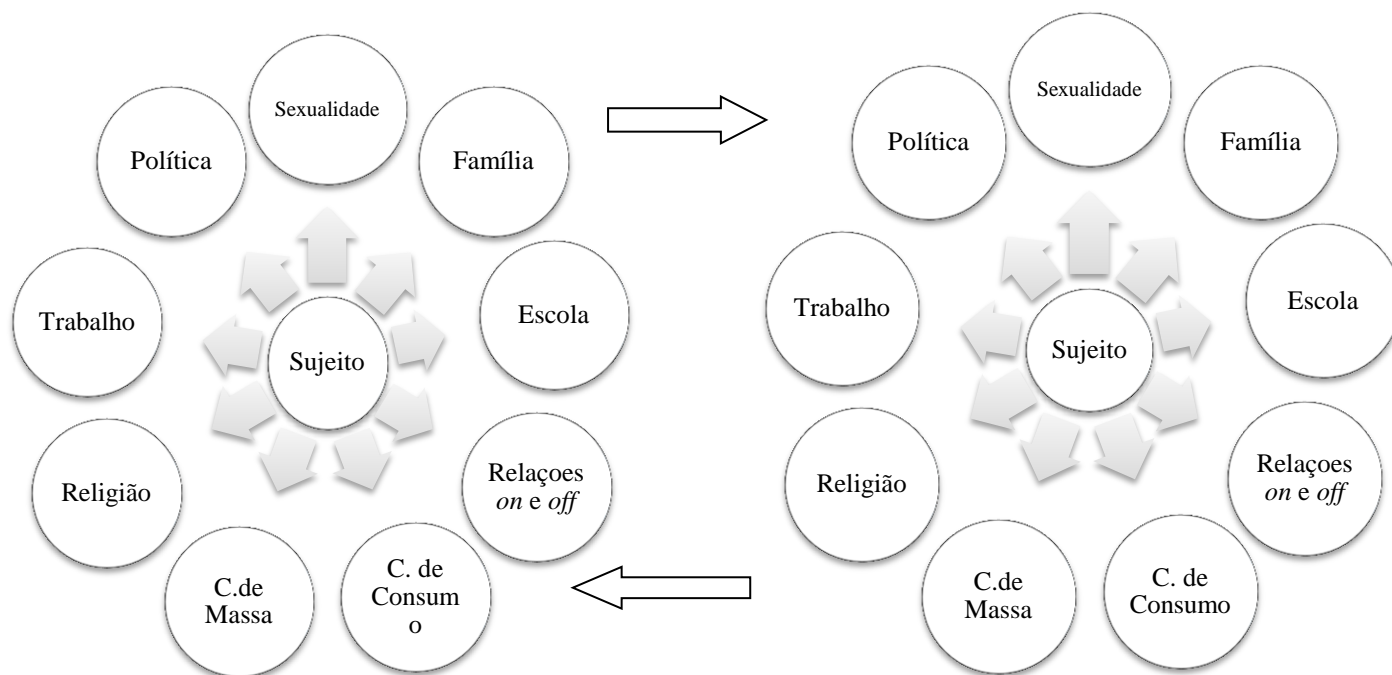
Desse modo procuramos apontar alguns vislumbres, muitas perguntas e poucas respostas, mas um desejo, utópico talvez, de que a educação de nossos jovens possa apontar para novos e melhores horizontes.

Assim, partindo de toda exposição feita nesse trabalho conjecturamos a possibilidade da superação da ideia de identidade comunal ou fragmentada baseado na centralidade da ação individual, na interação da escola para uma educação multicultural e democrática, no reconhecimento do Outro, da importância da família como fundadora de algo tão antigo, mas negligenciado, o Sujeito. Na centralidade da educação não mais voltada à sociedade, mas sim ao indivíduo.

O *insight* que me conduziu a dissertar sobre identidade foi a pergunta que fiz a mim mesmo: o que faz de mim o que eu sou? Qual é a identidade ou identidades que fazem de mim o que eu sou? Quais são as instâncias sociais que moldam meu eu? Como, porque e de que modo eu resisto ou não aos mecanismos de dominação? Como minha família e o meio social onde fui criado me deram bases ontológicas para manter em mim algo que é meu? Que não pode ser comercializado e nem reetiquetado para próxima estação? Todos que conheço e que me cercam ou não, possuem uma segurança ontológica? Seus pais propiciaram uma relação de presença, amorosidade e convivência para que pudessem se tornar o que são? Ou o que são é produto comprado nas feiras pós-modernas do mundo globalizado? Como os jovens de hoje se tornam consumidores compulsivos, bebedores compulsivos, violentos compulsivos, erotizados compulsivamente, midiaticizados e sempre inconclusos? A resposta encontrada, depois de muito pensar foi: a base que fez de mim o que sou para o bem ou para o mal foi minha família, não como a que reprime, mas a que educa e liberta. Por isso pensamos que a família ainda é um núcleo importante de formação individual e coletiva, por isso, concluímos nosso trabalho falando dela.

Para isso baseamos nossa utopia nos estudos de Alain Touraine (1984, 1992, 1997, 2001, 2005, 2007, 2011) em conversação com outros autores como Peter McLaren, (1997) Edgar Morin (2003, 2005, 2011a, 2011b), que ressaltam a importância da comunicação e da educação intercultural, do projeto individual e de uma contra ofensiva em relação às instituições fragmentadoras. Assim organizamos, para fins didáticos, o conceito de Sujeito que imaginamos no quadro que segue.

Esquema 3: O Sujeito como centralidade em relação fundamental com o Outro.



Fonte: o autor

Sob a luz dos dois momentos analisados anteriormente do Eu comunal forte e do eu fragmentado, aludiremos à importância do Sujeito estudada por Alain Touraine (como proposta de superação da identidade assentada até aqui) centrando na comunicação, na educação intercultural, na liberdade e na individuação. Tudo isso mediante a ação, ou seja, pelo ato mesmo de se constituir sujeito de projetos, desejos, vontades próprias sem se esquecer da importância e do mesmo desejo de desejar, projetar e querer do Outro tendo à frente a recusa pelas forças do mercado e do comunitarismo mediante ações sociais e pela luta democrática.

Desse modo a importância de uma educação libertadora do Sujeito para a ação e para a reciprocidade e respeito, segundo Alain Touraine (1997, p.111) é:

Um ator social, portador do Sujeito também nas suas relações interpessoais, nas relações sociais, nas instituições políticas e nas formas de ação coletiva. Mas não é das instituições nem da comunicação interpessoal que convém partir para o descobrir, mas sim da experiência vivida do Sujeito. É preciso deixar, de uma vez por todas, de definir este pela presença, no indivíduo, de um princípio universal, o Verdadeiro, o Belo e o Bem para o qual o indivíduo procura elevar-se. O sujeito não é mais que a resistência, a vontade e a felicidade do indivíduo que defende e afirma a sua individualidade contra as leis do mercado e as leis da comunidade. É em baixo, e já não em cima, na individuação e não na identificação, que o Sujeito age e se manifesta.

Para não sermos extensos aqui, centraremos essa perspectiva do sujeito numa possibilidade de um repensar o papel educacional e familiar. Importante frisar que esse

repensar do qual falamos não parte das instituições educacionais, pois elas não querem ou não parecem querer profundas transformações a não ser aquelas que lhes assegurem *status quo*, trabalhadores e consumidores. Para que o Sujeito ocorra devemos apelar para as individualidades; falamos dos professores, professoras, das escolas nas suas localidades, pais e mães como pessoas humanas não como instituições educacionais ou familiares. É de cada um a responsabilidade para que emerja em nós mesmos, nos jovens alunos os sujeitos que há em cada um.

Essa foi uma pesquisa complexa. A teoria da complexidade de Edgar Morin (2007), (2008), (2012), (2011a), (2011b) nos deu subsídios metodológicos. A partir dela sabemos que o ser humano é uno e múltiplo. É cem por cento cultura e cem por cento natureza. Assim buscamos compreender as diversas nuances que envolvem a constituição identitária dos seres humanos envolvidos na pesquisa seja (biológica, cultural, social, psicológica). Segundo Morin, (2011a, p.43): *Precisamos conceber uma realidade complexa, formada por um coquetel sempre variável de ordem, de desordem e de organização*. Caminhamos também à luz da sociologia compreensiva e da ação que tiveram suas origens em Max Weber (2013) encontrando apoio em Raymond Aron (2003), Alain Touraine (1984, 1992, 1997, 2001, 2005, 2007) e Raymond Boubon (1995). Da Sociologia Humanística de Zygmunt Bauman (2004, 2009, 2013, 2007, 2008a, 2008b, 2008c, 2009a, 2009b, 2010a, 2010b, 2010c, 2011a, 2011b), encontramos também suporte teórico. Bauman é o grande questionador e diagnosticador da condição humana atual, sua leitura parece ser cada vez mais obrigatória para aqueles e aquelas que pretendem buscar compreensão das vicissitudes desse novo espírito do tempo.

Analisar, compreender e explicar foi da sociologia compreensiva, e da ação o nosso maior intuito e caminho a percorrido.

Desse modo, gostaríamos de enfatizar mais uma vez que esse estudo partiu de jovens e adolescentes. Toda ênfase foi dada à análise, compreensão e explicação da realidade regional a partir de suas vivências.

O método para a compreensão da realidade desses alunos foi por meio de Grupo Focal.

O Grupo Focal se mostrou um método interessante de coleta de dados porque deu aos envolvidos espaços para debates que, muitas vezes, é impossibilitado por questionários abertos ou fechados. Deu ao pesquisador e aos jovens entrevistados possibilidades de debates e discussões que enriqueceram nossa pesquisa. Alargou o horizonte da escrita sobre assuntos ou ideias que poderiam passar despercebidos em outros métodos.

Segundo Lervolino e Perlicioni (2013, p.117):

A coleta de dados através do grupo focal tem como uma de suas maiores riquezas basear-se na tendência humana de formar opiniões e atitudes na interação com outros indivíduos. Ele contrasta, nesse sentido, com dados colhidos em questionários fechados ou entrevistas individuais, onde o indivíduo é convocado a emitir opiniões sobre assuntos que talvez nunca tenha pensado anteriormente. As pessoas, em geral, precisam ouvir as opiniões dos outros antes de formar as suas próprias, e constantemente mudam de posição (ou fundamentam melhor sua posição inicial) quando expostas à discussão em grupo. É exatamente este processo que o grupo focal tenta captar.

Ademais, o grupo focal deu a todos os envolvidos, pesquisador e pesquisados, a possibilidade de expor suas ideias e debater sobre elas em tempos em que debates sérios e profundos parecem cada vez mais diminutos.

Logo:

O Grupo Focal ou Grupo Foco (GF) tem sido utilizado em pesquisas qualitativas com o objetivo de coletar dados através da interação grupal. Segundo Charlesworth e Rodwell (1997), o GF é, especialmente, utilizado em delineamento de pesquisas que consideram a visão dos participantes em relação a uma experiência ou a um evento. [...] As vantagens da utilização do Grupo Focal são diversas. Uma delas é que o GF promove insight, isto é, os participantes se dão conta das crenças e atitudes que estão presentes em seus comportamentos e nos dos outros, do que pensam e aprenderam com as situações da vida, através da troca de experiências e opiniões entre os participantes. Os Grupos Focais são eficientes na etapa de levantamento de dados, pois um número pequeno de grupos pode gerar um extenso número de ideias sobre as categorias do estudo desejado. (DE ANTONI *et al*, 2013, p.03)

Os Grupos Focais foram organizados por temáticas e turmas. Assim, os capítulos que nortearam essa pesquisa foram amplamente debatidos entre os jovens em sala de aula (do 9º ano do ensino fundamental ao 3º ano do ensino médio) antes de ser traduzido em texto pelos próprios alunos, (suporte usado por nós para extrair as citações). Desse modo, sexualidade, identidade, meios de comunicação de massa, consumismo, família, escola, amizade, *Facebook* entre outros elementos analisados nessa pesquisa são assuntos que foram debatidos nos grupos focais.

Os grupos foram organizados por turmas e abrangeram todos os alunos de cada sala, ou seja, os temas foram debatidos cada um separadamente em ocasiões diferentes gerando produções textuais diferentes. Não houve a mistura de séries e faixa etárias. Cada discussão foi realizada com os alunos em suas turmas originais, evitamos assim a contaminação e a imposição das ideias dos mais velhos sobre os mais novos. Temos dessa forma o número de duzentos e oitenta textos sobre os temas pesquisados. A coleta de dados durou aproximadamente um ano.

O produto desses diálogos foram amplamente analisados, organizados e catalogados e o método mais apropriado que julgamos para dar suporte teórico e voz de modo geral a todos os envolvidos foi o tipo-ideal weberiano.

Que segundo Aron (2003, p.756):

O conceito de tipo ideal se situa no ponto de convergência de várias tendências do pensamento weberiano. **O tipo ideal está ligado à noção de compreensão**, pois todo tipo ideal é uma organização de relações inteligíveis próprias a um conjunto histórico ou a uma sequência de acontecimentos. Por outro lado, o tipo ideal está associado ao que é **característico da sociedade**. A construção de tipos ideais é uma expressão do esforço de todas as disciplinas científicas para tornar inteligível a matéria, identificando sua racionalidade interna, **e até mesmo construindo esta racionalidade a partir de uma matéria ainda meio informe**. Por fim, o tipo ideal se vincula também à concepção analítica e parcial da causalidade. O tipo ideal permite, de fato, perceber **indivíduos históricos ou conjuntos históricos. Mas o tipo ideal é uma percepção parcial de um conjunto global; conserva toda relação causal o seu caráter parcial, mesmo quando, em aparência, abrange toda uma sociedade** (grifo nosso).

Em resumo, buscamos compreender a identidade dos jovens por eles mesmos. Discutimos amplamente diversos assuntos que norteiam a vida desses jovens por meio de grupos focais, tais membros desses grupos focais geraram uma produção textual individual sobre os assuntos debatidos. Pela impossibilidade de citar todos os envolvidos criamos ‘um tipo-ideal’ que norteou cada capítulo em cruzamento com o levantamento teórico.

Acreditamos atender as mínimas exigências de cientificidade que todo trabalho dessa espécie exige, dando ao mesmo tempo, espaço para as vozes dos jovens. Não fizemos como comumente é feito em pesquisas desse tipo: pesquisa teórica de um lado e pesquisa de campo do outro. Julgamos ser mais consistente e mais fecundo cruzar a ideia dos autores em conjunto com a fala dos alunos pesquisados. Pensamos assim em enriquecer o diálogo da pesquisa numa relação hermenêutica entre pesquisador-pesquisados-teóricos. Então, durante toda a pesquisa encontraremos passagens dos pesquisados em citações diretas ou indiretas em contato muitas vezes com as citações dos cientistas sociais estudados.

O élan que norteou esse trabalho vem da experiência de vida do autor, perpassando por estudos teóricos e de campo. Teoricamente esse trabalho baseou-se em vários pensadores entre os quais: Zygmunt Bauman, Max Weber, Sigmund Freud, Alain Touraine e Edgar Morin que com suas extensas obras nos ensinam sobre as transformações sociais, a relação do indivíduo consigo mesmo e com as instituições que os cercam. Com Manuel Castells foi possível entender como as identidades se inter-relacionam na sociedade da informação e da sociedade em redes. Igualmente

encontramos em Michel Maffesoli, a positividade dessa liquefação da identidade em detrimento das tribos. Em Giddens a transformação do mundo da política para o mundo da vida e a relação da segurança ontogênica para a manutenção do eu enquanto projeto de vida. Stuart Hall, que nos ajuda com seus estudos sobre a identidade cultural na pós-modernidade, onde a relação identitária relaciona-se com a cultura e não com a sociedade, dando assim teoricamente, margens para relações mais recíprocas. Com Birman, Capellato, Corso, Groppa, pudemos compreender melhor como se deu a constituição familiar do passado e como se dá no presente. Alain Touraine surge como o grande intelectual que propõe a superação da identidade da comunidade e da sociedade, e nos ensina que as relações na sociedade pós-industrial são culturais. Propõe-nos o Sujeito como fonte inspiradora de transformação. Os textos de Freud, como o *Mal estar na civilização*; *Futuro de uma ilusão*; *Três teorias da sexualidade* entre outros nos ajudaram a entender a psique humana e suas pulsões e desejos. Esses e outros pensadores ajudaram com seus estudos a pensar esse trabalho. Outro que não posso esquecer e de fundamental importância nessa pesquisa foram as leituras complexas do professor Dr. Paulino Eidt sempre relacionando local-global, sempre nos ensinando sobre a multiplicidade e a unidade do ser humano, é sempre exemplo de intelectual.

Logo, esse trabalho propõe um diálogo com esses e outros autores para analisar as transformações do Extremo-Oeste Catarinense sob o prisma da identidade e suas relações, sobretudo juvenis.

Segundo Freud (1996): *O pensamento é a ação ensaiando*. Posto isso, há muito pensava sobre minha condição quanto indivíduo pertencente ou não a uma comunidade, ou seja, detentor de uma identidade de grupo. Concluí que nunca vi em mim a força seja da Igreja, das tradições, da escola ou da minha própria família determinando positiva ou negativamente uma pertença sólida a algo qualquer que seja. O que posso afirmar foi uma sólida carga afetiva recebida por meus pais e irmãos.

Filho de pai pernambucano, mãe paulista, neto de negro com imigrante italiana e de nordestinos de descendência árabe, me caracterizo como um mosaico cultural do qual nos ensina Darcy Ribeiro (1995). Logo uma pertença tradicional é no mínimo incongruente.

Paulistano de nascença, saí de São Paulo aos dez anos de idade rumo a Cuiabá. Lá as relações institucionais se deram do mesmo modo. Nunca fui obrigado a ir à Igreja, por exemplo. Batizado por convenção social, que mais tarde foi dissolvido por minha mãe e por meu pai que nunca me obrigaram ou pediram para ir à igreja alguma, embora fossem deístas, manter algum tipo de voto, partido político, estilo musical, nunca me foi

sugerido, muito menos imposto, muito embora tive dos meus pais, amplo acesso aos livros.

Analisando minha infância e adolescência percebo que foi muito rica em relações inter e multiculturais. Com amigos de classes sociais diferentes, cores diferentes, credos diferentes, frequentei a Igreja Católica, Evangélica, o Candomblé e a Umbanda por interesse próprio, me tornei com essas experiências também um deísta. Talvez isso tenha me ajudado a ser menos preconceituoso. Conheci homossexuais, garotos e garotas de programa, ‘maus elementos’ que iam fumar maconha no campinho de futebol depois da aula, pagodeiros, funkeiros, roqueiros, frequentava suas festas. Essa miríade de elementos culturais me fez enxergar mais tarde, que estava muito próximo da multi e interculturalidade proposta por Touraine, que acredita ser benéfico para a emergência do Sujeito.

Por namorar uma catarinense e em seguida vir morar no Sul do país, meus horizontes culturais se alargaram. Pude vislumbrar uma região onde a presença da comunidade realmente existia, e meu olhar de estrangeiro se defrontara com coisas que até então não havia defrontado. A força de um ideal de tradição, da religião, da família e do espaço geográfico na ‘moldagem’ do indivíduo ao mesmo tempo em que via isso se diluindo muito rapidamente.

A cada viagem a lugares e cidades pequenas presenciava ‘a marca’ do espaço em cada habitante principalmente nos mais velhos. Os anos 2000 foram realmente significativos para minhas observações principalmente quando da inserção da internet. As relações locais se tornaram mais globais. Uma diferenciação muito acelerada pôde ser observada nos jovens que ‘se libertavam’ das amarras quando o lá fora começa a fazer parte do aqui dentro. Meus estudos: técnico em Meio Ambiente; graduação em História e a especialização em ciências sociais foram importantes para dar suporte teórico às observações empíricas.

Quatro pesquisas (todas sob orientação do professor Dr. Paulino Eidt) de iniciação científica na faculdade me ajudaram ainda mais nas constatações e em novas perguntas. A primeira: *Cultura e Natureza interdições e conflitos um olhar sobre o passado regional* serviu para entender as relações de interdições culturais sobre as vontades e desejos individuais em prol de algo maior, (a preservação da Comunidade). A Segunda: *A influência da economia e dos meios de comunicação de massa na mudança do padrão cultural*: foi a pesquisa que marca os estudos das transformações regionais e individuais. A terceira: *A Umbanda no Extremo Oeste Catarinense: novos olhares sobre a regionalidade regional*. Analisa a entrada, por muitos, inverossímil de

uma religião tão heterogênea culturalmente numa região tão endógena. Outra pesquisa, a quarta, denominada *A religião da juventude numa perspectiva pós-moderna*: trouxe a possibilidade de entender a influência dos meios de comunicação na formação da identidade juvenil e da emergência de uma nova relação espaço-temporal na região e nas identidades.

As leituras e as pesquisas despertaram em mim o desejo de aprofundar as pesquisas sobre a identidade. A relação dos indivíduos com as instituições sociais e a presença dessas instituições no *modus vivendi* das pessoas. Nunca fui afeito a teorias globalizantes que relacionam o desejo da massa como o desejo de todos. Nem que o econômico é o que define as relações sociais. Por isso essa pesquisa é entre outras coisas, voltada para o indivíduo, para os estudos culturais, da comunidade, da sociedade, da identidade e do sujeito em relação com a escola, família, tradição, igreja, redes sociais, sexualidade, etc. Ou seja, é um trabalho complexo em que todos os elementos terão igual valor e serão analisados, compreendidos e explicados com prudência e dedicação para que o resultado possa ajudar na compreensão das relações humanas e para que essas possam de algum modo ser humanas.

2 GLOBALIZAÇÃO: AS MARCAS DA HOMOGENEIZAÇÃO DO MUNDO NO PANORAMA REGIONAL

O que, então, está tão poderosamente deslocando as identidades, agora? A resposta é: um complexo de processos e forças de mudança, que, por conveniência, pode ser sintetizado sob o termo “globalização” (HALL, 2003, p. 45).

O processo de globalização capitalista racionaliza o comportamento e as ideias e, ao fazê-lo, expulsa de nossas mentes, juntamente com a crença metafísica, as ideias mística e romântica de todos os tipos. E assim reformula não só os métodos de atingir nossos fins como também os próprios fins (SCHUMPETER, 1991, p.122).

A “globalização” está na ordem do dia; uma palavra da moda que se transforma rapidamente em um lema, uma encantação mágica, uma senha capaz de abrir as portas de todos os mistérios presentes e futuros. Para alguns, “globalização” é o que devemos fazer se quisermos ser felizes; para outros, é a causa da nossa infelicidade. Para todos, porém, “globalização” é o destino irremediável do mundo, um processo irreversível; é também um processo que nos afeta a todos na mesma medida e da mesma maneira. Estamos todos sendo “globalizados” – e isso significa basicamente o mesmo para todos (BAUMAN, 2005, p. 76).

Um processo de homogeneização do mundo parece em curso. Isso não é novidade desde os fins da Segunda Guerra Mundial ou muito antes. Bauman parece certo ao afirmar que a globalização é um processo irreversível e que dirá irresistível. Querendo ou não, amando ou odiando, a globalização se apresenta cada vez mais como a Nova Ordem Mundial ou uma faceta dela.

É vista pelos entusiastas como a possibilidade de pôr fim às barreiras norte/sul, desenvolvido/subdesenvolvido, possibilitando assim, ressaltar as diferenças e o respeito sob a insígnia do multiculturalismo.

Por outro lado, há autores como Lombardi (2011), para o qual a globalização nada mais é do que um nome sofisticado dado ao velho e conhecido liberalismo que se esconde sobre uma rubrica equalizante, mas prossegue oprimindo, verticalizando e perpetuando a opressão imperialista dos séculos XVIII e XIX, porém ‘com ares democráticos’; a invasão dos países, os embargos econômicos, a ameaça de exclusão de dissidentes, conseguem agora, em nome da paz e da democracia (democracia de produção, consumo e venda), amplo apoio nos meios de comunicação de massa.

O presente capítulo faz em um primeiro momento uma abordagem teórica sobre como a globalização vem impactando o nosso dia a dia, na área da tecnologia, da economia, da política e da cultura. Em um segundo momento sinaliza a forma como os processos globalizantes penetraram e penetram na região do Oeste de Santa Catarina, transformando o *modus vivendi* da população bem como sua identidade. Modo de vida

construído com base na solidariedade e no viver comunitário. Esse capítulo servirá de base para compreensão dos demais.

Enfim, com o arcabouço teórico e conceitual procuramos entender as tramas da racionalidade produtiva e as condições objetivas e da subjetivação imposta aos espaços submetidos à lógica da revolução científica e tecnológica.

2.1 A GLOBALIZAÇÃO E SUAS MARCAS

O que diferencia a globalização do imperialismo dos séculos XVIII, XIX e parte do XX é o *modus operandi*. Enquanto as nações imperialistas se faziam presentes de maneira física, se fazia sentir quanto força opressora, exploradora e expropriadora, com seus exércitos, suas armas e sua política de protetorados hoje, a presença parece se dar de modo sutil, suave como uma brisa, invisível. O domínio não se dá mais pelo controle das fronteiras e territórios e sim pelos fluxos.

Sob a forma de organizações, o capitalismo global foi impulsionado no período pós-guerra e principalmente na II metade do século XX por meio do Fundo Monetário Internacional (FMI); Banco Mundial ou Banco Internacional de Reconstrução e Desenvolvimento (BIRD); Organização Mundial do Comércio (OMC); Organização para Cooperação e Desenvolvimento (OCDE); Organização Mundial da Saúde (OMS); Organização das Nações Unidas (ONU); Organização do Tratado do Atlântico Norte (OTAN); União Europeia (EU); Brasil, Rússia, Índia, China e África do Sul (BRICS); Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID); Associação Latino-Americana para o Desenvolvimento Industrial e Social (ALADIS); Comissão Econômica para a América Latina (CEPAL); Mercado Comum do Sul (MERCOSUL); Comunidade Econômica Europeia (CEE), entre tantos outros. Cotações: Ouro, Euro, Dólar, Yuan, Libra Esterlina, etc.

Milton Santos (1996) afirma que a universalização do mundo pode ser constatada nos fatos. Universalização da produção, incluindo a produção agrícola, dos processos produtivos e do marketing. Universalização das trocas, universalização do capital e de seu mercado, universalização da mercadoria, dos preços e do dinheiro como mercadoria-padrão, universalização das finanças e das dívidas, universalização do modelo de utilização dos recursos por meio de uma universalização do trabalho, isto é, do mercado do trabalho e do trabalho improdutivo, universalização do ambiente das firmas e das economias, universalização dos gostos, do consumo, da alimentação. Universalização da cultura e dos modelos de vida social, universalização de uma

racionalidade a serviço do capital erigida em moralidade igualmente universalizada, universalização de uma ideologia mercantil concebida do exterior, universalização do espaço, universalização da sociedade tornada mundial e do homem ameaçado por uma alienação total.

Desse modo, a globalização, sob o mote da ‘mútua dependência’ - enquanto uns poluem outros não podem, enquanto uns produzem os outros consomem, enquanto uns permanecem agroexportadores, outros impõem seus bens tecnológicos - levaria aos quatro cantos do globo as ‘benesses do desenvolvimento econômico’ em detrimento da ‘pobreza e do *habitus* retrógrado’ das localidades. As diferenças se esvaem. Segundo Ianni (2001, p.93): *A globalização tende a desenraizar as coisas, as gentes e as ideias. Sem prejuízo de suas origens, marcas de nascimento, determinações primordiais, adquirem algo de deslocado, genérico, indiferente. [...] aos poucos predomina o espaço global em tempo principalmente presente.*

Por sua vez Bauman (1999 p. 15), apresenta um quadro mais sombrio sobre as mudanças ‘globalizantes’. Conforme ele, estas mudanças levam-nos, invariavelmente, ao movimento, ao erro e até mesmo a mendicância de sentido:

Todos nós estamos, a contragosto, por desígnio ou à revelia, em movimento. Estamos em movimento mesmo que fisicamente estejamos imóveis: a imobilidade não é uma opção realista num mundo em permanente mudança. E, no entanto, os efeitos dessa nova condição são radicalmente desiguais. Alguns de nós tornam-se plena e verdadeiramente “globais”; alguns se fixam na sua “localidade” – transe que não é nem agradável nem suportável num mundo em que os “globais” dão o tom e fazem as regras do jogo da vida.

Nada disso aponta como novidade ao cidadão médio de qualquer parte do mundo. Porém, se é verdade que a globalização e o que advêm dela tende a homogeneizar o mundo. Também é possível que ela não se dê de modo simultâneo e igual em todas as partes. Em um plano puramente técnico a economia de mercado só pode ser introduzida na medida em que o sistema de transporte for suficientemente eficaz para garantir o encaminhamento dos excedentes da produção a seus consumidores eventuais. Santos (2001, p. 86) afirma que, criaram-se incompatibilidades entre velocidades diversas; e os portadores das velocidades extremas buscam induzir os demais atores a acompanhá-los [...] *Há, sempre, uma seletividade nessa difusão, separando os espaços da pressa daqueles outros propícios à lentidão.*

Se a globalização tende a homogeneizar, colocar fim às barreiras geográficas, enfraquecer as tradições e inserir os diversos espaços dentro de um único sistema econômico, isso não quer dizer que as pesquisas sociológicas, geográficas,

antropológicas entre outras devam seguir o mesmo caminho. Os grandes movimentos ‘ideológicos’ (humanismo, positivismo e iluminismo), cada um no seu devido tempo propugnaram um melhor modo de produzir, consumir e pensar; e todos foram devidamente criticados por grandes pensadores.

Os estudos em torno da globalização e seus efeitos tendem a chegar num denominador comum. Bauman (2008, p.48) afirma que *todos estamos fadados a contragosto ou não aos desígnios da globalização*.

Acreditamos na possibilidade de escolha e resistência. Entretanto, isso só será possível compreendendo, analisando e explicando a parte que nos cabe, ou seja, o espaço geográfico e sociocultural no qual estamos inseridos. Logo, pretendemos dar uma viagem compreensiva de idas e vindas em torno do conceito de globalização e seus aspectos mais gerais para quiçá jogar luz sobre a realidade.

2.2 HOMOGENEIZAÇÃO: O ENGLOBAMENTO DO SUJEITO REGIONAL AOS DITAMES DO MERCADO MUNDIAL.

Com efeito, sobre a globalização do espaço regional, não podemos precisar a data de chegada, não sabemos a intensidade, a duração, muito menos seus efeitos. Todavia, já é possível sentir no que se refere à noção de economia, tradição, cultura e de território, na influência do global sobre o local e na dimensão espaço/tempo e a própria concepção de história.

A título de demarcação histórica (para maiores detalhes ver referências) a região que hoje compreende o Oeste Catarinense tem sua colonização datada do início do século XX e atingiu seu apogeu na década de 1980. A formação étnica dessa população tem base europeia. Alemães, italianos, poloneses foram em sua maioria os colonizadores da região. Distribuídos pelo espaço que faz divisas com o Rio Grande do Sul, Paraná, Argentina, os migrantes ocuparam o espaço e constituíram seus *mores*. Com base em crenças religiosas dividiram-se em seus primórdios, em duas categorias: os protestantes alemães formaram a região de Porto Feliz - Mondai, Iporã do Oeste e Riqueza, por exemplo -, e os católicos alemães, Porto Novo - Itapiranga, São João do Oeste e Tunápolis, por exemplo.

A pequena propriedade, a policultura, a autossuficiência, as trocas comerciais locais eram as marcas econômicas da região. A criação dos animais era nomeadamente caseira, sem padrões tecnologicamente dado. A vida se dava mais ou menos ao estilo do que Bauman (2003, p.07) define de comunidade:

[...] Numa comunidade, todos nos entendemos bem, podemos confiar no que ouvimos, estamos seguros a maior parte do tempo e raramente ficamos desconcertados ou somos surpreendidos. Nunca somos estranhos entre nós. Podemos discutir — mas são discussões amigáveis, pois todos estamos tentando tornar nosso estar juntos ainda melhor e mais agradável do que até aqui e, embora levados pela mesma vontade de melhorar nossa vida em comum, podemos discordar sobre como fazê-lo. Mas nunca desejamos má sorte uns aos outros, e podemos estar certos de que os outros à nossa volta nos querem bem. [...] E ainda: numa comunidade podemos contar com a boa vontade dos outros. Se tropeçarmos e cairmos, os outros nos ajudarão a ficar de pé outra vez. Ninguém vai rir de nós, nem ridicularizar nossa falta de jeito e alegrar-se com nossa desgraça. Se dermos um mau passo, ainda podemos nos confessar, dar explicações e pedir desculpas, arrepender-nos se necessário; as pessoas ouvirão com simpatia e nos perdoarão, de modo que ninguém fique ressentido para sempre. E sempre haverá alguém para nos dar a mão em momentos de tristeza. Quando passarmos por momentos difíceis e por necessidades sérias, as pessoas não pedirão fiança antes de decidirem se nos ajudarão; não perguntarão como e quando retribuiremos, mas sim do que precisamos.

Em muitas situações o sociólogo fala de comunidade com outros parâmetros e contextos. No geral, comunidade sempre é o oposto de sociedade e aos olhos de pensadores, como Tönnies (1947), Durkheim (1995) e em certa medida, o próprio Bauman (2003), sempre encontramos algo de nostálgico em seus escritos em relação à vida comunal em detrimento das tribulações do universo social.

Milton Santos (2001, p. 36) escreve que o uso extremado das técnicas e a proeminência do pensamento técnico conduzem à necessidade obsessiva de normas. Essa pletera normativa é indispensável à eficácia da ação. Como, porém as atividades hegemônicas tendem a uma centralização consecutiva à concentração da economia, aumenta a inflexibilidade dos comportamentos, acarretando um mal-estar no corpo social.

Este mal-estar pode ser percebido na região Oeste de Santa Catarina, a partir dos anos 1970, quando entra nos circuitos nacionais e internacionais da economia (Revolução Verde). O potencial da mão de obra, os recursos naturais presentes (rios, a qualidade do solo, e os interesses dos grupos econômicos) tornaram ora lento, ora rápido o universo regional numa das mais importantes bacias leiteiras do país, bem como, na maior produtora de aves e suínos. Abriram-se as portas da região para o mercado mundial de carnes, leites e derivados, bem como a transformação sociocultural do espaço regional. Alargou-se o território (acelerou-se o processo de derrubadas das matas, a exclusão do diferente se tornou ainda mais cruel – caboclo e indígena – e a produção tornou-se extremamente racionalizada, aos moldes dos grandes frigoríficos que se instalam. A raça do porco a ser criada se padroniza, bem como o gado de corte,

de leite e as aves, a poluição das águas aumenta assustadoramente, bem como sua contaminação por dejetos animais notadamente o suíno).

Em consequência, a comunidade tende a se tornar uma sociedade, o Eu tornar-se eu e o navio da globalização lança âncoras. Um processo de distanciamento entre os membros das comunidades parece se acentuando. Aqui nos remetemos novamente a Tönnies (1947) e Bauman (2003), que em linhas gerais concordam com a ideia de que em comunidades as relações entre seus membros se dão de modo autêntico, por outro lado, a dissolução das comunidades em sociedades mostram relações menos legítimas, as relações face a face tendem a diminuição. Desse modo, Tönnies (1947, p.41) postula assim, o que seriam as regras gerais da comunidade: *a) parentes, cônjuges, vizinhos e amigos se gostam reciprocamente; b) entre os que se gostam, há consenso; c) os que se gostam, se entendem, convivem e permanecem juntos, ordenam sua vida em comum.* Para Bauman (2003), a Comunidade seria o lugar aconchegante onde todos sabem quem são seus membros e as ideias são recíprocas para o bem comum. A comunidade difere da sociedade nesse sentido dado que na sociedade vigora a diferenciação e a heterogeneidade, as relações face a face diminuem, e os laços afetivos de reciprocidade tendem a fragmentação e conseqüentemente a identidade enfraquece, dissipa pelo fato de seus membros estarem cumprindo as demandas da produção (como criação, ordenhas, plantio ou preparo da terra), na própria produção como funcionários de chão-de-fábrica, ou da diferenciação em torno da melhor casa, melhor carro, melhor roupa. Logo, a peculiaridades comunais que deram origem à região, seus costumes e crenças, seu *habitus* sofre novas demandas.

Santos (2001) quando se refere ao capitalismo globalizado afirma que a tirania do dinheiro e a tirania da informação são os pilares da produção da história atual. Para o autor, ambas juntas, fornecem as bases do sistema ideológico que legitima as ações mais características da época e ao mesmo tempo, buscam conformar segundo um novo *ethos* as relações sociais e interpessoais, influenciando o caráter das pessoas. A competitividade, sugerida pela produção e pelo consumo é a fonte de novos totalitarismos, mais facilmente aceitos graças à confusão dos espíritos que se instala.

Stuart Hall (2003) avalia o processo de deslocamento das estruturas tradicionais ocorrido nas sociedades modernas, assim como o descentramento dos quadros de referências que ligavam o indivíduo ao seu mundo social e cultural a partir do processo de globalização. Para o autor, a globalização, desaloja o sistema social e as estruturas por muito tempo consideradas como fixas.

Se inicia, assim, o processo de desencaixe do qual nos fala Giddens (2002, p.89): *Em condições de modernidade, uma quantidade cada vez maior de pessoas vivem em circunstâncias nas quais instituições desencaixadas, ligando práticas locais a relações sociais globalizadas, organizam os aspectos principais da vida cotidiana.*

E para Milton Santos (2001, p. 49): *O Consumismo e competitividade levam ao emagrecimento moral e intelectual da pessoa, à redução da personalidade e da visão do mundo, convidando, também, a esquecer a oposição fundamental entre a figura do consumidor e a figura do cidadão.*

Ianni, (2003, p.272):

Nesse mundo globalizado [...] o indivíduo se mutila, se reduz, fragmenta, apaga, anula. Transforma-se em títere, autômato, zumbi. Fica solitário, no mapa do mundo, membro de uma vasta multidão de solitários; espectadores, audiência, público, massa. Está disperso nas cartografias, portulanos e mapas com os quais se desenha o atlas mundial.

A globalização, a homogeneização cultural, a fragmentação e o esfacelamento das diferenças em prol de um mundo global parece não ser percebida pelos jovens. Os jovens locais abrem-se cada vez mais a favor das redes e dos infinitos espaços propostos pela globalização e seus meios de comunicação; das aventuras, do mistério e das infinitas possibilidades de libertação das amarras comunais, que aprenderam a ignorar desde muita tenra idade pelos discursos de sofrimento nostálgico dos seus pais e avós, em favor das milhares possibilidades felizes expostas na TV.

Se, de um lado a globalização pressupõe afundar os trabalhadores em suas cidades, acorrentando-os às batidas do relógio, dos dias e dos meses, ao pagamento do fim do mês, às contas do cartão de crédito, ao cumprimento do plano de metas, da TV à cabo, da internet, às férias programadas; do outro, promete a possibilidade de alforria, de liberdade, de cosmopolitismo e da felicidade-sem-fim dos comerciais de celular. Como reflete Bauman: (1999, p.08):

Ser local num mundo globalizado é sinal de privação e degradação social. Os desconfortos da existência localizada compõem-se do fato de que, com os espaços públicos removidos para além do alcance da vida localizada, as localidades estão dependentes de ações que dão e interpretam sentidos, ações que elas não controlam.

A ágora de discussões se reinventa. O *Facebook*, o *Orkut* entre outras redes sociais, tornam-se os elementos aglutinadores das massas, que até agora parece não ter grandes pretensões. Conforme Balandier (1997, p. 224): *Há mecanismos de controle na*

sociedade aberta, semelhantes a um animal numa reserva. Carregamos inúmeras coleiras eletrônicas.

Sem grandes movimentos sociais (quando dizemos grandes, nos reportamos aos grandes movimentos referentes à Segunda Guerra Mundial, a 1968 ou aos movimentos cara-pintadas. A fome, a desigualdade, o suborno, o roubo e a falta de leitos nos hospitais ‘não parecem ser tão grandes assim’ para causar realmente desconforto) as gentes regionais de todas as regionalidades espalhadas pelo globo entram numa espécie de transe coletivo, como aponta Bauman (1999). Luta de comunidades virtuais a favor da penalização da mulher que violenta o cachorro é infinitamente maior do que contra a mãe que joga seu filho no lixo, bem como, do mendigo que morre queimado por jovens delinquentes, isso é o que parece suscitar quando observamos as redes.

Rorty (2005) afirma que estamos correndo o perigo de ficar com apenas dois grupos sociais genuinamente globais e internacionais: os super ricos e os intelectuais, ou seja, as pessoas que participam de conferências internacionais dedicadas a avaliar os danos causados por seus colegas cosmopolitas super ricos. Bauman (2008, p. 190) por sua vez, acrescenta um terceiro ‘grupo social’ à lista dos cosmopolitas, abrangendo traficantes de drogas, terroristas e outros criminosos.

Por outro lado, a visão unilateral do processo de globalização é refutada por Haesbaert (2007) quando vislumbra a possibilidade de uma sociedade global no sentido positivo, e não apenas negativo de opressão e controle. Conforme o autor (2007, p, 50):

Simbolicamente, territórios como aqueles das reservas naturais e patrimônios da humanidade podem ajudar na consolidação de uma identidade-mundo, capaz de unir numa mesma "rede-território" toda a civilização planetária, que pela primeira vez (desde a Segunda Grande Guerra) coloca em risco sua própria existência na superfície da Terra.

Na leitura do autor, uma nova territorialidade emerge nas entranhas da globalização. Conforme ele, entre as características que regem a emergência destas novas-antigas territorialidades temos inserido nos processos de globalização/mundialização:

A formação simultânea de uma elite globalizada *vis a vis* a uma enorme massa de excluídos que buscam reconstruir seus territórios, muitas vezes de forma extremamente reacionária e ainda mais discriminatória que a dos Estados-nações (2007, p.48).

Sociólogos como Bauman, no entanto, percebem aspectos quase que exclusivamente negativos no processo globalizante da economia. Entre os argumentos

mais significativos estão aqueles que conduzem a resignação do homem moderno e a asfixia de traços culturais e tradições minoritários. Nesse sentido e sem querer pôr fim a discussão de Haesbaert, ainda parece algo limitado pensar no universalismo de uma possível identidade-mundo a partir da globalização se levarmos em consideração a infeliz condição do sul em relação ao norte do globo e das imposições verticalizadoras dos primeiros sobre os segundos.

Maffesoli (1997) parece acertar quando postula o fim do político até então conhecido. A violência estampada contra homens e mulheres nos jornais, nos filmes, nas revistas, nas novelas, segundo ele, anestesiam as pessoas sobre a condição humana, que por não chocarem mais, voltam sua atenção para os bichos, desde que não sejam comíveis. A condição do gado, do porco, do frango, do peixe, por exemplo, não parece interessar a não ser para grupos protetores dos animais ou vegetarianos.

A favor da sedutora ideia de aldeia global uma espécie de consciência coletiva toma conta das localidades tendo em vista a possibilidade do contato total com o globo. Não uma consciência coletiva do tipo durkheimiano, agregador, solidário, autorreferente. Uma consciência coletiva que por mais paradoxal que seja desconcientiza, esmaece os laços e impõe a diferença. Diferenciar-se e distinguir-se é estar na moda. Moda volátil efêmera, como ressalta Lipovetsky (1989, p.97): *O consumo de massa da moda implica a multiplicação de modelos, a diversificação das séries, a produção de diferenças opcionais, a estimulação de uma procura personalizada*. Isso atinge significativamente todos os cantos, todas as classes e todos os modelos de comunidade. Balandier (1997, p 11) afirma que: *A máquina se interpõe nas relações sociais, torna-se constitutiva delas. A máquina programada cria a sociedade programada; reduz o lugar do empírico, do aleatório das escolhas e das decisões, tornando-se progressivamente formuladora de normas*.

Se de um lado temos a entrada maciça e homogeneizadora da produção em larga escala, observamos a possibilidade, ao mesmo tempo, de ver o consumo também em larga escala. Logo, além do industrialismo temos o consumo globalizante. O consumo e a diferenciação surgem como um elemento crucial no desmantelamento das características regionais.

O consumo notadamente é causa e efeito da globalização e está intimamente atrelado aos conceitos de comunicação de massa, cultura de massa, indústria cultural, sociedade de consumo. Ele não é durável (em relação a liquidez de Bauman) e fisicamente sentido como a globalização econômica, embora seja resultado dela. Ele atinge diretamente os desejos, as mentes, as subjetividades, a consciência.

2.3 DESTRADICIONALIZAÇÃO: O PROCESSO DE ESFACELAMENTO DO REGIONAL

O Oeste de Santa Catarina aparece na segunda e terceira décadas do século XX, no cenário nacional como recorte geográfico e espaço de acolhimento de diferentes grupos étnicos. Alemães, italianos e poloneses, descendentes da segunda e terceira gerações de imigrantes, que povoaram a Encosta Inferior do Rio Grande do Sul e Santa Catarina (regiões próximas ao litoral dos dois estados como os municípios de: São Leopoldo, Montenegro, Blumenau e Criciúma) no século XIX, foram recrutados por companhias colonizadoras e pela Igreja para reinventar suas tradições negligenciadas ou eclipsadas nos locais de origem.

As companhias colonizadoras fragmentaram o território, até então sem fronteiras, e passaram a agir sobre parcelas dele. Em meio aos povos nativos, levantaram-se por meio de um esforço contínuo novas comunidades de colonos, atraídos pela intensa propaganda das colonizadoras. Toda a região passou a ser integrada aos interesses capitalistas mediante a criação de frentes agrícolas que transformaram, paulatinamente, o espaço natural.

A dinâmica socioeconômica que se estabeleceu desde o início da colonização da região Oeste de Santa Catarina se caracterizou pela predominância da família como unidade organizadora do processo produtivo e do trabalho. Nesse modelo, predomina a propriedade direta dos instrumentos de trabalho por parte de quem trabalha. O que se obtém é fruto da jornada de trabalho gratuito da família, que executa praticamente todas as operações relativas à produção (seleção de sementes, plantio, colheita, estocagem, transporte, etc.). Fatores como a falta de mercado, famílias numerosas, meios de transportes e comunicações rudimentares, terras montanhosas, além do transplante do modelo de propriedade das regiões de origem, fizeram com que se pautasse a colonização em cima da propriedade familiar e da produção de subsistência.

Os recursos naturais da região viabilizaram um modelo de desenvolvimento econômico de reduzida orientação para o mercado. A existência de mata nativa e a boa fertilidade natural do solo propiciaram ao migrante uma relativa autonomia e autossuficiência. A família, enquanto unidade organizadora do processo produtivo executava todas as operações relativas à produção: seleção de sementes, plantio, colheita, transporte, estocagem e escambo (esporadicamente, a venda).

Na medida em que o espaço regional se tornou mais aberto e interdependente as mudanças aconteceram de forma muito rápida. O desenvolvimento dos meios de

comunicação, a interação com outros espaços, a preocupação do Estado e, ainda, o fascínio do capital (agroindústrias) pela região na qual pudesse espalhar seus interesses implantaram a denominada modernidade tecnológica.

A modernização, introduzida em toda a região Oeste de Santa Catarina a partir da década de 1970, transformou o ‘espaço natural’ e rompeu com a sociabilidade tradicional, integrando a região aos circuitos internacionais da economia. Pesquisas realizadas por Eidt (1999, 2009, 2011) descrevem a agroindústria como o principal elemento econômico da região e está intrinsecamente atrelada aos interesses capitalistas notadamente globais. A Região foi alvo do enquadramento da globalização sob o selo da economia neoliberal. Os antigos camponeses que conseguiram sobreviver às ‘avalanches’ tecnológicas precisam se adaptar a uma linguagem universal. Em sequência, os índices de exportações, as flutuações do dólar, as crises econômicas mundiais, o inverno ou calor nos países do norte, as inovações tecnológicas, sistematização e uso das tecnologias, as vacinas, a ração, o modo de criar, de abater, de embalar, de cortar e de comer, a homogeneização da produção e o recrutamento da mão de obra, o transporte, o resfriamento, etc. usado e padronizado em diversos países do mundo sob a rubrica do sistema ISO, faz do Oeste Catarinense um produtor padronizado dentro de um padrão de produção. Santos (2001, p.87) enfatiza que: *Cada empresa hegemônica age sobre uma parcela do território. [...] Esse poder das grandes empresas, cegamente exercido, é, por natureza, desagregador, excludente, fragmentado, sequestrando autonomia ao resto dos atores.*

O não enquadrado está fadado ao esquecimento e à falência. Martins (1980) denomina a população que não acompanha o processo de modernização do campo como sendo os da ‘travessia inacabada’, ou seja, populações bloqueadas no tempo e no espaço da porta de entrada no mundo moderno, refugos malqueridos da agricultura e rejeitados e temidos das grandes cidades.

Enquadramento é a norma e a regra do sistema de produção em larga escala. Isso serve igualmente para o leite, por exemplo, outro produto importante da economia local-global; pH, temperatura, alimentação, vacinação, registro, ordenhas mecânicas, transporte, armazenamento, embalagem tetra pak, código de barras, registros nos mais variados ministérios e secretarias enquadram o produtor, a produção e o produto dentro das verticalizações do sistema.

[...] as divisões territoriais e a segregação de identidades promovidas e transformadas num *must* pela globalização dos mercados e da informação não refletem uma diversidade de parceiros iguais. O que é opção livre para alguns abate-se sobre outros como destino cruel. E uma vez que esses

“outros” tendem a aumentar incessantemente em número e afundar cada vez mais no desespero, fruto de uma existência sem perspectiva, é melhor falar em “glocalização” – fenômeno encoberto no conceito de unilateralidade de globalização e restrição da liberdade de se mover e agir. (BAUMAN, 1999. p.44)

A globalização promove sua entrada sutil na região. Resistir? Como? Quais alternativas se têm quando muitos dos habitantes que comiam, festejavam consumiam alimentos tradicionalmente produzidos parecem entrar consciente ou inconscientemente na onda da marca, do ‘melhor produto’, da embalagem mais bonita, dos modismos alimentares apresentados nos programas culinários e nos comerciais, do embalado à vácuo e dos conservantes industriais. É a globalização dos gostos. São os efeitos globais no espaço local.

Castells é esclarecedor ao dizer (1999, p.17):

Nosso mundo, e nossa vida, vêm sendo moldados pelas tendências conflitantes da globalização [...]. a revolução da tecnologia da informação e a reestruturação do capitalismo introduziram uma nova forma de sociedade, a sociedade em rede. Essa sociedade é caracterizada pela globalização das atividades econômicas decisivas do ponto de vista estratégico; por sua forma de organização em redes; pela flexibilidade e instabilidade do emprego e a individualização da mão de obra. Por uma cultura de virtualidade real construída a partir de um sistema de mídia onipresente, interligado e altamente diversificado. E pela transformação das bases materiais da vida mediante a criação de fluxos e de um tempo intemporal como expressões das atividades e elites dominantes. Essa nova forma de organização social, dentro de sua globalidade que penetra em todos os níveis da sociedade, está sendo difundida em todo mundo, do mesmo modo que o capitalismo industrial disseminado no século XX, abalando instituições, transformando culturas, criando riqueza e induzindo a pobreza, incitando a ganância a inovação e a esperança, e ao mesmo tempo impondo o rigor e instilando o desespero. Admirável ou não, trata-se na verdade de um mundo novo.

Essa reflexão soa parece-nos como uma profecia. Tendo em mente o que Castells diz sobre o efeito da globalização e a projetando na realidade regional de outrora e de hoje é impressionante a sua força e clareza. É esclarecedor e ao mesmo tempo nos faz pensar se realmente estaremos fadados aos interesses e aos desejos econômicos das grandes corporações, se é possível resistir e se a escolha não estará fadada, ela mesma, a limites disponíveis de antemão, dando a falsa ideia de escolha democrática.

A uniformização global tem raízes fecundadas e fortes na região. Não nos referimos à indústria, agroindústria e prestadores de serviços, pois isso já está presente desde os primórdios do processo globalizador regional. A uniformização é o *sine qua non* da produção e isso já ressaltamos. O que nos referimos agora é, sobretudo, ao

consumo e ao gosto. Uma enquete rápida poderia nos auxiliar. Se ao perguntarmos para jovens de idade escolar da região qual é a ‘melhor’ marca de tênis. Qual é o ‘melhor’ refrigerante, para enumerar ‘as melhores’ bandas de música, para saber o padrão de mulher ou homem perfeito, o canal do *youtube* mais acessado, assim como o ‘melhor’ jogo de *Playstation* seja o 1, 2 ou 3 teríamos um consenso? Se perguntarmos aos homens de meia idade qual é a ‘melhor’ marca de carro importado, reduzir a escolha entre sedãs ou hets, teremos poucos citados? (embora a produção e as marcas são imensas), o melhor time de futebol do mundo e a modelo mais *sexy* será homogêneo?

Teremos aí um consenso? Igualmente, se perguntado a qualquer mulher que tenha em casa uma TV, qual o tipo ideal de homem, analisar porque esse é o tipo ideal e perguntar se esse tipo existe no seu bairro, trabalho ou faculdade, teríamos surpresas? Se perguntarmos tudo isso no Rio de Janeiro, São Paulo, Florianópolis, Porto Alegre, e algumas dessas perguntas a habitantes de outras partes do mundo não seria surpresa alguma se tivermos grandes acordos? Até mesmo os desacordos, se houver, estarão dentro de um limite mínimo de possibilidade de escolha?

Segundo Featherstone (1990, p.141):

Sob diversos aspectos, considera-se que as pessoas estão envolvidas num complexo jogo de signos que imita ou repercute o excesso de signos do ambiente edificado. Considera-se que a cultura contemporânea (moda, música, televisão, vídeos, bebidas, danças, clubes, carros) está dominada pelo mundo do “faz de conta” da publicidade. Roupas, corpos e caras transformam-se em “citações do outro lado, o lado imaginário da vida: a moda, o cinema, a publicidade e a sugestibilidade infinita da iconografia contemporânea”.

Aqui entra outro aspecto importante da globalização que é a destradicionalização. A tradição tende com a globalização econômica, cultural, social e midiática cair em desuso, ou se resignificar de tal modo que passa a ser outra coisa. Essa ‘outra coisa’ não pode ser mais chamada de tradição no sentido até então dado pelos estudos culturais como práticas religiosas, sociais, culturais, organizacionais de uma determinada nação ou grupo, marcada por certa durabilidade e trânsito entre gerações. A não ser que se cunhe o nome ‘tradição global’. Mesmo assim, a definição do conceito deverá mudar. Poder-se-á caracterizá-la pela efemeridade, presentismo, utilitarismo e pragmatismo, verticalismo econômico sociocultural, desapego histórico e sem a menor necessidade de perpetuação?

Gonçalves (1994, p.22) enfatiza a Nova Era Científica a partir de um dualismo:

A abstração inerente ao modo de produção capitalista trouxe, assim, a ruptura das relações imediatas do homem com seu corpo e com a natureza. A redução do trabalho humano à força de trabalho, no sentido fisiológico, trouxe consigo uma dissociação entre a força criativa espiritual do homem e a força fisiológica corporal, gerando um corpo autônomo, desprovido de subjetividade.

Mesmo se Hobsbawm (2008) estiver certo ao afirmar que as tradições são invenções modernas, nos parece todavia, que essas invenções têm como princípio básico a constituição de identidades fortes. A globalização tem marcadamente, ao nosso entender, a transformação dessas identidades fortes em identidades fracas. E, por sua vez, as identidades globais não tendem a formar identidades fortes, pelo contrário, prezam pelas fidelidades; à marca, ao objeto, ao cheiro, ao gosto, à cor, ao modelo e de preferência enquanto durarem os estoques, ou até o próximo comercial.

Afinal, que impacto tem a globalização sobre as identidades? Hall (2003, p. 69) afirma: *Uma de suas características é a compressão espaço-tempo, a aceleração dos processos globais, de forma que se sente que o mundo é menor e as distâncias mais curtas, que os eventos em determinado lugar têm um impacto imediato sobre pessoas e lugares situados a uma grande distância.*

Segundo Harvey (1989, p.240):

À medida que os espaços se encolhe para se tornar uma aldeia “global” de telecomunicações de interdependências econômicas e ecológicas – e à medida que os horizontes temporais se encurtam até ao ponto em que o presente é tudo que existe, temos que aprender a lidar com um sentimento avassalador de compressão de nossos mundos espaciais e temporais.

Desse modo, tradição e identidade se tornam mero repertório de práticas atrasadas, folclóricas e pitorescas. Servem para matar saudade, ou lembrar-se dos tempos de infância. Torna-se até objeto de venda em massa. A tradição é um dos elementos culturais mais atingidos pelos efeitos verticalizadores da globalização. Os grupos de influência (os novos intermediadores culturais) tende a hipostasiar a tradição como algo em desuso. Mas pronto para ser consumido-descartado em momentos de nostalgia.

Essa efemeridade, ou Obsolescência Programada tende através dos meios de comunicação de massa atingir o globo, pondo em relevo outro conceito importante no processo de globalização que é a desterritorialização². A desterritorialização elemento

² O conceito de Desterritorialização consiste em adotar um chamado ‘olhar estrangeiro’ para as coisas à nossa volta. Segundo Ianni. (1996, p.169) “o sujeito do conhecimento não permanece no mesmo lugar, deixando que seu olhar flutue por muitos lugares, próximos e remotos, presentes e pretéritos, reais e imaginários”. Partindo da ideia de que território é aquele espaço de estabilidade organização, a ação de desterritorializar é uma ação de desordem, de fragmentação para buscar encontrar novos saberes, menos instituídos, adotando uma percepção diferenciada que está pronta para descobrir novas ideias além das previstas.

importantíssimo aos interesses do capitalismo global tem por interesse maior o domínio do sistema de subjetivação dos grupos sejam tradicionais, arcaicos ou menos complexos em favor daquilo que Ianni entre outros chamam de aldeia global.

Logo, de acordo com o cenário preconizado pelos postulados contidos na ideia de ‘aldeia global’, sem tradição e sem território definido o sujeito imerso no mundo fluído e efêmero dos dias atuais parece pôr seu eu a mercê dos interesses do mercado.

Em resumo, a globalização tende a firmar-se desse modo, de forma verticalizadora, transformadora, impositiva e viscosa. As transformações se mostram lentas aos olhos desatentos, no entanto, olhando com mais atenção é possível ver mudanças significativas nas relações sociais, nas relações de consumo, nos modelos de vida, em relação ao trabalho e ao uso do tempo livre e ver nua e friamente as mesmas práticas, as mesmas queixas, os mesmos produtos, os mesmos modelo de consumo, de falar, relacionar em toda parte, salvo exceções que tendem a se rarefazer deveras. Carvalho (2003, p. 79) parece dar a compreensão exata da nova geopolítica e economia internacionalizada ao afirmar: *Na verdade, não há como identificar nesse espaço/tempo geopolítico aonde se localizam os novos inimigos do mundo, pois eles se encontram disseminados, como um monstro de múltiplas cabeças.*

Logo, frente às vicissitudes apresentadas acima sobre o regional ante o global buscaremos compreender o desencaixe da identidade comunal e constituição reflexiva da identidade dos jovens a partir desses processos globalizadores. Procurar compreender como se organiza a identidade de jovens que buscam não mais nos modelos de vida da comunidade, dos seus pais e avós, mas sim alhures os modelos de representação de si atual.

3 CONVERSANDO SOBRE IDENTIDADE

Se a gente parar pensar, a gente não pensa.
(T.M 16 anos, estudante)

O que sabemos nós de nós? Sabemos como o espírito que nos guia se lhe chama (é uma questão de nomes)? Quantos espíritos habitam em nós?
(NIETZSCHE, 2005, p78)

Sem dúvida, as novas gerações vivem [...] valores hedonistas.
(MAFFESOLI, 2006, p.156)

Cada indivíduo é uma parte componente de numerosos grupos.
(FREUD, 1996, p.35)

Eu não sei mais se eu existo. Eu não sei mais se sou eu que faço as escolhas para a minha vida. “meu” modo de vestir, “meu” modo de pensar, na realidade nem seria meu. Sou tão influenciada. Tanto pela mídia, pela sociedade, pelas propagandas, pelas marcas. Quando vou comprar algo, primeiro olho a marca, olho se o produto está nos padrões da moda. Pouco me importo com o preço ou com a qualidade. O que importa é o “status” que aquele produto vai me dar. [...] quando você compra um tênis, eu não me refiro ao estilo, mas sim a marca. Estou chegando a uma conclusão: Não passo de um ser manipulado. Pelas redes sociais, pelos meus amigos, por todo esse mundo. Ou seja minha identidade é maleável.
(L.K.H 15 anos, estudante)

Dando sequência à pesquisa, esta parte do trabalho tem um objetivo: compreender a partir dos jovens mesmos o mundo no qual eles vivem.

Partimos da ideia de globalização do espaço e do consumo globalizado para compreendermos a constituição identitária do jovem regional.

Tendo em vista que a globalização tende a enfraquecer os traços identitários próprios de uma localidade dando margens a ressignificações de vários tipos, os jovens estão mais expostos a neutralizar identidades tradicionais tendo em vista seu amplo acesso ao mundo globalizado. Parafrazeando Stuart Hall (2003): Colocadas acima do nível da cultura regional, as identificações ‘globais’ começam a deslocar e, algumas vezes, a apagar, as identidades individuais imprimindo a marca da homogeneização.

Lembrando sempre o que nos ensina Giddens (2002, p.27): *A reorganização de tempo e espaço, os mecanismos de desencalxe e a reflexividade da modernidade supõem propriedades universalizantes que explicam a natureza fulgurante e expansionista da vida social moderna em seus encontros com práticas tradicionalmente estabelecidas.* É a partir dessas práticas universalizantes da modernidade que procuramos entender como se dá a constituição ou a crise de identidade dos indivíduos localmente encontrados em nosso espaço regional.

Procuramos compreender quais são as forças centrífugas e centrípedas que fazem desses jovens segundo Michel Maffesoli (2006) hedonistas por excelência. O que torna essa geração uma geração do consumo, dos *medias*, das relações distantes, das redes sociais, da moda, da marca, do espetáculo usando uma célebre palavra cara a Debord (1997), mas ligadas aos problemas ambientais, políticos, sociais e econômicos ao mesmo tempo.

Por isso, fomos até eles, os jovens, para saber deles seus pensamentos e suas ideias. A escola evidentemente é o lugar natural para encontrarmos jovens de diversas classes sociais, convivendo, nem sempre em harmonia, mas juntos. Entretanto, este trabalho não é tão somente sobre a escola, dela, mas para além dela, porque a juventude não se vive somente na escola, mas é na escola que a juventude transmite os valores que a cerca. A escola é o local de convivência e conflito. Deste modo, este capítulo discute uma juventude, cuja identidade é sitiada na escola, mas além dela.

Pretendemos discutir a questão da identidade. Segundo alguns autores, discutir identidade é um típico sinal de que ela está em crise, é o que afirma Mercer *apud* Hall (2003, p. 09): *a identidade somente se torna uma questão quando está em crise, quando algo que se supõe fixo, coerente e estável é deslocado pela experiência da dúvida e da incerteza*. Na Idade Média, Antiga ou Moderna não se debatia identidade, não havia necessidade de discutir, entender ou debater uma coisa que era desnecessária. Os romanos sabiam-se romanos, os escravos, escravos, assim como os nobres, os servos e os religiosos, por exemplo. Até a Segunda Guerra a divisão também era muito clara. Usando uma expressão marxista existia mais claramente burgueses e proletários.

Mas a partir das volumosas transformações sociais nomeadamente a partir dos anos de 1960 do século XX, a sociedade entra em um processo de transformações social, individual e coletiva onde a identidade emerge como tema importante de pesquisa e debate. Uma resignificação identitária social e subjetiva que estaria muito além das fronteiras geográficas, que se estende da alma ao ciberespaço pelos ventos midiáticos, de consumo, pela cultura de massa, pelo trabalho, pelas relações sociais, pessoais e por transformações, que segundo Alain Touraine (1997) já não são mais econômicas ou políticas, mas sim culturais. Entramos, segundo ele, na era das culturas que permitem a maleabilidade de identificações oriunda das diversas culturas e lutas culturais existentes no mundo.

Graças aos processos de globalização, problemas culturais, sociais e econômicos alhures influem em nossa identidade, bem como os produtos e os processos produzidos em larga escala pelos meios de comunicação como um todo.

Por que influem? Porque concomitante as transformações globais no espaço regional há uma rarefação das relações tanto comunitárias, sociais quanto individuais nos processos de subjetivação e de constituição da personalidade baseado naquilo que Artaud (1982) chama de eu interior. O processo de aceleração das relações espaço temporais limitam esse diálogo interno, que, junto ao enfraquecimento ou distanciamento das relações pai e filho, no âmbito da família, dificultam a construção daquilo que Giddens (2002) chama de segurança ontológica.

Deste modo, seguem algumas conclusões e questionamentos sobre identidade juvenil. Mais questionamentos que conclusões, pois pela maleabilidade da cultura juvenil nesses tempos líquidos é difícil saber até quando as conclusões ora elencadas terão validade. Pois como afirma Bauman, (2009, p.22): *As habilidades exigidas para enfrentar o desafio da manipulação líquido moderna do reprocessamento e reciclagem da identidade são semelhantes às de um malabarista, ou, mais exatamente à engenhosidade e destreza de um prestidigitador.*

Nos debates que seguiram sobre identidade nos grupos focais, os alunos foram questionados sobre a possibilidade da existência de um eu no mundo contemporâneo; sobre as influências externas (meios de comunicação, família, religião, escola, amigos) na formação da identidade; da positividade ou negatividade de se ter várias identidades; da possibilidade de conhecer-se a si mesmo num mundo onde ficar só é quase impossível, impensável e indiscutivelmente difícil.

Os alunos tiveram liberdade para formular perguntas entre si e responderem livremente. Com isso pretendemos permitir aos alunos a liberdade do debate e da escrita, que de acordo com Derrida (1990) é o principal meio de comunicação possível.

Lembrando novamente que após os debates temáticos em sala de aula, os membros dos grupos focais traduziram suas ideias e conclusões textualmente. Desse modo, conseguimos um depoimento muito significativo: a redação que citamos quase integralmente no início dessa sessão como epígrafe e que vem ao encontro do que Bauman tem explicitado: uma juventude consumista, altamente influenciável, angustiada, frustrada e hedonista que não dá valor ao durável e não possui, ou muito pouco, uma projeção de futuro e que rompe quase que completamente a relação com o passado.

Os jovens parecem-nos cada vez mais sitiados e propensos por razões externas a esquecerem-se cada vez mais e mais cedo de si mesmos, pois: *Não sendo permitido penetrar no interior de si próprio, será necessário ramificar-se no exterior, definir-se*

em função das exigências de um meio, e por fim, deixar que as suas próprias razões de viver sejam determinadas por outros (ARTAUD, 1982, p. 51).

Ao não saber se existe de fato, de afirmar não passar de um ser manipulado, de só se preocupar com a marca, com a moda, de se ver envolta no universo dos outros e não do seu eu, se não passa de uma simulação ou um simulacro, a aluna da epígrafe, entra sem o saber numa das grandes inquietações de Baudrillard (2008, p.147):

O corpo já não é concebido a não ser como substância informática. Nada se opõe a reprodutividade serial. É o fim do corpo, de sua história e de suas peripécias. O indivíduo torna-se a metástase cancerosa de sua fórmula básica. Copulação do Mesmo com Mesmo, sem passar pelo Outro. A alteridade como tudo o mais, caiu sob a lei do mercado, da oferta e da procura.

Desse modo, percebemos que em certa medida as identidades oferecidas no mercado global, em detrimento de outras possibilidades de descoberta do eu, facilitam a produção em série de pseudoautenticidades bem aos moldes do mundo-cópia de Lipovetsky (2011). Faz-nos crer que somos possuidores de identidade quando na verdade possuímos uma foto-cópia do que se é vendido como tal. Infelizmente como todo produto vendido em nossos dias, tal cópia é altamente degradável.

Logo, não passamos de simples marionetes de um sistema que causa acima de tudo, um desejar pelo desejar e que quer acima de tudo desejar ainda mais o desejo? Ou seja, uma vida de satisfação orgástica do puro princípio de prazer, relacionado de acordo com Bauman (1999), prioritariamente ao consumo e ao prazer? O tipo de identidade que se confecciona em nossos dias não passa de uma identidade ilusória, que quando nos afirmamos como sendo nada mais somos do que produto e objeto do mercado de estilo global? O que é aquilo que afirmo como meu eu, afinal?

Bauman (2003) afirma que viver nos dias de hoje é uma verdadeira arte. Para Kaufmann (2004, p.57) a identidade, no mundo contemporâneo, torna-se um processo contínuo, pois: *A questão identitária, resultou, historicamente, da degradação das comunidades, libertando um indivíduo constrangido a autodefinir-se*. Nesse sentido: *[...] é precisamente porque há “crise”, vacilação das referências de identificação de si mesmo, que se desenvolveu com tanto vigor a busca identitária. A vida transforma-se em doença identitária crônica*. (Idem, p.28).

Nesse sentido, o indivíduo adulto, ou filho de pais destituídos de sua identidade comunitária ou ontológica tende a buscar sua identidade alhures. Nessa busca recebe diversas influências externas. Segundo Lahire (2001, p. 39) essas influências externas entram em contato e formam aquilo que ele chama de *stock*, ou seja:

A partir do momento que um ator foi colocado, simultânea ou sucessivamente, no seio da **pluralidade** de mundos sociais **não homogêneos**, e por vezes mesmo **contraditórios**, ou no seio de universos sociais relativamente coerentes, mas que apresentam, em certos aspectos, contradições, então estamos perante um ator com estoque de esquemas e ações ou hábitos não homogêneos, não unificados e com **práticas consequentemente heterogêneas** (e mesmo contraditórias), que variam conforme o contexto social no qual ele será levado a evoluir. Poderíamos resumir o nosso discurso dizendo que **todo corpo (individual) mergulhado numa pluralidade de mundos sociais está submetido a princípios de socialização heterogêneos e por vezes contraditórios que ele incorpora.** (grifo nosso)

Nesse sentido, quanto maior for o *stock* de uma pessoa maior será a negociação entre o que vem de fora e o que já está interiorizado. Assim desenvolveríamos processualmente nossas identidades.

Gostaríamos de fazer uma pausa para ressaltar um dado importante e nodal na nossa exposição. A constituição do universo regional pesquisado foi caracterizado pela xenofobia, hermetismo, isolamento e tradicionalismo comunal até bem pouco tempo. Palavras extraídas da citação acima como: relações contraditórias, pluralidade, heterogenia, até hoje é muito pouco ouvida, praticada ou aceita pelos mais velhos. A crise de identidade que observamos na região pesquisada é a da denominada meia idade.

Desse modo, parece-nos que ainda não há no espaço pesquisado uma quantidade significativa de pluralidades ao ponto de dar aos indivíduos habitantes da região, relação contraditória REAIS para se possam incorporar princípios de socializações contraditórias e consequentemente um aumento positivo e significativo de *stock*.

Muito embora haja maior relação dessas categorias (pluralidade, heterogenia) com a vida dos mais jovens, essa relação de identidade e busca não dialoga com universo físico do espaço regional. O passado histórico está cada vez mais distante.

Assim as coisas parecem configurar gradativamente e velozmente cada vez mais com essa sentença fatídica de Bauman (2007, p.47):

Vagando de um episódio a outro, vivendo cada um deles de olhos fechados para suas consequências e mais ignorante ainda em relação a seu destino, guiada pelo impulso de apagar a história passada, e não pelo desejo de traçar o mapa do futuro, a identidade está presa para sempre no presente. Agora lhe foi negada sua significação permanente como alicerce do futuro. A identidade luta para abraçar coisas “*sem* as quais não se pode estar nem ser visto” hoje, embora totalmente consciente de que, muito provavelmente, estas se transformando em coisas “*com* as quais não se pode estar nem ser visto” amanhã. O passado de cada identidade está salpicado de latas de lixo em que foram despejadas, uma por uma, as coisas indispensáveis de dois dias atrás, transformadas nos fardos incômodos de ontem.

Concordamos com Lahire e Kaufmann em suas exposições, tanto que, presenciamos no universo pesquisado e nas pesquisas com os alunos, *uma doença identitária* (Kaufmann) devido em muito em não conseguirmos ainda *articular stocks* (Lahire) de relações plurais e heterogêneas a ponto de superar essa crise e articular a constituição de uma identidade seja regional ou individual, digamos nova. No plano da subjetividade há uma relação muito rasa entre o eu externo com um emergir identitário que parta de dentro, as relações de identificação estão marcadas pelo âmbito estético baseadas no consumo.

O que a pesquisa de campo nos mostrou é uma dificuldade, às vezes impossibilidade, dos jovens negociarem seu *stock* com a quantidade de experimentações propostas pelas influências externas. Percebemos que em muitos não há um armazenamento de experiências ao nível de uma possível solidificação ao menos que temporária. Os *stocks* são de materiais altamente degradáveis.

3.1 O LANÇAR E RECOLHER ÂNCORAS: A IDENTIDADE E A JUVENTUDE

Em linhas gerais, observamos na constituição das identificações juvenis, a presença maciça da indústria cultural e dos meios de comunicação de massa no processo de (des)organização identitária na vida de nossos jovens. Isto ficará mais evidente quando analisarmos o capítulo sobre consumo.

Se a identidade comunitária (que se esvai) já não responde mais aos anseios dos jovens, ao mesmo tempo em que muitos pais desses jovens também se encontram em crise pelas mesmas questões que seus filhos (ausência de bases sólidas de valores, enfraquecimento dos laços conjugais, familiares, dúvidas existências, etc.) como é possível no plano da razão prática organizar a identidade?

Segundo Touraine (1997, p.18):

Os elos que a sociedade local ou nacional estabelecia através das instituições, da língua, da educação, entre a nossa memória e a nossa participação impessoal na sociedade de produção, enfraqueceram, deixando-nos gerir, sem mediações e sem garantias nossa experiência. Isto faz pesar sobre cada um de nós uma dificuldade crescente de definir nossa personalidade que, com efeito, perde irremediavelmente toda a unidade à medida que deixa de ser um conjunto coerente de papéis sociais. Muitas vezes, esta dificuldade é tão grande que não a suportamos e procuramos escapar a um eu demasiadamente fraco, demasiadamente dilacerado, através da fuga, da autodestruição ou da diversão esgotante.

Presenciamos um sistema que apela cada vez mais incessantemente para a dessubjetivação das memórias locais e das pessoas, não se preocupando com uma

subjetivação numa relação global-local. Está voltada, pelo contrário, cada vez mais para um consumo irrefreável e por constituições de si mercadologicamente dadas e fadadas a obsolescência.

François de Singly, um grande estudioso sobre a identidade contemporânea, escreve (2003, p.110):

A pertença não é suprimida na sociedade moderna; é transformada, idealmente, numa pertença escolhida. [...] O indivíduo tem a possibilidade de lançar a âncora, bem como de levantá-la ao longo de seu percurso biográfico. Estabilidade e movimento sucedem-se. Esta alternância possível permite uma renovação eventual de si próprio e sobretudo a sensação de liberdade e, por consequência, um certo domínio da vida.

Na *invenção de si*, o lançar e recolher âncoras são outros elementos importantes no processo identitário. O indivíduo nesse processo disporia da liberdade e autonomia de lançar âncoras quando aquele modelo de identificação específica lhe for agradável. No entanto, sempre haveria uma identidade biográfica, um projeto de si norteador, um pano de fundo de um eu maior. Desse modo, as sensações dos quais nos fala Bauman seriam coletadas até segunda ordem, ordem essa advinda do indivíduo navegador e da sua saciedade.

Logo, o sujeito, inventor de si, seria um coletor de sensações consciente. Quando não mais lhe interessasse as representações que coletara, levantaria âncora e zarparia até outros portos bem ao estilo tribal de Michel Maffesoli (2006). O saldo seria um indivíduo mais rico de estoque de relações e mais maduro.

O que não nos parece claro tanto em Maffesoli com as *tribos*, em Kaufmann com o *processo de si* ou em Singly, com as *âncoras* é a partir de que idade biológica, biográfica ou psicológica o indivíduo estaria apto a jogar e levantar âncoras por aí. Por que esse questionamento? Porque sabemos que cada vez mais cedo os jovens tem acesso ilimitado ao mais diversos expedientes que influenciam e reformulam seus modos de ser e agir. E pelos desabafos, os jovens não se sentem muito à vontade com essa liberação identitária, pelo contrário se sentem oprimidos e indecisos.

Segundo E. N 16 anos:

Eu não sei onde existe um “eu” interior em mim, mas sim, apenas o que as outras, superiores e mais velhas querem. Várias influências fazem com que o “eu” de nós desaparece aos olhos da sociedade [...] por essas influências a maioria das pessoas estão a caminho de nunca mais lembrar de seu eu acabando a fazer o que não gostam e não querem para agradar os outros.

Nesse sentido nos explica Artaud, (1982, p.30):

[...] Observamos que a separação não cessa de se acentuar então entre o nosso eu de verdade e aquela personagem social que acreditamos ser realmente nós mesmos. Assemelhamo-nos àquelas pessoas hipnotizadas que acreditam saborear uma laranja enquanto mastigam uma cebola, ou procuram por todos os meios protegerem-se de uma chuva imaginária. Adotando, dessa forma, os modos de adaptação vigentes no nosso meio social acabamos por renunciar à nossa individualidade e por sacrificar o que há de único em nós.

Com as transformações da comunicação global as pessoas têm acesso ilimitado aos acontecimentos do mundo. Uns com mais; outros, com menos frequência, mas em geral, acaba participando dessa dança chamada globalização.

A globalização acelera aquilo que Alain Touraine (1997) chama de historicidade; a capacidade de a sociedade agir sobre si mesma modificando-se e modificando-a. Quando nos perguntamos se há uma idade determinada para que o indivíduo lance e recolha âncoras nos diversos universos de identificações possíveis é justamente porque a historicidade dos espaços geográficos ‘distantes’ está cada vez mais agindo sobre si mesmo, ou seja, estão cada vez mais se historicizando. Isso parece não ser grande problema, mas devido à globalização, a historicidade dos espaços distantes, ainda em percurso repercute, ainda que incompletos, na historicidade local devido ao acesso informacional e comunicacional. Isso afeta diretamente os espaços regionais de tal modo que as influências das diversas historicidades globais, inconclusas, que chegam até nós dificultam uma auto avaliação e autoafirmação de nossa própria historicidade. Consequentemente, o lançar e o recolher de âncoras é um trabalho altamente arriscado e angustiante, ainda mais em um momento que os valores regionais se diluem.

Fugindo um pouco do plano meramente filosófico, um dos agentes causadores de historicidade no mundo líquido moderno, como sabemos, é a globalização. Ela traz consigo milhões de portos onde os jovens podem lançar e recolher âncoras livremente.

Cada vez mais aquilo que chamávamos comunidade no sentido de Tönnies (1947) está desaparecendo. A supressão espaço-temporal de Harvey (1989) é uma constante cada vez maior. Os jovens estão aqui, mas os núcleos irradiadores de identificações possíveis estão muito distantes, e o controle por seu turno, está cada vez mais limitado. Quando comparados com jovens de grandes centros, observamos que os jovens pesquisados estão afastados fisicamente de muitas coisas, mas virtualmente eles comungam dos mesmos gostos, dos mesmos *hits*, das mesmas roupas.

Ao afirmar que instabilidade e estabilidade se sucedem, Singly nos propõe que os indivíduos ao sair de suas ancoragens provisórias, refletem sobre suas perdas e

ganhos e em seguida prepara-se para novas experiências. O que percebemos, no entanto, é que a juventude pesquisada está muito mais parecida com o que afirma Stuart Hall (2003, p. 15): *O sujeito está se tornando fragmentado; composto não de uma única, mas de várias identidades, algumas vezes contraditórias ou não resolvidas e que o tempo para reflexão está cada vez menor, senão inexistente.* Ao contrário, no entanto, do que nos afirma Singly sobre a reflexão de perdas e ganhos.

Pensamos no caso de L.K.H ao nem se saber quem é ou se pensa. Uma crise de identidade parecia normal não fosse a inexistência de identidade. Nossa pesquisa mostra que nos grupos focais e nos textos escritos sobre identidade apenas dois afirmam a existência de uma identidade biográfica, um eu verdadeiro ou de um projeto de vida como sugere Sartre.

J.K.S 17 anos é uma delas:

Primeiramente você tem que saber quem você realmente é, e o que você realmente quer. Apesar da personalidade ser um conjunto de características psicológicas que determinam os padrões de pensar, sentir e agir, ou seja, a individualidade pessoal e social de alguém, muitas pessoas não conseguem desenvolvê-la sem que outra opinião externa seja acrescentada. Particularmente eu acho que todo mundo que siga um determinado estilo e uma identidade deve fazer suas próprias escolhas, aquilo que é melhor para si mesmo, afinal ninguém deve saber o que é melhor para você do que você mesmo.

É importante frisar que não concordamos com a ideia de um eu enraizado, de estilo comunitário. Somos a favor de um eu plural, com *stock* de experiências que possibilitem relações construtivas do sujeito. Acreditamos que diversas experimentações identitárias são mais positivas do que negativas desde que haja espaços de subjetivação. Pensamos cada vez mais que esse espaço é a escola, que infelizmente parece não ter mostrado apta a discutir questões dessa envergadura. A identidade ou se preferirmos a constituição e reconhecimento de si e do Outro como ser humano é ponto capital num período onde as pessoas parecem distanciar-se cada vez mais de si mesma e se voltarem para um mundo cada vez mais estetizado e efêmero.

Quiçá, não falássemos mais de identidade como Touraine sugere e sim de Sujeito de ação. Ideia essa ainda combatida pela dificuldade mesma que o próprio conceito de identidade e de Sujeito carregam. No entanto, uma possível valorização da busca do sujeito em detrimento da proposta identitária pode ser mesmo assim trabalhada.

O que procuramos entender nessa sessão da pesquisa é como os jovens estruturam suas identidades em relação as suas subjetivações e as relações externas nos quais estão inseridos.

Desse modo, também concordamos com Singly que a identidade é um processo, que quanto mais o indivíduo tem contato com o que o cerca maior será a possibilidade de aumentar seu capital cultural e, em consequência, organizar sua ação. O que a pesquisa nos aponta, entretanto, é a dificuldade disso acontecer mesmo entre alunos com amplos acessos culturais e financeiros.

A escola surge como a mais importante via de *intermezzo* entre juventude e sociedade. Os pais, conforme muitos dos pesquisados, não sabem *quase nada do que fazemos*. Bem como Bauman afirma (2003, p.46): *Não há mais nas ações juvenis atuais guardas, babás, vigilantes de condomínio, nem pan-ópticos*.

Segundo Bauman em *Vida em fragmentos* (2011) os indivíduos são no mundo líquido moderno por essência coletores de sensações. As sensações, segundo Bauman estão relacionadas diretamente com o consumo, que é o tema do próximo capítulo.

Não podemos deixar de destacar que o consumo é o maior influenciador nas transformações identitárias dos nossos entrevistados. As propagandas, os produtos, as falas, os trejeitos, os jargões têm um papel tão imenso na vida desses jovens que muitos deles mudam de grupos de amigos e de identidade de acordo com a audiência de programas e seriados. Um bom exemplo é o *Orkut* em detrimento do *Facebook*. Falar que usa *Orkut* em certos grupos é um sacrilégio. Mesmo quando grande parte dos usuários de internet no Brasil teve uma conta no *Orkut* há pouco tempo - três, quatro meses atrás passam a ser *vergonhoso dizer que ainda tem Orkut* (E. D. S 15 anos).

Mudar de amigos e de identidade conforme interesses musicais, estilos de roupas, esportes, também é comum. Um bom exemplo foi a 'febre EMO' (*emocore* – estilo de rock voltado para o sentimentalismo e caracterizado pelas roupas coloridas usadas pelos adeptos do estilo. Para ficar mais claro ao leitor, basta lembrar-se das bandas brasileiras atuais como *Fresno* e *Restart*, por exemplo). Entre os entrevistados todos conheciam há dois meses ou mais vários EMOs na escola. Inquirido se ainda existiam EMOs na escola atualmente a resposta foi não e muitos que eram tem vergonha de ter sido.

O que nos chama a atenção é que a família e a escola são para esses jovens vistos de forma positiva, mesmo quando a família é acusada de abandono em muitos casos. Isso nos remete novamente a Alain Touraine (1997) quando propõe a ideia de Sujeito de ação. Segundo Touraine para resistir, ou se relacionar de forma ativa e não

passiva ao mercado (consumo, moda, marca, redes sociais, etc) e ao comunitarismo (o Eu enraizado), elementos que em demasia dessubjetivam e alienam o indivíduo, Touraine aposta na emergência do Sujeito e afirma que as duas categorias sociais que possibilitariam a emergência do Sujeito são como indiretamente afirmaram os jovens dessa pesquisa, a escola e família.

Se identidade é um processo ela não atinge a todos do mesmo modo. Não podemos generalizar ao afirmar que todos os jovens são frutos processuais de metamorfoses identitárias. Os que se dizem seguros de si apoiaram sua ancoragem na família e em um projeto de vida bem aos moldes de Sartre quando afirma que o que faltam nos indivíduos modernos é um verdadeiro Projeto de Vida e que em torno desse projeto as pessoas se constituíram como sujeitos. Segundo B. G de 16 anos: *minha família sempre me influência no que eu sou. Tenho amigos, frequento redes sociais, uso roupas da moda, mas meu eu tem base familiar, meu pai e minha mãe são meu chão e não reclamo disso.*

Nos debates focais lemos outro texto muitíssimo interessante intitulada: *Jaulas da Sociedade*. Uma aluna de 16 anos, T. M afirmou:

Se pararmos para pensar, nós não pensamos. [...] vivemos em uma sociedade alienada onde tudo gira em torno da falsa razão, da mídia que controla tudo o que vemos. Agora eu lhe pergunto: a sua vida é como os MEMES do facebook? Se você é como eu, eu acho que não. Mas para muita gente é. Tudo hoje é “curtir e compartilhar”.

E termina: *quantas vezes você fez certas coisas só para agradar e não pelo seu próprio eu? E se faço isso na escola, vai mudar no trabalho, na faculdade, quando casar? Eu acho que não.*

É importante destacar o grau de argumentação desses jovens. É claro que se utiliza sempre a terceira pessoa do plural: *eles*, às vezes *nós*, e raramente *eu*. Mas o interessante é o nível de leitura social que possuem e a influência dessas articulações sociais nas suas constituições como indivíduos. Dos entrevistados ninguém se colocou como vítima do sistema, como não sabendo o que fazem, porque fazem e como fazem.

Como vimos, Lahire utiliza o termo *stock* para designar o substrato que as diversas relações sociais originam e são utilizados, mais ou menos, consciente ou inconscientemente no fazer-se pessoa. Observamos no geral certa desorganização em articular esses *stocks* de modo que a experiência passada pudesse servir de mecanismo de defesa em relação a apelos de consumo e *status* ou como o indivíduo pudesse construir uma identidade de si mais consistente.

Quanto maior a desordem interna maior é a possibilidade de realizar ações impulsivas e deixar o indivíduo se perder em incongruências. Novamente, podemos afirmar com base nos autores estudados que a identidade é um processo, porém um processo de constante mutabilidade entre os jovens. Mesmo trocando de identidades, levantando e jogando âncoras, as identidades vão, mas fica o indivíduo quanto pessoa, talvez mais enriquecido e fortalecido ou, talvez não. Segundo Artaud (1982, p.30): *Adotando, dessa forma, os modos de adaptação vigentes no nosso meio social acabamos por renunciar à nossa individualidade e por sacrificar o que há de único em nós...*

Seguindo esse raciocínio I. B 16 anos e N. C 17 anos, afirmam: *A possibilidade de termos múltiplos “eus”, por um lado pode ser benéfica, pois podemos nos encaixar em diversos grupos, mas por outro lado nos leva a ter dificuldades em definir o quem realmente somos.*

Para outra aluna, A.B 15 anos:

A possibilidade de ter várias identidades pode ser benéfica, de certa forma, por que aumentamos a possibilidade de **agradar todos** (grifo nosso). Mas, ao mesmo tempo, acabamos deixando de assumir uma identidade própria, de ser quem somos realmente, só para agradar alguém, ou para ingressar em um determinado grupo social.

A.B se preocupa em agradar a todos, mas não só ela demonstrou uma imensa preocupação em agradar aos outros e ser aceitos em nossa pesquisa. Perguntado se era excluída de alguma forma, se sofria *bullying* respondera que não, mas que para evitar críticas dos colegas era melhor não arriscar.

De afirmações desse tipo, me remeto novamente ao que Giddens chama de segurança ontológica. Segurança essa que encontramos cada vez menor nos jovens entrevistados, uma ânsia por aceitação e uma constante insuficiência é muito marcante. A segurança ontológica é construída desde tenra idade pelos pais. *Ser ontologicamente seguro é ter, no nível do inconsciente e da consciência prática, “respostas” para questões existenciais fundamentais que toda vida humana de certa maneira coloca* (GIDDENS, 2002, p.49).

Em consequência do enfraquecimento da segurança ontológica, outro importante aspecto são as máscaras sociais. Conceito que encontramos na maioria dos casos em pesquisas com adultos mostra-se aqui outro campo enorme no universo juvenil como na resposta de A. B: *agradar a todos e ser aceito nos diversos grupos sociais.* Mesmo

quando afirma que uma miríade de identidades ou de possibilidade de tê-la é boa, não é para aumentar seu *stock*, mas sim para ser aceitos e agradar.

Logo, quando Lahire afirma que a heterogeneidade é positiva para o aumento de *stock* precisamos analisar se não surgem com isso problemas psicológicos graves. Segundo Castells (1999, p.23): *não é difícil concordar com o fato de que, do ponto de vista sociológico, toda e qualquer identidade é construída. A principal questão, na verdade, diz respeito a como, a partir de quê, por quem e para quê isso acontece.*

Temos uma pista de por que e por quem as transformações identitárias acontecem em grande medida no mundo jovem.

L.D de 12 anos sobre a pergunta: O que faz você ser você? Ela respondeu: *Justin Bieber, Selena Gomes*. Logo depois exibiu o nome de *Justin* escrito na perna à faca. Questionada se permanecerá para sempre fã de ambos, respondeu: *Talvez*.

A força que atrizes, atores, jogadores, cantores e demais *pop stars* tem sobre as pessoas já o sabemos. Mas o fascínio que isso tem atingido nos dias de hoje é alarmante. Para uma menina de 12 anos, não a única e nem a mais nova, (vimos muitos casos nas redes sociais, com meninas de 11, 10 anos) escrever o nome do seu ídolo à faca na perna beira, uma patologia social.

Edgar Morin estuda em *Neurose* (2005) o poder de fascínio dos ‘olimpianos’ como ele chama os *pop stars* que desfilam charme e glamour pela televisão e já ressaltava a importância que a TV tem cada vez mais sobre as relações diárias entre as pessoas. Jean Baudrillard (2008, p.124) acusa a televisão por essas anomalias que são sacralizadas como cultos às celebridades, onde o incomum passa ser comum e o patológico normal:

Já vimos que a hipocrisia patética das comunicações de massa, exalta com todos os sinais da catástrofe (morte, assassinios, violações, revolução) a quietude da vida cotidiana. Semelhante renúncia patética dos sinais pode ler-se em toda parte. Exaltação dos extraordinariamente jovens e dos proventos da idade, emoção coletiva perante casamentos de sangue azul, hino dos mass media ao corpo e à sexualidade - assiste-se em toda parte à desagregação histórica de certas estruturas que, sob o signo do consumo, festejam de alguma maneira e simultaneamente o seu desaparecimento real e sua ressurreição caratural. A família está a dissolver-se? Então, exaltasse. As crianças deixaram de o ser? Sacraliza-se, portanto a infância. Os velhos encontram-se sós, fora da circulação? Promove-se o enternecimento pela velhice.

Pensando como Baudrillard podemos encontrar nos *media* uma forte causa da fragmentação do indivíduo em sua busca identitária. B.B.Z 16 anos estudante, assinala dessa forma a crise de identidade em termos de idolatria olimpiana: *Na minha opinião*

se uma pessoa se espelha em alguém, em seu ídolo, muitas vezes ela quer ser como ele, ter seu modo de vestir, de falar, de se relacionar, um exemplo são os programas de TV que influenciam as pessoas a copiarem diversos ídolos e estilos.

Aumentaram-se muito na última década o nível e quantidade de experimentação. A quantidade de produtos oferecidos, a quantidade de possibilidades do mundo tecnológico e virtual é o maior influenciador dos jovens na pesquisa. O gostar e o desgostar se tornou ferramenta imprescindível para manter-se vivo na concorrência identitária.

Conclui-se em certa medida, que a identidade se compra, não se constrói. Ter identidades está cada vez mais parecendo como alguém que vai a um supermercado em oferta; quem puder comprar mais e expor mais o que comprou estará sempre na frente. O corpo se torna o principal veículo de divulgação da identidade, não as ideias, a escrita. O corpo-identidade é o objeto da experiência identitária por excelência: Tatuagens, *piercing*, alargadores de orelhas, cabelos moicanos, unhas das mais diversas cores, entre uma infinidade de badulaques que se pode usar-descartar, jamais reciclar, é o promotor identitário juvenil.

Se é possível transforma-se em centenas de coisas. Quando parar? Quando esses jovens amadurecerão para uma realidade nem sempre tão colorida como se espera? Essa pesquisa não pretendeu contrapor jovens a pais e professores. No entanto, como título de ilustração, uma professora em um conselho de classe sentenciou: *esses jovens de hoje jamais amadurecerão, o futuro para eles não importa, o aqui e agora prevalecerá sempre.*

Bauman, em *Capitalismo Parasitário* (2010), já afirmava que essa juventude deve ser vista com um olhar diferente da juventude de duas gerações passadas, onde preocupações a médio e longo prazo não faz parte do dicionário.

Por outro lado concordamos com Singly (2003, p.47) ao afirmar: *a imposição de uma identidade dominante a um indivíduo, a que não corresponde à sua situação, é um abuso de poder.* Nossa pesquisa permite dizer que a situação dos jovens entrevistados não condiz com a imposição de uma identidade dominante ou de um abuso de poder institucional como acontece no oriente islâmico, por exemplo, que determina o modo de ser, agir e pensar de milhões de jovens.

Em outros termos que não o institucional, existe hoje uma identidade dominante que se impõe aos jovens de modo a muitas vezes não corresponder à sua situação? Sim, há. Se por um lado a cultura (quanto história), família, escola, religião, está livrando (por enfraquecimento das instituições) esses jovens de certas características, por outro

lado, mostram uma dependência profunda para com os meios de comunicação de massa, principalmente a internet, TV, celular e os produtos deles oriundos. As identidades oferecidas por esses meios são muitas. Esses são os meios irradiadores da identidade juvenil contemporânea. Mesmo aqueles que não têm condições econômicas são assustadoramente imprimidos pela identidade dominante de consumidor. Parafraçando Marshall McLuhan (2007): A identidade é o meio.

Como lemos no trecho citado no início do texto; é o status, é o poder de ter e parecer que caracteriza esses jovens em grande medida aos olhos dos outros. E é importante permanecer assim por maior tempo possível, perante os olhos dos outros como um jovem ou uma jovem detentora ou detentor de ‘poder identitário’, para mostrar aos demais o poder de compra de descarte e recompra. A obsolescência programada é um meio de criar e recriar identidade.

A representação surge como um elemento também importante na constituição da identidade (se é que ainda podemos usar esse termo) dos jovens. Apresentar ser o que não se é, fazer aquilo que não se gosta para agradar as diversas redes de interação levam esses jovens do mundo líquido moderno a representarem papéis mais do que suportam, por isso um motivo de grande angústia entre eles.

Isso fica claro em diversas linhas escritas por nossos interlocutores que julgam esse mundo uma verdadeira e cruel peça de teatro onde a atuação (não a atuação no sentido da sociologia da ação, mas no teatral mesmo) surge como algo de extrema importância para a manutenção do viver em juventude.

L.C de 17 anos aluna do segundo ano do ensino médio afirma que percebe entre a maioria dos seus amigos um falso moralismo, que em dias de festas por exemplo, quando a máscara social é trocada, de aluno, para festeiro, onde não há um superego familiar, escolar, os valores se dissolvem, as contradições se mostram e essas pessoas se transformam.

Desse modo, para ela, é difícil falar de um indivíduo centrado que de modo racional e inteligente utiliza seu *stock*, pelo contrário, muito do *stock* (nesse caso as relações entre os amigos, entre as diferentes tribos, entre os estilos musicais e identitários, o poder aquisitivo, etc.) não é utilizado da forma mais racional e, sim, muito mais dionisíaca. Completa: *Hoje mesmo, me flagrei pensando na sociedade, confesso que me assustei, parece mais uma peça de teatro, um manipulando o outro. Mas até um teatro é melhor que a vida aqui fora, ao menos no teatro os acontecimentos na maioria das vezes são irrealis.*

Representar é comum em jovens. A imaginação é algo importante para o autoconhecimento. Imaginar é criar um mundo paralelo de diálogos e vivências que de uma forma ou de outra fortalece argumentos, articulações de pensamentos, modos de ser e agir. A subjetivação se dá também pela imaginação.

No entanto, quando se vive mais representações do que realidades, quando em relações sociais concretas os indivíduos vivem personagens fictícios ou até mesmo impostos pelos pais, por amigos, namorados, enfim, onde o indivíduo já não é o si mesmo, mas uma bricolagem, uma colcha de retalhos, podemos não pensar o mundo juvenil como um mundo insensível e manipulador como afirma L.C?

Não podemos generalizar nas respostas a essa pergunta. Observarmos também que alunos com menor articulação identitária, com menor *stock* estão expostos a crise de identidade tanto quanto, ou até mais que os alunos que surfam no universo da representação de si. Não da crise por serem muitos, mas a crise por não ser reconhecido nem como um. Um aluno num dos textos lidos sobre o que compõe a rede da sua vida escreveu simplesmente: *ódio e tristeza*. Ao tentar saber o que levou ele escrever ódio e tristeza como elementos da rede que tece a teia da sua vida ele deixou a entender o sofrimento por não ser aceito em determinados grupos por ser obeso e ruivo.

Isso é um problema de alteridade, mas é importante analisar esse problema não somente como um ato infracional de um aluno para com o outro, tomar medidas punitivas e conscientizar da não violência e do respeito. Acredito que o conhecimento sobre identidade, ou crise de identidade, que leva alunos a cometerem atos desse tipo ou levar alunos a escrever ódio e tristeza como elementos importantes da teia da vida deve perpassar pelos professores, bem como pelas famílias para que possam ter instrumentos que possibilitem melhor lidar com esses tipos de transformação comportamental. Talvez um conhecimento maior sobre a questão da identificação juvenil poderia evitar crimes maiores como ataques suicidas de alunos nas escolas.

Segundo Kaufmann (2004, p. 206): *Os resistentes à identidade estão num mundo que lhes é próprio, no interior duma sociedade muito diferente, que não os compreende e os ignora. Tanto mais que esse mundo de retraimento é marcado pela invisibilidade e pelo silêncio público.*

Nos capítulos seguintes analisaremos outros elementos que constituem, segundo a pesquisa, a configuração da identidade juvenil. Os amigos constituem um dos maiores fatores de identificação. Amigos não somente físicos, mas em grande medida virtuais. As trocas de influências aceleram em muito o processo de construção-desconstrução-

construção identitária. Ligado à amizade encontraremos os meios de comunicação de massa nomeadamente a internet.

É impossível falar de identidade e crise de referências no mundo líquido moderno sem levarmos em conta, um dos, senão o maior influenciador da identidade juvenil que são os meios de comunicação de massa.

Pode parecer para muitos, terreno batido. Falar da influência dos meios de comunicação de massa sobre a juventude é ponto comum entre a grande maioria dos teóricos sociais. No entanto, as entrevistas nos permitiu mensurar em termos reais essas influências. Nos debates dos grupos focais pôde-se vislumbrar a real dimensão desse impacto na vida dos jovens, que geograficamente, pareciam ainda imunes a certos processos da globalização, mas que serve de suporte para ações educacionais mais efetivas, talvez menos caseiras.

A influência dos meios é realmente assustadora. O exemplo maior é a redação que iniciamos o capítulo, mas não é a mais contundente. Das produções oriundas das discussões dos grupos focais sobre a influência dos meios de comunicação de massa sobre a vida juvenil somente um disse não ser influenciado pelo *mass media*, mas que por outro lado se diz possuir um estilo próprio, diferente. Quando perguntando de onde tirava inspiração para esse estilo próprio, respondeu: *de revistas de moda*. (J.F 16 anos)

Com Durkheim (1995) aprendemos sobre anomia. Um estado de apatia social caracterizado por falta de objetivos específicos, de descumprimento das normas sociais, de descaso de si e pouca preocupação com os outros. Em certa medida a vultuosidade das transformações identitárias parece levar muitos jovens a um estado de anomia, de liquefação do sentido crítico e de autocrítica.

Pôde-se perceber pouca preocupação dos indivíduos em conhecer-se e em criar barreiras contra as tempestades do mundo midiático. Deixa estar! A preocupação com a influência sofrida com a alienação, muitas vezes assumida não é de fato, uma das preocupações da grande maioria dos jovens entrevistados.

O desejo de ser (no sentido de mais belo, mais atualizado, moderno, etc) de ter e de poder causa uma transfiguração na identidade volátil desses jovens que emerge do eterno desejar como uma superação cada vez maior e mais frequente do princípio de prazer sobre o de realidade.

A subjetivação, segundo Touraine (1997) é fator imprescindível na constituição de um sujeito. Para Touraine subjetivar é se apropriar do que vem de fora e conflitar com o que já se tem dentro, ou seja, um processo íntimo e individual de individuação. Subjetivar é um processo de construção do pensamento sobre si mesmo. Surge das

conversas internas de si para si. Um indivíduo conhecedor e sabedor de si mesmo como Singly e Bauman ensinam é um ser individuado. Assim pensa M.H de 15 anos:

Com a velocidade das coisas hoje em dia, o eu está desaparecendo, pois o que mais importa para muitos amigos é o que está de fora, ou seja, o que importa é a aparência. É preciso saber que o se é, e principalmente o que se quer para usar o que é bom do que está aí fora e descartar o resto.

Nem sempre encontramos jovens preocupados em descartar o resto. Observamos que nas relações juvenis é cada vez mais difícil ou talvez menos frequente o processo de subjetivação, mas sim o contrário, um processo de dessubjetivação sempre crescente. O indivíduo está cada vez menos certo do que se é ou do que o constitui como indivíduo pensante e ativo. Muito frequente é ouvir cada vez mais a afirmativa de que identidade é desnecessária.

Encontramos cada vez mais identificações e projeções oriundas principalmente dos anúncios comerciais, dos programas de TV, e dos astros de *Hollywood*. Assim a assertiva de Bauman se confirma cada vez mais: *os indivíduos se transformaram (ou foram transformados) em mercadorias*.

Em outro livro, *Tempos líquidos*, Bauman (2004, p.122), utilizando de uma passagem de Blaise Pascal explica:

[...] o que as pessoas querem é ser desviadas de pensar no que elas são...por uma nova e agradável paixão que as mantenham ocupadas, como o jogo, a caça, algum espetáculo empolgante...” As pessoas querem fugir à necessidade de pensar em nossa “condição infeliz”, e assim “preferimos a caça à captura”. “A lebre não vai nos livrar de pensar” nas formidáveis mais incuráveis imperfeições de nossa condição comum, “mas caçá-la vai”.

Acreditamos que a juventude está entrincheirada sem armas e cada vez mais sitiada. O sitiante quer um acordo: que a juventude canalize o que possui de melhor e de mais forte, a juventude e o desejo, para duas coisas. Primeiro: Competir interindividualmente por diferenciação social e : que essa diferenciação social seja conseguida pelo e para o consumo.

Parece paradoxal falarmos, como fizemos acima, de individualização e dessubjetivação. Parece que ao se individualizar, o indivíduo, ao invés de sofrer a dessubjetivação teria maiores possibilidades de subjetivação, de proteger-se contra forças centrípedas que pretendem o esmagar. Por outro lado, essa individualização está alicerçada na ideia de competitividade e diferenciação, diferenciação essa que se encontra no consumo. Logo temos um monte de diferentes-iguais indiferentes pela sua igualdade (de consumir o mesmo produto), mas ávidos por distinção. E desse modo, essa busca não cessa, logo porque, não há tempo para acomodação de um eu, porque

tem outros ‘eus’ à espera por distinção e destaque; seja pelo status de tal celular, do corte de cabelo visto no filme, da moda lançada na novela, do calçado, do carro, do vídeo game etc.

Ao falar disso L.B.E de 17:

Em nosso cotidiano, convivemos com diferentes pessoas e estamos expostos a diversas opiniões e vontades. Frequentemente, nos relacionamos com grupos totalmente opostos, e para cada um deles usamos uma máscara específica; cada um conhece um lado da sua personalidade, uma face da fantasia. É confortável agir assim. Para não arrumar confusão com ninguém, trocar de papel a cada ato da peça da sua vida. Mas é isso mesmo que queremos? Viver a vida toda interpretando alguém que não somos?

Ao representar alguém que não somos me lembro de um filme: *Substitutos*. Direção Jonathan Mostow, Disney, 2009. Mostra a trama de um ‘eu’ manipulando diversos ‘eus’. É a história de um futuro onde as pessoas ficavam em suas casas, trancadas em seus quartos, enquanto por meio de computadores acoplados em seus corpos por diversos sensores, homens e mulheres controlam seus *substitutos*. Tais avatares não precisariam ser iguais ao verdadeiro ‘eu’, que está em casa, mas sim aos diversos desejos íntimos de cada um. Havia casos de homossexuais terem como avatar mulheres loiras, morenas ou ruivas. Em outros, pessoas nos quais seu ‘eu’ verdadeiro não eram ‘perfeitos’ (rugos, cicatrizes, manchas, imperfeições físicas, baixa estatura, excesso de peso), poderiam desse modo, ter avatares substitutos que superasse essa ‘imperfeição’. Não havia nenhum tipo de relação entre os ‘eus avatares’ e o ‘eu real’. Quartos trancados, computadores e monitores somente. Era autorizado às pessoas ter quantos avatares substitutos quisessem, desde que fossem numerados e registrados pelo governo. Na praia o substituto bronzeado com marca de biquíni, no escritório a loira encantadora e assim por diante.

O filme transcorre dentro de um cenário, no qual um agrupamento de seres humanos sem avatares substitutos denominados sacos-de-carne resistem à dominação desses meio-seres-humanos. A opressão sobre os sacos-de-carne se dava pelos substitutos, nesse caso, policiais a mando do governo. Os avatares dos policiais controlados pelo ‘eu’ em casa limitavam, perseguiram e prendiam em outros casos matavam os sacos-de-carne. Mantinham os sacos-de-carne afastados em guetos porque não se adequavam às novas tecnologias ou porque não queriam se adequar a moda da substituição.

A desculpa para a instituição dos substitutos era prioritariamente a segurança. De fato, os índices de violência caíram assustadoramente com a utilização dos

substitutos, mas aumentou-se a quantidade de remédios antidepressivos. O problema eram os sacos-de-carne que descobriram uma máquina, curiosamente feita pelo criador dos substitutos para pôr fim à sua criação. O criador querendo destruir a criatura. Para isso utilizou dos seres humanos, sacos-de-carne, não adequados às regalias de ser o que não se era para pôr fim ao mundo da fantasia identitária.

O filme acaba com um grande vírus no sistema de controle dos substitutos onde todos ‘morrem’. As pessoas de verdade, saem de suas casas para ver o que aconteceu e ‘se encontram’ no chão, ‘mortas’. A máscara da fantasia acabou e agora eles deveriam ser eles mesmos. Antes de sair do seu quarto para ver o que tinha acontecido com um dos seus ‘eus’ a câmera captura a mesa da mulher com sua quantidade enorme de antidepressivos. Assim era a vitória do ‘eu’ contra os ‘eus’ a resistência dos sacos-de-carne libertou os humanos da fantasia das máscaras identitárias e os levou para o seu verdadeiro ser. As pessoas puderam assim se dar uma nova chance de serem elas mesmas.

Esse filme ilustra de forma muito interessante, em nível macro, como se dão as relações humanas no mundo líquido moderno. Como citou a aluna L.S acima. Os avatares, os ‘eus’ que encontramos nas redes sociais, nas projeções e identificações infinitas do mundo líquido moderno são encontradas enormemente no mundo real-virtual e vice-versa.

Ainda não chegamos ao ponto de colocarmos robôs para nos substituímos na vida cotidiana, entretanto, temos já a possibilidade de construir diversos ‘eus’ para viver em sociedade, coincidentemente ou não a quantidade de antidepressivos consumidos pelos seres humanos nos últimos tempos só tem aumentando com o processo de fragmentação identitária.

Até aqui concluímos que em nossa sociedade, principalmente a da cultura, do consumo, tem sitiado esses jovens em diversas frentes apelando para muitas possibilidades de representação de si, voltando-os principalmente para o consumo. Para o bem ou para o mal centrado na ideia de diferenciação social e de status econômico.

Poucos jovens acenaram para uma resistência ou retraimento em relação a sua constituição, ou melhor, sua individuação. Nessa sessão não encontramos ninguém que acenou para o Sujeito de Touraine do qual falaremos mais adiante.

A seguir pretendemos jogar luz sobre outro aspecto importante na vida desses jovens que nos parece o maior articulador de identificações e maior causador de instabilidade representacional do eu: a cultura do consumo.

4 SOCIEDADE DE CONSUMO E CULTURA DE MASSA: UMA ANÁLISE DO GLOBAL PARA O LOCAL

Um mercado avassalador dito global é apresentado como capaz de homogeneizar o planeta quando, na verdade, as diferenças locais são aprofundadas. Há uma busca de uniformidade, ao serviço dos atores hegemônicos, mas o mundo se torna menos unido, tornando mais distante o sonho de uma cidadania verdadeiramente universal. Enquanto isso, o culto ao consumo é estimulado.
(SANTOS, 2001, p.154)

O que costumava ser a voz da dissidência está se tornando ortodoxia; o que era sussurrado nos submundos condenados é agora gritado nas praças da cidade; o que se passava clandestina e sorrateiramente no escuro da noite agora é comercializado sob intensa luz e em shoppings lotados. Essa diferença faz toda diferença.
(BAUMAN, 2005, p.85)

Quando o consumidor pensa em comprar um produto ele já foi comprado por ele. O produto “compra” o comprador. Ou você acha que as pesquisas de opinião são feitas por acaso?
(SILVA JUNIOR, 2008, p.21)

Há 200 milhões de anos existiu segundo os geólogos um único continente denominado Pangeia. Pangeia origina-se do grego e significa *pan* (junto, inteiro) e *geia* ou *gaia*, deusa grega que personifica a terra e todos seus elementos.

Pangeia seria o conjunto dos continentes de maneira física, efetivamente colados uns aos outros formando um todo, coeso, unido, global. Durante a evolução planetária a Pangeia foi sendo substituída por continentes menores, isolados como a Oceania ou ligados por estreitas faixas de terra como as massas hoje compreendidas por América do Norte e América do Sul que são ligadas pela América Central, ou o Oriente Médio e a África unidos pelo hoje Israel e Palestina. Entretanto, no decorrer dos séculos o todo inteiro do Pan, dissolveu-se graças as Placas Tectônicas. Placas flutuantes sobre o magma quente do interior da terra que se moveu lentamente e se move ainda hoje como sabemos. Para esse processo de desprendimento do continente criou-se a teoria da Deriva Continental.

Hoje, no século XXI da Era Cristã, é possível utilizar alguns desses conceitos para compreender o mundo e suas transformações. Em linhas gerais, podemos classificar o mundo contemporâneo como a Neopangeia e a Deriva Continental substitui-se pela Deriva Humana.

Como Lindo (2000, p.79) observa: *Estamos vivendo uma série de mutações, tanto nas relações sociais como nas estruturas materiais, tanto nas individualidades humanas como no curso da evolução da vida em geral.* Nos últimos 70 anos, principalmente após a Segunda Grande Guerra, o mundo se viu ligar novamente. Essa

ligação como sabemos não se deu de forma física como a Pangeia, mas econômica, virtual e técnica. A esse nome configurou-se chamar de globalização e analisamos seus impactos no universo regional no capítulo I.

Por ora, a metáfora da Neopangeia visa abranger a ligação geral dos continentes, não apenas em termos econômicos, mas sociais, pessoais e informacionais, de valores éticos, estéticos entre outros.

A Deriva Humana ganha vulto com o processo de esfacelamento dos pressupostos éticos e morais quando os fins parecem justificar os meios. Os fins justificam os meios no mundo moderno pelo simples fato de não ser mais possível antever qualquer certeza nos dias e semanas vindouros, que dirá meses ou anos. O exemplo da crise nas impenetráveis ditaduras mulçumanas dão mostras disso. Tsunamis avassaladores destroem o Japão e um perigo atômico repentino assombra novamente o mundo, a política brasileira sofre positivas desestabilizações. Temos até um papa latino. O indivíduo contemporâneo incerto e confuso pela velocidade constante e frenética se rende às fobias e ansiedades. E as ideologias do mercado global unidas pelos sinais invisíveis da neopangeia mostram saídas e soluções no consumo de massa:

O mesmo sistema ideológico que justifica o processo de globalização, ajudando a considerá-lo o único caminho histórico, acaba, também, por impor uma certa visão da crise e a aceitação dos remédios sugeridos. Em virtude disso, todos os países, lugares e pessoas passam a se comportar, isto é, a organizar sua ação, como se tal “crise” fosse a mesma para todos e como se a receita para afastá-la devesse ser geralmente a mesma. Na verdade, porém, a única crise que os responsáveis desejam afastar é a crise financeira e não qualquer outra. Aí está, na verdade, uma causa para mais aprofundamento da crise real – econômica, social, política, moral – que caracteriza o nosso tempo (FARIA, 1991, p. 52).

A Neopangeia só é possível por meio da comunicação. Graças à internet, à TV aberta e a cabo, os sinais de celulares e demais aparelhos de localização e comunicação não seria possível a ‘reunificação’ planetária. Para Moraes (1997, p.76): *Os meios de comunicação de massa multiplicaram-se e diversificaram-se criando um sistema mundial de multirredes e multicanais, provocando ao mesmo tempo efeitos de homogeneização e de desestruturação cultural em todas as sociedades.*

O mundo ‘liga-se’ de uma forma surpreendente e esmagadora. Na Neopangeia o mundo está ligado como nunca esteve antes. Entretanto, ligado não quer dizer unido, pois a Deriva Humana tem levado os indivíduos a isolarem-se de modo assustador. Entretanto, as placas movem-se e o mercado global causa sempre terremotos e tsunamis para mover a massa à deriva e desligada da Neopangeia.

A Deriva Humana é abalada pelas placas tectônicas da Neopangeia quando por algum motivo especial o mercado cria mecanismos de aglutinação e frenesi entre os habitantes do mundo. Os tubos e condutos da comunicação levam aos indivíduos da Neopangeia vontades e insere em seus corações desejos. Por algum motivo, homens, mulheres e crianças se lançam em tribos para saciar esses desejos. Mas tais desejos têm como principal característica manter a deriva. Simultânea e repentinamente as gentes se unem para desunirem-se imediatamente. E o grande segredo de tal processo está na oferta publicitária.

Segundo Moraes (1997, p.25):

Os aparatos de divulgação disponibilizam signos sociais que assumem significação mundial. Não apenas de marcas [...] como também de referências culturais [...] afirmam-se perante os consumidores, sem procedências nitidamente identificadas. Tais signos prefiguram uma memória coletiva partilhada por pessoas dispersas nos rincões geográficos. Não mais uma memória enraizada em tradições nacionais, regionais ou locais, mas traçada e reconhecível em estilos de vidas universais.

No consumo é que os indivíduos contemporâneos se identificam diz Bauman, entretanto essa identificação tem fim marcado tornando impossível uma relação duradoura entre homens e mulheres, pois os produtos fabricados pelos mercados móveis e fluídos da contemporaneidade têm como característica máxima a obsolescência programada. Os produtos têm nas placas fluídas do mercado data e hora para seu fim, e será exatamente no momento do próximo lançamento, da próxima estação ou do próximo desfile. Segundo Morin (2005, p.112). *Os comunicadores sociais, o show business e as “indústrias culturais” aparecem como um novo poder que se manifesta na formação da opinião pública, no consumo e nos padrões do comportamento coletivo e de seu fim eminente.*

4.1 O CONSUMO EM MASSA E A OBSOLESCÊNCIA PROGRAMADA NO MUNDO CONTEMPORÂNEO

A obsolescência programada lança mão de um mecanismo importante para a compreensão da Neopangeia. Esse mecanismo é o desejo. Os laços se tornam virtuais, a ânsia de estimular o consumo transforma as propagandas em apelos fetichistas e sexistas levando o indivíduo contemporâneo a uma espécie de sonambulismo não sabendo até onde é o sonho e até que ponto está a realidade. O homem isolado, ansioso para saciar seus desejos de consumo que já se mistura com desejos da libido se torna alvo fácil dos sistemas escorregadios do mercado.

Para Bauman (2010, p.43):

A cultura de hoje é feita de ofertas, não de normas. A cultura vive de sedução, não de regulamentação; de relações públicas, não de controle policial; da criação de novas necessidades/desejos/exigências, não de coerção. Esta nossa sociedade é uma sociedade de consumidores. E como o resto do mundo visto e vivido pelos consumidores, a cultura também se transforma num armazém de produtos destinados ao consumo, cada qual concorrendo com os outros para conquistar a atenção inconstante/errante dos potenciais consumidores, na esperança de atraí-la e conservá-la por pouco mais de um breve segundo.

A metáfora da Neopangeia se enquadra no entendimento do homem contemporâneo. Sabemos que estamos mais ligados do que nunca por cabos de internet, sinais de satélite, por conexões aéreas e pelas imagens da TV e do cinema, em contrapartida encontramos em explicações de cientistas sociais como Birman (1999, p.97), por exemplo, uma sociedade de homens e mulheres solitários, vazios de contato humano e ansiosos por preenchimentos afetivos, inconclusos e sem amparo:

O problema de uma cultura de individualismo intenso é que ela acaba destituída de comunidade. Uma comunidade não se forma sempre que as pessoas interagem umas com as outras; as verdadeiras comunidades são unidas pelos valores, normas e experiências comuns aos seus membros. Quanto mais esses valores comuns estiverem arraigados, maior o senso de comunidade. Entretanto, para muitas pessoas a troca entre liberdade pessoal e comunidade não parece óbvia ou necessária. À medida que as pessoas eram liberadas de seus laços tradicionais com cônjuges, famílias, vizinhos, locais de trabalho ou igrejas, elas pensavam que poderiam ter ao mesmo tempo conexões sociais que elas mesmas escolheriam. Mas elas começaram a perceber que essas afinidades eletivas, nas quais poderiam entrar e sair à vontade fazia com que se sentissem solitárias e desorientadas, ansiando por relacionamentos mais profundos e permanentes com outras pessoas.

Como vimos, o processo de esfacelamento do local provocado pelas informações em rede e pelos meios de comunicação de massa, tende a transformar a comunidade em sociedade. Aquilo que era comum num grupo específico de pessoas localmente agrupadas passa a ser modificado por ideias globalmente sugeridas pelos anúncios e pelos programas de TV.

Desse modo, a comunidade tende a fragilizar-se com o ímpeto massivo do externo e o local se transforma em social onde as pessoas vivem, mas não convivem, onde os gostos estão em outra parte, onde a reunião de fim de tarde é substituída pelo episódio da novela, onde a conversa familiar é substituída pela concentração e silêncio que requer o filme:

[...] as massas populares urbanas e de uma parte dos campos têm acesso a novos padrões de vida: entram progressivamente no universo do bem-estar, do lazer, do consumo, que era até então o das classes burguesas. As transformações quantitativas (elevação do poder aquisitivo, substituição crescente do trabalho da máquina pelo esforço humano, aumento do tempo de lazer) operam uma lenta metamorfose qualitativa: os problemas da vida individual, privada, os problemas da realização de uma vida pessoal se colocam, de hoje em diante, com insistência, não mais apenas no nível das classes burguesas, mas da nova camada salarial em desenvolvimento. (GASSET, 2002, p.89)

O processo de liquefação do local e sua inserção nos mercados mundiais destituem gradual e paulatinamente a originalidade pertinente a grupos locais. O *caldo orgânico* que surge com a Neopangeia tende a homogeneizar os povos, maneiras, costumes e práticas comunitárias. É comum vermos na TV ou na internet povos antiamericanos do Oriente Médio e da Ásia usando Nike e fumando Marlboro, enquanto criticam o americanismo, por exemplo. Isso parece mostrar que o consumo e o *status* falam mais alto que desavenças religiosas e culturais.

A máquina maquina o consumidor. A estetização e a estilização promovem a diferenciação contínua e inadequado é aquele que não busca diferenciação social. Entretanto, pela busca e pelo incentivo desenfreado de diferenciação, diferenciação essa sugerida pelos anúncios de carros, de xampu, de perfumes, de refrigerantes; nos tornamos uma turba de diferentes-iguais, pois as falas, os gestos, os maneirismos as roupas que prometem diferenciar iguala e exclui, pois nem todos podem, ou querem ser ‘diferentes’. Nesse processo, como explica Bauman, a própria cultura é oferecida como produto e consumida com profusão por homens e mulheres do mundo todo:

Se o mundo habitado por consumidores se transformou num grande magazine onde se vende “tudo aquilo de que você precisa e com que pode sonhar”, a cultura parece ter se transformado atualmente em mais um de seus departamentos. Como nos outros, suas prateleiras estão lotadas de mercadorias renovadas diariamente, e as caixas são decoradas com anúncios de novas ofertas destinadas a desaparecer depressa, como as mercadorias que anunciam. Tanto as mercadorias quanto os anúncios publicitários são pensados para suscitar desejos e fugar vontades para impacto máximo da obsolescência programada (BAUMAN, 2010, p.32).

Entretanto, o mercado sob a égide da obsolescência programada, gira a roda da fortuna e torna esses diferentes em ultrapassados e a corrida pela diferenciação é novamente iniciada, e assim será *ad infinitum* porque as placas tectônicas do mercado global flutuam livremente sob nossos pés e não temos como ou não queremos pará-la. Anestesiados, assistimos como o personagem do filme *Laranja Mecânica* que preso a uma cadeira e com os olhos presos para ficar bem abertos passava horas em frente à televisão sendo impregnado de milhões de anúncios e notícias sem nada poder fazer. A

única função da obsolescência programada é tornar sem função as mercadorias pelo mercado oferecidas. Logo, a programação da obsolescência equivale ao tempo exato do descarte do novo eterno, eterno enquanto dure.

4.2 DOS GRANDES CENTROS AO INTERIOR: O PROCESSO DE DESINTEGRAÇÃO COMUNAL

Observamos com maior frequência, o interior das cidades serem invadidos por *outdoors*. Os últimos lançamentos estão mais do que nunca presentes nos possíveis últimos redutos comunitários. Lançamentos de carros demoram em torno de cinco a dez meses para serem entregues devido à quantidade de pedidos. Lançamentos do São Paulo *Fashion Week* e de outros desfiles de moda espalhados pelo mundo estão nas vitrines dessas cidades em questão de dias. Os modelos de casas e interiores apresentados em revistas especializadas têm transformado as cidades pequenas em algo similar aos grandes centros urbanos, inclusive com a construção de condomínios fechados e segurança vinte quatro horas mesmo cientes que o índice de homicídios e outros crimes são baixíssimos:

O que não surpreende, pois todos sabem que até os objetos de desejo logo envelhecem, perdem o brilho num segundo. Os editores das revistas de luxo sempre são capazes de tomar pulso da situação; junto com as informações sobre as novas coisas que você “tem que fazer” e “tem que ter”, suprem seus leitores, de maneira regular, com conselhos sobre “o que está *out*” e deve ser descartado. (MORAES, 1997, p.15)

A relação consumo, estilo e estética é imprescindível para a manutenção da obsolescência programada e para a expansão do desejo. É preciso mudar o gosto das pessoas com muita frequência para as placas do capitalismo continuarem deslizando. Alguns terremotos acontecem como a crise do consumo de 2010, entretanto, mecanismos são criados para sanar problemas desse tipo, ou seja, com mais consumo.

No mundo do consumo desenfreado, os jovens são alvos fáceis. Empresas se especializam em como atingir os desejos dos jovens, ou como criar tais desejos e com isso atingir dividendos astronômicos com o consumo dos menores. Mas é interessante notar que os pais são tão enfeitiçados quanto os filhos. O sistema criou nos corações de pais e mães o dever e a obrigação de serem eternos jovens. Logo isso se torna um mascaramento: pais compram para os filhos que depois compram para si para se parecerem com eles.

Segundo Nietzsche (2005, p.16): *Aquilo que se faz por amor está sempre além do bem e do mal*. Por amor os pais enchem seus filhos de modas e modismo para sanar

as suas próprias. Por amor pais e mães não medem as consequências e lançam seus filhos no mundo do consumo tornando-os perfeitos consumidores. Por amor os pais atendem aos desejos dos filhos e atendem aos pedidos das grandes comparações industriais. O que fazer se os próprios pais estão anestesiados pela deslumbrante equação do comprar-descartar-compar?

Segundo Ianni:

A alegria de “livrar-se” de algo, o ato de descartar e jogar no lixo, esta é a verdadeira paixão do nosso mundo. A capacidade de durar não joga mais a favor das coisas. Dos objetos e dos laços, exige-se apenas que sirvam durante algum tempo e que possam ser destruídos ou descartados de alguma forma quando se tornarem obsoletos – o que acontecerá forçosamente. (2007 p.33)

Marx (2009, p.41) anunciou: *proletários do mundo uni-vos!* Letra morta. Não existe mais proletário, não como nos séculos passados ou proletários para uma revolução socialista, isso é fato. O que existe são pequenos-burgueses e burgueses em potencial. Não há mais luta de classe e a luta pela transformação, repartição e igualdade proposta pela utopia marxiana que como tantas outras sucumbiram ao mercado. O que há é a competição por distinção. Ricos lutam para continuar se distinguindo da classe média cada vez mais numerosa e ávida por novidades. Por seu turno, a classe média luta para alcançar a sofisticação dos ricos e distinção entre si. Na base do processo encontramos os pobres, que mesmo sem as condições básicas de saúde, ensino e moradia, pelos quais deveriam lutar, encontram na falsificação, nos produtos da estação passada, e nas grandes queimas de estoque a distinção para com o seus. Não importa como pagar, mesmo que seja quase o dobro pela quantidade de juros pelas exorbitantes parcelas das Casas Bahia.

A Neopangeia dão mostras claras de uma vida estetizada e estilizada e a ética, a comunicação profunda habermasiana dão mostras claras de nunca existir. A Neopangeia, com suas placas flutuantes do mercado global, levou homens e mulheres para deriva. Restam os redutos interioranos como fonte de inspiração para àqueles que veem no consumismo um mau presságio.

No que tange à relação dos humanos para outro e para com a terra que também está pela hora da morte resta acreditar que é possível uma reorganização das vontades mediante a emancipação do sujeito pela ação.

Abaixo procuramos relacionar o consumo e sua cultura com a realidade dos jovens pesquisados.

5 A JUVENTUDE SITIADA: ENTRE O RESISTIR E O ACEITAR

Quando você vir uma mulher caminhando feliz,
com a pele boa, sorridente, leve, plena...
Pode ter certeza: ela não está apaixonada, ela acabou de sair do shopping!
(Postagem de uma amiga no seu Facebook)

Compras. A melhor das terapias
(Postagem de outra amiga no seu Facebook).

Que **emoção**, que **felicidade**, (grifo nosso) meu Galaxy S3 está chegando.
(Desabafo feliz de uma jovem amiga no seu Facebook ao ser presenteadas
com um celular de última geração).

Tem mulher que sabe juntar beleza com atitude para conseguir o que quiser.
E tem mulher café com leite.
(Propaganda da marca Eudora)

Seja Original use Malbec.
(do Boticário)

A sociedade de consumo tem como base de suas alegações a promessa de
satisfazer os desejos humanos em um grau que nenhuma sociedade do
passado pôde alcançar, ou mesmo sonhar.
(BAUMAN. 2008, p. 55)

Ao analisar as exposições anteriores e as que seguirão, vimos as mudanças sofridas na região do Oeste catarinense a partir dos efeitos da globalização. Partimos daí para analisar a ideia das transformações identitárias e da inclusão do espaço regional no mundo globalizado.

Nos capítulos anteriores defendemos o pressuposto de que a região passa por profundas transformações que ressignificam enormemente os aspectos de pertencimento identitário.

Em um primeiro momento foi elencado o papel das transformações econômicas na região que fizeram com que houvesse a inserção da economia local dentro do universo global. Como a pecuária, a criação de aves, de suínos, a entrada dos frigoríficos, a automação e a padronização do plantio, a colheita, a criação, a alimentação e o abate aos moldes internacionalmente aceitos ajudaram significativamente a mudar o jeito de ser e de se viver no Extremo Oeste catarinense. Em seguida, encontramos na comunicação de massa outro aspecto importante para a mudança do arranjo social regional, a internet, mas antes a TV aberta e a cabo puderam modificar as relações público-privado, coletivo-individual, comunal-social no espaço estudado.

A partir disso, acreditamos que o consumo (o necessário à manutenção da vida) dá lugar ao consumismo (o necessário à diferenciação e ao *status*) em massa e que tem

sido junto com as transformações comunicacionais e industriais fator determinante para aprofundar as diferenças entre aquilo que entendemos por COMUNIDADE em detrimento da SOCIEDADE que, como vimos, tem segundo Tönnies (1947) e Bauman (2003) caráter mais individualizado e menos coletivo.

Nesse capítulo pretendemos aprofundar a análise sobre a cultura de consumo e de massa na relação identitária da juventude regional, a partir dos debates dos grupos focais e da produção textual sobre a temática: consumo e consumismo.

Lamentamos, novamente, não poder descrever todas as passagens extraídas dos grupos focais *ipsis litteris* pela abrangência e quantidade de material recolhido, todavia, acreditamos que as passagens que seguem são suficientes para a compreensão do tema proposto e por meio de tipo-ideais sintetizar nossas descobertas.

5.1 A CULTURA DE CONSUMO E SUA ABRANGÊNCIA LOCAL E GLOBAL

Qualquer cidadão médio percebeu que nos últimos vinte anos seu espaço regional, assim como qualquer espaço físico do mundo conectado aos cabos de internet ou de televisão, às lojas multimarcas de roupas, de celulares, de carros ou tênis com seus *outdoors* enfeitando a cidade, uma verticalização e uma imposição dos gostos, dos saberes e dos desejos. Percebeu também que as regionalidades e sua idiosincrasia não são mais como num passado muito próximo e afirmam ao questionados sobre essas transformações algo muito próximo a seguinte afirmação de Bauman (2013, p. 124): *[...] intrincados na rede mundial, padrões imitados voam de modo quase aleatório no espaço extraterritorial – sem itinerários agendados e encontrando poucas barreiras ou postos de vigilância -, mas aterrissam sempre em pistas de pouso construídas localmente.*

Aos entusiastas da globalização (como é um dos nomes dado ao processo de homogeneização dos espaços) que só enxergam coisas boas, não percebem ou não querem perceber, outras variáveis desse mecanismo, tal como a *glocalização* que seria: *despir a localidade de sua importância quanto localidade e idiosincrasia. Ou seja: Os lugares podem propor (e de fato o fazem), mas quem agora dispõe são as forças desconhecidas, descontroladas, irrefreáveis e imprevisíveis que vagam no “espaço dos fluxos” (Idem, p.126).*

No espaço dos fluxos onde transitam os jovens de hoje parece imperar o reino do *status* e do descontentamento. O descontentamento consigo mesmo não pelo que são, mas pelo que poderiam ser, não pelo que possuem mas pelo que poderiam ter, não por

falta de recursos por não ter, mas pelo número exorbitante de opções de ter. Até chegarem a atitudes como a descrita por B. F. de 17 anos, quando: *Meu primo de 10 anos jogou o celular no vaso sanitário e disse para minha tia que caiu para que ela comprasse um novo.*

Os jovens do mundo se comunicam sem se falar. Parece simples. Basta olhar para o pé, para a cabeça e para o quadril. Para o pé onde estará estampada a marca do tênis, para a cabeça onde ali terá um boné um corte de cabelo ou um fone de ouvido e para o quadril exatamente onde o cinto passa ver-se-á a marca do jeans. É o mundo da moda que prevalece cada vez mais entre os jovens. Moda com muitas conotações; de apelo sexual, de descontentamento corporal, de agremiação juvenil tribal, de retraimento identitário (como os grupos de rock), baseados sempre num consumo tanto de permanente atualização quanto em um consumo de resistência a tal atualização (como encontrados nos grupos de rock o sonho de pureza baumaniano).

Autores escreveram sobre esse moto-perpétuo que é a moda, George Simmel (2008 p. 54) escreve o seguinte: *A moda é uma forma peculiar de vida por meio da qual se procura estabelecer uma solução de compromisso entre a tendência à igualdade social e a tendência à distinção individual.* Nessa perspectiva afirma D. A. D. estudante de 15 anos: *Hoje o consumo e a moda não gira em torno de uma necessidade, e sim por desejo de sempre querer mais e querer melhor do que o outro.*

Buscamos compreender nesse capítulo como os jovens se enxergam nesse universo que é próprio deles. Falando mal de si e do outro. Falando bem de si e do outro. Criticando o modo como a sociedade está caótica e como também, ajudam a perpetuar o caos que afirmam. Sobre a crise familiar que escrevem, mas que nunca é a sua. Sobre a escola com funções de escola-família que para muitos não da conta mais nem de um nem de outro. Por outro lado, o pedido de socorro para que a escola deixe de chantageá-los com o vestibular e com o mercado de trabalho e passe a considerar mais o mundo da vida. Esse capítulo está em ligação direta com o segundo, quando tratamos das identidades juvenis.

Como afirma D. S de 17 anos: *Os professores sempre me falaram que deveria me formar no ensino médio e logo fazer uma faculdade pra ser uma pessoa bem sucedida, mas acredito que ensino superior imediato não seja o fundamental para o sucesso.*

Os jovens se sentem presos ao consumo e se dizem escravos em muitos casos. Que sentem medo da exclusão por não usarem tal jeans ou tal celular. Como diz o título desse texto: Uma juventude sitiada.

Bauman (2008b) diz enxergar o mundo da vida como um pêndulo; Se a sociedade está do modo como muitos asseguram, caótica, será assim até que o pêndulo volte. Ao voltar pode-se esperar a reafirmação de valores por ora desconsiderados. Segundo ele, é preciso esperar o tempo do dar-se conta de que as coisas não vão tão bem como se pensa. É possível encontrarmos quem defenda (Touraine, 2005) a ideia do comunitarismo ou do que vimos escrevendo como INDENTIDADE FORTE, ou Eu em maiúsculo. Segundo Touraine isso vem acontecendo em culturas em que os processos de globalização econômicos, culturais, midiáticos e consumistas já fizeram seu papel de esfacelamento, sua desarrumação. Em algumas culturas pode ser que o pêndulo esteja voltando que um neocomunitarismo esteja em voga. Que maior negociação em torno do que é ‘nosso’ e do que é ‘deles’ esteja sendo imposta ou trabalhada, ou que os intermediadores culturais estejam organizando políticas sociais para fecharem-se em si mesmos em defesa de um sonho de pureza. Touraine (2007) já mostrou veemente crítica sobre o neocomunitarismo. Mas também deixa claro sua preocupação em relação ao indivíduo solto aos sabores dos ventos mercadológicos.

Para aqueles que acreditam que o Oeste Catarinense se protege dos ventos do mercado parecem se enganar; para o bem ou para o mal o pêndulo começou a se mover para o lado da homogeneização, quiçá um dia ele retorne positivamente ressignificado. Mas o que as entrevistas e o grupo focal apontam é para a transformação do espaço e da cultura regional indo em direção ao desejo consumista, aos *media*, à padronização e à mudança brusca de um passado próximo, o da colonização, para um porvir globalizado.

Segundo G. A. de 16 anos: *Por onde quer que andemos aqui na cidade, enxergamos propagandas, outdoors, em casa os meios de comunicação e a internet fazendo com que os olhos de qualquer pessoa brilhem para comprar. Nossa geração está crescendo juntamente com a sede de consumo, substituindo gradualmente o ser pelo ter.*

D. A. 16 anos: *todos os dias, nas lojas, em suas vitrines, estão várias novidades, que nos fazem querer sempre mais. E nós precisamos saber nos controlar, e isso não é fácil.*

G. G 15 anos: *Vejo um enorme problema que é o consumismo. Vejo pessoas que acabam comprando diversos produtos sem necessidade, resultando em um desenfreado crescimento de lixo. Além deste tão questionado assunto, muitos jovens passam a sofrer exclusões dos outros jovens.*

Segundo Gilles Lipovetsky (2011) houve uma profunda transformação nas últimas décadas, principalmente a partir dos anos de 1980-90. Diríamos que a profunda

transformação regional data dos anos 2000 com o início da proliferação dos computadores munidos de internet que ligou efetivamente os quatro cantos do globo sobe a insígnia WWW. Lipovetsky assinala uma espécie de evolução cultural, a partir do desenvolvimento massivo das telas tornando o sapiens em *ecranis*:

O Homo sapiens tornou-se Homo ekranis: daí em diante ele nasce, vive, trabalha, ama, se diverte, viaja, envelhece e morre acompanhado, em todos os lugares por onde passa, por telas que o mostram feto nas imagens de ultrassonografia, que, desde seus primeiros meses, lhe oferecem uma televisão especialmente concebida para bebês, que lhe propõem encontrar a alma gêmea ou o parceiro de uma noite nos fóruns de encontro e que chegam até a fazê-lo escolher seu caixão e seu modelo de túmulo, se ele o desejar, encomendando-os nos sites adequados. A economia, a sociedade, a cultura, a vida cotidiana, todas as esferas são remodeladas pelas novas tecnologias da informação e da comunicação: a sociedade das telas é a da sociedade informacional (2011, p.77).

Sinay (2012) radicaliza quanto ao uso de celulares por alunos na escola. Segundo ele, permitir que um filho leve celular à escola é o maior desrespeito que um pai e uma mãe poderiam fazer à instituição escolar.

O jovem *ecranis* de Lipovetsky não está nos grandes centros como ele coloca mais adiante no seu argumento, mas por toda parte.

O sítio que envolve esses jovens vem de alhures localizada em toda parte, mas em lugar nenhum, está no espaço ciber onde só existe a velocidade que envolve a do lançamento, da oferta e da procura, do descarte e de nova procura.

Acreditamos que os meios de comunicação de massa, a sociedade de consumo junto da globalização são os mais importantes ressignificantes das identidades líquido modernas. Que a escola precisa, juntamente com os professores, se voltar para esses fatores e buscar respostas para questões que fogem em muito da álgebra, da química orgânica, da história sem sentido, do vestibular e do mercado de trabalho. Os alunos têm consciência (ou parecem ter) disso, é o que sentimos nas discussões, nos bate-papos e nos textos, mas afirmam estarem tão amarrados ao sistema que julgam nada poder fazer; ou se está dentro ou fora.

G. I 16, anos, por exemplo, afirma: *Uma ótima solução para a redução do consumo, por exemplo, seria se as pessoas comprassem somente o necessário, sem se preocuparem tanto em estar na moda, tendo consciência de que não precisa de tudo o que veem. E termina: quem realmente faz isso?*

A escola, segundo muitos alunos, não explora efetivamente o pensamento no sentido de tomada de consciência, antes disso, instiga conscientemente ou não a competitividade quando na sua prática sempre usa a batida resposta aos

questionamentos dos alunos: *para o vestibular, para o mercado de trabalho ou para ser alguém na vida*. Se essa política detinha os jovens do passado, observamos hoje, que os jovens clamam por saber mais da vida e como é o mundo lá fora. Desse modo, as políticas educacionais estão em sentido contrário aos desejos íntimos de mudança social e de formadores de sujeitos.

Num texto intitulado: *A cultura do ter predomina a do ser* a aluna T. B de 17 anos comenta:

Vivemos em um mundo, num sistema socioeconômico capitalista que elege o consumo como o fim cultural mais importante, ou seja, o que caracteriza as sociedades capitalistas é a busca pela riqueza, seja ela financeira ou material. [...] tendo como lema “a propaganda é a alma do negócio” a mídia alcançou o poder sobre a população de maneira até então nunca vista, construíram um império praticamente inabalável. Seja por uma manifestação nas redes sociais ou por uma simples propaganda de um brinquedo, ela talvez seja um dos principais agentes das mudanças ocorridas até então, vejo isso por toda parte.

Mais adiante outra aluna G.M 15 anos desabafa: *Me perdoe, mas nessa tão polêmica "era do micro-ondas" onde as pessoas querem tudo para ontem, atrevo-me a dizer que o ser humano deixou queimar seu cérebro, no meio do macarrão instantâneo*.

Rodrigo Luis Mingori, poeta e historiador de 24 anos, em entrevista via *Facebook* chega a interessante conclusão:

Se analisarmos, o capitalismo já chegou a sua extensão quase máxima, no entanto, o mercado precisa continuar crescendo, desse modo, a imagem passa a ser valor de troca e essa é de valor infinito, pois pessoas sempre vão continuar existindo e sua imagem sempre será usada para aumentar *ad infinitum* o desejo de desejar. Atrizes, cantores, esportistas, celebridades teen, celebridades instantâneas são produtos do mercado de consumo.

Partindo da ideia de consumismo, da insatisfação juvenil e da necessidade do mercado estar sempre aquecido pretendemos fazer uma pequena incursão sobre os meios de comunicação de massa e internet, onde é o *playground* da atual juventude, e analisar como essa insatisfação e o desejo de consumir cada vez mais são instilados nos jovens sitiados.

5.2 A INFLUÊNCIA DO MUNDO VIRTUAL NOS MODELOS DE VIDA REAIS

O enunciado:

Camila Henriques é uma jovem jornalista de 24 anos. Gosta de cinema, música, é divertida, simpática, inteligente e magra (grifo nosso), mas nunca namorou. O “Tem

Jeito?" vai transformar radicalmente essa jornalista. Você vai ficar boquiaberto com o resultado!

Tem Jeito? É um canal do *Yahoo!* que tem por objetivo mostrar transformações, diríamos enquadramentos, nas pessoas que se submetem à prova de beleza atual. Esse episódio foi ao ar no dia 10 de julho de 2012, em uma terça feira. Há outros episódios mais recentes cujos títulos vão de: *Fabílo Croci fica dez anos mais jovem; Luana Silveira quer ficar gata pro maridão; Marilena de Souza muda totalmente de visual.*

Por enquanto, o exemplo da Camila Henriques serve para analisar o ‘ataque’ pelo qual passa a juventude contemporânea.

No início do vídeo, que tem duração de sete minutos, vemos duas moças. Uma é Camila Henriques, cabelo comprido, solto para baixo dos ombros, sem maquiagem, nem batom! Ela usa óculos redondos de armação grossa que, segundo os comentários³ de alguns internautas que assistiram ao vídeo: *ridículos, fora da moda, nada a ver.* Se não bastasse os óculos enquadrados de ridículos pelos *experts*, ela também está com uma camiseta de um ratinho da Walt Disney, o que para os sabichões da moda é uma combinação grotesca. Para a grande maioria dos comentários *do site*, uma *nerd* feia. Em tempos não tão líquidos poderia ser a patinha feia ou a cinderela à procura do príncipe encantado. Milhares de jovens iriam se identificar, chorar e suspirar como aconteceu quando personagens com esses dilemas e essas características foram escritos em tempos idos. Mas hoje não. Nem é bom chegar muito perto. Como dizem na rede quando encontram qualquer coisa pitoresca: *vai que é doença e pega.*

Não bastasse o vídeo em si, foram necessários alguns destaques no roteiro, principalmente, adjetivos tidos em alta. *Ela é inteligente, gosta de cinema, divertida, simpática, gosta de música, e, sobretudo, MAGRA.*

Ela é magra e nunca namorou fala a apresentadora. A magreza é de longe um símbolo de que se está na moda em qualquer lugar.

Segundo P. S de 15 anos, estudante:

Me sinto mal as vezes com a mídia. Pois a mídia passa a ideia de “corpo perfeito” que é ser magra, alta, etc. [...] a mídia mostra cada vez mais como reparar as “imperfeições” dos corpos e rostos, com isso as pessoas se sentem obrigadas a ter aquele padrão, se sentem encurraladas.

Camila Henriques não está só, com ela está a apresentadora ‘perfeita’ dentro do que P.S e outras meninas consideram o padrão de beleza a ser seguido; bonita, alta,

³ Para não nos estendermos na citação dos comentários sugerimos acessar <<http://br.mulher.yahoo.com/tem-jeito-camila-henriques-nunca-namorou-quer-mudar-visual.html>> local que está postado o vídeo bem como os comentários a respeito.

magra, maquiada, com um batom vermelho fortíssimo, calça de couro e salto alto, uma blusa de linha que cai sobre os ombros deixando mostrar um pouco o sutiã. O cabelo está solto, mas não com o tom natural, mas sim com muitas luzes e um grande par de brincos. A discrepância é grande. Maria Loverra a entrevistadora enche a pobre Camila de perguntas sobre sexualidade, beijos, namoros, festas entre outras coisas enquanto a Camila raramente fita os olhos da sua imponente entrevistadora, com vergonha talvez de não ter grandes aventuras a contar. Assim continua a NOVA SANTA INQUISIÇÃO até que Camila aceita o convite: qual é? Passar por um banho de loja, mudar seu figurino, seu cabelo maquiagem, suas roupas e quiçá o SI-MESMO de Touraine (1997) para arranjar um namorado.

Camila aceita. Mas nos perguntamos quantas Camilas sequer foram consultadas? Quantas meninas seguirão o exemplo de Camila e deixarão de ser o que se é para se tornar outro alguém? Por quanto tempo esse outro alguém existirá nesse novo alguém que se constitui? Quais são os elementos que farão esse novo alguém manter-se assim ou mudar para outro alguém?

Agora, a nova Camila Henriques irá fazer como milhares de jovens sitiados no nosso mundo líquido moderno; esperar a próxima estação, ou as tendências da São Paulo *Fashion Week*, das revistas como: *Capricho*, *Caras*, por exemplo, ou que novos episódios do “E ai, tem jeito?” vão ao ar ou que outras Marias Loverra ensinem o que é preciso ser feito para ser *in* e não mais *out*. É desse modo que o lançar e recolher das âncoras (Singly, 2003) da identidade se efetua, é por ai que o EU se transfigura em eus (Lahire, 2001), e a segurança ontologia, quando se tem, (Giddens, 2002) vai se perder. Uma identidade, diga-se de passagem, que segue a lógica efêmera do mercado. Se a Camila não se atualizar e mantiver esse perfil por seis meses ou menos, coitada da Camila e das milhares de Camilas que existem por ai.

Logo declarações como as da epígrafe, que abrem esse capítulo, que afirmam que comprar é a melhor terapia, ou que se está feliz por ganhar um Galaxy S3 novinho persistirão; Ser feliz é mudar, mudar é comparar. Isso nada mais é do que um mascaramento da angustiante vida contemporânea.

Sobre essa ansiedade que ronda os jovens sobre o Ter em detrimento do Ser L.B.T de 17 anos afirma:

As pessoas valorizam muito mais o Ter do que o Ser. Preocupação em seguir os padrões de beleza e estar sempre com roupas da dita moda acarretam diversos problemas entre os jovens. Vejo que a mídia é uma das maiores traiçoeiras, pois é ela que expõe em jornais, outdoors, revistas, televisão, internet os novos lançamentos e novidades que o mercado da moda, da tecnologia entre muitos outros expõem. Além de toda a propaganda feita

sobre os produtos é a pressão que sentimos ao ver as pessoas usando determinado produto que é enorme para que compremos e nos enquadremos também.

Perguntado se isso a fazia feliz, a resposta foi: *momentaneamente*. E sobre ser feliz na era do ter, Bauman nos ensina:

Graças à diligência e à perícia dos redatores de publicidade a sabedoria adquirida na vida e nas ruas de comércio tende hoje a ser obtida em tenra idade, bem antes de haver uma primeira chance de ser ouvir sutis considerações filosóficas sobre a natureza da felicidade e os caminhos para uma vida feliz que dirá uma chance de estudá-las e refletir sobre sua mensagem. (2009, p.19)

D. P 15 anos analisa sobre sua vida na sociedade e afirma:

Se você não estiver na moda, comprar ou se arrumar de acordo, ou não andar com beleza, as pessoas te criticam riem de você, seus amigos riem de você. Todos meus amigos estão envolvidos nesse mundo de moda, ou no que a mídia nos repassa. Acho que **todo mundo (grifo nosso)** quer sempre ter roupas de marcas, pois a mídia, ela nos influencia com suas propagandas e *slogans*.

Camila Henriques **aprendeu a ser feliz**. Maria Laverria com mais três *experts* cortaram seu cabelo lavaram e pintaram, maquiaram seu rosto e puseram batom, mudaram suas roupas, mudaram seu *look*. Camila Henriques em uma hora se tornou uma nova Camila Henriques. Talvez mude de gosto musical, seus filmes preferidos poderão ser outros, bem como seu estilo de vida. Quem sabe mude de amigos ou convença seus amigos a mudarem. Arrumará um namorado?

Segundo Bauman: (2009, p. 29):

Com muita frequência, a viagem de autodescoberta termina numa feira global em que receitas de individualidade são vendidas no atacado – “você nunca vai encontrar o melhor” - e onde todos os kits de montar exibidos nas vitrines são fabricados em massa segundo o último modelo da moda. O que então se evidencia, de forma enfurecida, é que os traços menos comuns – realmente individuais - do “eu” só têm valor reconhecido depois de convertidos à moeda atualmente mais comum e portando mais usada.

Parafrazeando a metáfora de Pascal (2011): Que a caça comece! A originalidade da CAMILA HENRIQUES (segurança ontológica) se perdeu na Camila Henriques (fragmentação identitária) que agora iniciará a busca dos seus milhares possíveis eus na mão dos oráculos da sociedade de consumo.

5.3 A PROPAGANDA E SUA RELAÇÃO COM O PÚBLICO

Uma propaganda. Trinta segundos. Uma campanha: VOCÊ TEM PODER e uma mensagem: NÃO SEJA MULHER CAFÉ COM LEITE. Esse comercial está no ar no horário nobre da Rede Globo. Começou em meados de março desse ano (2013). Já tem 600.192 mil ‘curtidas’ no *Facebook*, 25 de março de 2013; 285 comentários sobre o vídeo e de acordo com a página na data acima, aproximadamente 52 mil pessoas estavam falando dela naquele momento.

Para os céticos, as propagandas não têm efeito nenhum sobre os consumidores. Consumidores escolhem os produtos pela qualidade (o que ainda é uma verdade, mas se o produto já vem com aval, nesse caso de O Boticário que é parceira dessa marca) o consumidor elimina de prima a desconfiança que suscita um produto novíssimo sem precisar ter aquela desconfiança que se pede tais lançamentos. Segundo B.E.L 16 anos: *veja o consumismo um parceiro inseparável das propagandas isso reflete o quão influenciáveis nós somos.*

O *Facebook*, nesse caso, foi o termômetro que usamos para essa e muita coisa lançada, publicada sobre tudo no mundo e para tentar compreender melhor o comportamento dos nossos jovens. Temos usado para analisar o impacto ao vivo e em cores do que as pessoas estão falando sobre determinados temas desde os políticos até os futebolísticos.

Assistimos à propaganda e no outro dia procuramos no *Facebook* e facilmente as encontramos. Ficamos intrigados com o comercial e é sobre ele que pretendemos nos debruçar para analisar o que afirmamos sobre o sítio que envolve a juventude em relação ao comércio publicitário, consumo e identidade.

Cinquenta pessoas adicionadas na minha página do *Facebook*, a maioria jovens entre 16 e 25 anos ‘curtiram’ a propaganda. Uma quantidade relativamente grande. Tenho ‘800 amigos’ no *Facebook* ao todo. As curtidas das minhas amigas, das quais várias alunas mostraram para minha compreensão ou inquietação (?) o impacto da propaganda e da sua mensagem. Verdade seja dita: ainda o produto não é vendido na minha cidade ou região, mas muito em breve estará (?), enquanto isso, segundo a propaganda, elas serão, até isso acontecer, café com leite.

A propaganda é dividida em três momentos e deixa bem claro sua mensagem: ou se é ou não se é. A fala da primeira parte diz: *tem mulher que tem uma energia que o mundo chama de beleza. E tem mulher café com leite.* A segunda: *Tem mulher que não precisa ser apresentada duas vezes para ninguém. E tem mulher café com leite.* A

Terceira: *Tem mulher que sabe juntar beleza com atitude para conquistar o que quiser. E tem mulher café com leite.* O comercial termina evocando as mulheres que ainda são café com leite a conhecerem os produtos Eudora.

Nas três partes aparecem mulheres, ou melhor, em cada uma das três cenas aparece **um único estereótipo de mulher**. ‘Todas’ (atenção à padronização) olhos claros, brancas, altas, magras, hipermaquiadas e sempre em destaque. As coisas ou pessoas que as rodeiam, desfocadas. Na primeira cena ela (a mulher Eudora) passa por uma porta giratória, na segunda conversando com pessoas (ofuscadas), na terceira cheia de sacolas de compras. Os três cafés com leite (simbolizando as mulheres que não usam Eudora) iguais; copos estilo americano com café e leite em fundo cinza.

A Eudora diz o que você precisa ser e ter para não ser uma vergonhosa mulher café com leite: comprar. E distingue bem as iguais-diferentes Eudoras das sempre iguais-café com leite: beleza e atitude. Que atitude? Não diz. Moral, ética, maquiavélica, interesseira, individualista? A Eudora não diz que tipo de atitude uma mulher precisa ter para conquistar o que quiser, mas uma coisa é muito certa é preciso ter beleza. A beleza está presente nas três partes do comercial; você possuirá a energia e beleza quer queira, quer não, usando Eudora (parecendo Calvino com a ideia de predestinação no período das Reformas Protestantes).

Seria uma propaganda criativa, com mulheres bonitas, aos moldes, como a maioria dos comerciais o são, mas tem o caráter da repercussão nas redes sociais que podem dar uma ideia à curiosa influência das propagandas e do consumismo que os jovens entrevistados, por exemplo, apresentaram na pesquisa:

Extratos de comentários da página da Eudora no *Facebook*:

- *Pura verdade, eu uso, cheirinho de felicidades no ar.*
- *Como eu faço, para conhecê-la?*
- *Obaaaa temos coisa nova no pedaço...*
- *Gostei do café com o leite, da hora né?*
- *É verdade, EUDORA te deixa de bem com a vida. Eu sugiro!!*
- *Eu uso o perfume Eudora há 3 meses e amooo*
- *Adorei, Não sou mulher café com leite*
- *Eu amei. Afinal ficar linda é a moda não é?*

Os exemplos seguem uma mesma lógica: Muitos amores declarados à Eudora, de três meses.

Para Mike Featherstone toda essa efusão de propaganda está relacionada a uma nova vida; a da estética do consumo:

Numa vida de consumo estético e na necessidade de dar à vida uma forma que proporcionasse prazer estético, deve ser associado ao desenvolvimento do consumo de massa em geral, à busca de novos gostos e sensações e à construção de estilos de vida distintivos, que se tornaram aspectos centrais da cultura de consumo (1990, p.100).

Para Bauman, a fidelidade da sociedade de consumo é até enquanto durarem os estoques. É nesse enquanto durar que as pessoas atualizadas utilizam para se destacar dos demais em numa sociedade com uma atualização e descarte exaustivo. É ali, nesse interregno, que podem se apresentar como superiores aos demais como afirma os jovens entrevistados:

Segundo Bauman (2007, p.125):

Essa é também uma ideologia feita sob medida para a nova sociedade de consumidores. Representa o mundo como um depósito de potenciais objetos de consumo, a vida individual como uma eterna barganha, seus propósitos como satisfação máxima do consumidor e o sucesso na vida como um acréscimo ao valor de mercado do próprio indivíduo.

Em um desabafo E.C.P 14 anos:

Na minha opinião, as fábricas estão lucrando cada vez mais e nós estamos como se fossemos burros com a proteção nos olhos fazendo com que olhemos sempre para um lugar deixando para lá as coisas que ainda poderiam servir porque o foco são as mesmas coisas que já temos, mas mais “evoluídas” com mais tecnologia e conseqüentemente mais caras.

Exemplo de tapa-olho mais bizarro é o de uma mãe reclamar em rede nacional que a Bolsa Família não dava para comprar nem uma calça de trezentos reais que a filha queria.

O vídeo do *Canal Yahoo!* juntamente com o comercial da Eudora foram utilizados para tentar compreender a relação que se dá do produtor ao consumidor, passando pelo meio a propaganda. Daquele que propõe a compra e daquele que tem o desejo de comprar. Comprar às vezes não se sabe o quê. Mas comprar. L. E de 17 anos é esclarecedora em sua resposta ao desejo de comprar. *Nós nos encontramos em um período de grande facilidade de consumo; aumento dos prazos de pagamento, descontos, pagamento em várias vezes no cartão. Nos tornamos dependentes da vontade e do impulso de comprar algo novo. O consumismo hoje retrata uma doença da modernidade.*

Esse capítulo tentou compreender como a juventude hoje se mostra sitiada pelo mercado de consumo que repercute diretamente no seu modo de vida. Quantas brigas acontecem em casa porque o filho quer outro par de tênis sendo que já têm vários? Quantas meninas exigem determinado perfume porque é o último lançamento sabendo que o penúltimo nem está na metade? Quantos são os celulares quebrados ou jogados no vaso sanitário propositadamente para que os pais os substituam? Quais filhos brigam com os pais para que lhe compre um celular porque todos seus amigos têm? Quantos vão se ver enlouquecidos pelos filhos que agora vão querer o último lançamento da *Sony*, o *Playstation 4*?

Para Bauman em *Vida para o consumo* (2008a, p.31):

Afinal de contas, nos mercados de consumidores-mercadorias, a necessidade de substituir objetos de consumo “defasados”, menos que plenamente satisfatório e/ou não mais desejados está inscrita no design dos produtos e nas campanhas publicitárias calculada para o crescimento constante das vendas. [...] entre as maneiras com que o consumidor enfrenta a insatisfação, a principal é descartar os objetos que a causam. É pela alta taxa de desperdício e pela decrescente distância temporal entre o brotar e o murchar do desejo, que o fetichismo da subjetividade se mantém vivo e digno de crédito, apesar da interminável série de desapontamentos que ele causa.

O vídeo do *Yahoo!* Mostra a introdução de uma pessoa no mundo do consumo, da moda, da marca, do reaprendizado, reaprendizado esse voltado para fora, não para dentro, para os outros não para si mesmo. Com a ajuda de *experts*, Camila pode agora ser feliz. Com a ajuda da Eudora, Camila pode agora sair do estado café com leite, isso se ela tiver a ‘energia da beleza’, presença e sobretudo, conseguir juntar isso com uma atitude para conquistar o que quiser como nos ensina a propaganda.

Vimos que em ambos os casos a relação do público é imensa e o efeito imediato. A propaganda saiu em uma noite, na outra já havia centenas querendo adquirir a ‘coisa nova no pedaço e que tem cheiro de felicidade’ ou criticar a antiga Camila por ser ridícula e fora da moda. Quantos jovens não se sentem ou são induzidos a se sentirem assim em nossa volta? Parafraseando o famoso Chapolin Colorado: Quem poderá defendê-los? Pais? Professores? Alunos e filhos?

No entanto, as coisas podem ‘involuir’. Não são somente os objetos comprados que são utilizados para o consumo e venda, exibição e status. É o próprio corpo que entra na montanha russa da fragmentação identitária. É a própria insatisfação inculcada pelos meios que ganham audiência nos espaços regionais. É a própria sexualidade transformada em erotismo que bate à porta e conquista espaços na mente e na alma dos

jovens. O sexo como mercadoria e o corpo como 'obra de arte' é o que pretendemos estudar no capítulo seguinte.

6 O MAIS BELO OBJETO DE CONSUMO: A EROTIZAÇÃO DO CORPO E SEUS EFEITOS NA FRAGMENTAÇÃO DO EU.

O Sujeito é tão ameaçado no mundo de hoje pela sociedade de consumo que nos manipula, ou pela procura de um prazer que nos encerra nas nossas paixões, como era no passado pela submissão à lei de Deus ou da sociedade.
(TOURAINÉ, 2007, p. 145)

As características fundamentais de uma sociedade de alta reflexividade são o caráter “aberto” da auto-identidade e a natureza reflexiva do corpo.
(GIDDENS, 2002, p.196)

O seu corpo não é uma adição de pernas, de um rosto, de um peito, é um conjunto. Ora, a noção de corpo está ameaçada pela mercantilização da sexualidade. Olhe os anúncios: a atenção é fixada numa mão, nuns seios, numa cabeça, de maneira fetichista.
(TOURAINÉ, 1997, p.164)

Esse capítulo segue na tentativa de análise que vimos empreendendo até agora sobre a identidade. Nele, pretendemos adicionar um elemento importante à questão da identidade: a sexualidade.

Nessa sessão pretendemos aprofundar a discussão sobre identidade e juventude relacionada à ideia de consumo erotizado. Analisaremos com ajuda da pesquisa de campo (grupo focal) a relação da sexualidade/erotismo, consumo e identidade no universo juvenil.

No esforço de analisar o mundo contemporâneo a partir dos conceitos de COMUNIDADE e sociedade e de IDENTIDADE e identidade somos forçados a crer que a sexualidade sofre uma resignificação profunda nessa nova fase da modernidade.

Utilizaremos para fins de maior compreensão tanto didática quanto teórica a contraposição entre sexualidade e erotismo assinalada por Alain Touraine (2001) para distinguir o modo como o sexo é usado na atual sociedade vinculado à mercantilização, em detrimento de um passado próximo onde a sexualidade era muito menos fetichizada.

A moderna vida sexual (ou sólida de acordo com Bauman (2009) era demarcada por: a) o casamento com intuito de procriação e de uma clara divisão das tarefas; b) ausência ou baixa influência imagética na prática sexual; c) pouca ou nenhuma relação de comparação entre casais; d) pouca preocupação com o aumento da performance em torno da prática sexual seja por meio de medicamentos (Viagra e demais estimulantes) ou por aquisição de *sex shops*; e) uma prática sexual muito mais voltada para satisfação do desejo do que na procura de despertar e/ou aumentar o desejo pela estetização, em outras palavras, a prática sexual era mais natural e menos artificializada; f) uma prática de pouco apelo estético onde a relação com o outro é, digamos, mais dual e menos

narcísica e; g) o corpo em si não era mais importante do que o ato sexual, mas complemento de todo o processo:

Qualquer que seja o vocabulário usado para articular a atual situação do *homo sexualis*, e quer se vejam o autotreinamento e a autodescoberta ou as intervenções médicas e genéticas como caminho certo para se atingir a identidade sexual adequada/desejada, o essencial continua sendo a “alterabilidade”, a transitoriedade, a não finalidade das identidades sexuais assumidas, quaisquer que sejam. A vida do *homo sexualis* é, por esse motivo, carregada de ansiedade. [...] o *homo sexualis* está condenado a permanecer para sempre incompleto e irrealizado, mesmo numa era em que o fogo sexual, que no passado se teria arrefecido, agora deve ser, espera-se novamente insuflado pelos esforços conjuntos de nossas ginásticas miraculosas e de nossos remédios maravilhosos. (BAUMAN, 2004, p.76)

Segundo Freud (1996b), a sexualidade é a principal força vital para a vida humana. É dela que parte a energia que alimenta as outras pulsões ao mesmo tempo em que é a que mais cuidado exige aos processos civilizacionais.

Acreditamos que a atual conjuntura da sociedade; pós-moderna, líquida, hipermoderna, pós-industrial (dependendo do autor) passa por um processo de (des)truturação na qual a sexualidade tem sofrido um certo afrouxamento e passa a ser utilizada, ao contrário do que pretendia Marcuse (1981), como algo libertador, mas por empresários, publicitários, marqueteiros como um formidável elemento para conquistar clientes e relativizar as pressões sociais de outrora e gerar um fenômeno consumista/fetichista/erotizado.

Tem-se um objetivo: relacionar a sociedade de consumo com a super oferta de produtos relacionados ao sexo, ao corpo, a estética e ao erotismo perante uma juventude cada vez mais só para tomar cada vez mais decisões que deveriam ser tomadas em conjunto com seus tutores.

Seguimos o pressuposto de que a sexualidade se fragmenta e se distancia do eu do sujeito criando uma vontade, vontade essa que destitui o outro como complemento e relação, mas que age por conta própria e que gera nessa fragmentação relações tipicamente narcísicas, hiperindividualistas e neuróticas que é típico do erotismo puro mercantilizado.

Segundo Bataille, (2004, p. 07):

O erotismo, eu o disse, é aos meus olhos o desequilíbrio em que o próprio ser se põe conscientemente em questão. Em certo sentido, o ser se perde objetivamente, mas nesse momento o indivíduo identifica-se com o objeto que se perde. Se for preciso, posso dizer que, no erotismo, EU me perco. Não é, sem dúvida, uma situação privilegiada. Mas a perda voluntária implicada no erotismo é flagrante.

Touraine (2001) afirma que em certo grau a relação do ego com o id está cada vez mais ausente de superego; o princípio do prazer sobrepõe-se com frequência cada vez maior o de realidade, um prazer que atinge um nível de insatisfação cada vez mais elevado e que a busca do prazer pelo prazer encontra nos meios audiovisuais e nas pessoas mercadorizadas do mundo pós-industrial seu frenético campo de prazer e desprazer uma satisfação insatisfeita.

Pretendemos balizar a ideia de que a cisão entre erotismo e sexualidade é típica do mundo contemporâneo, partindo da premissa de que a profusão de imagens destinadas à venda permeada de sexismo tem uma lógica própria que não o sexo, mas usa da pulsão sexual canalizando-a para compra e insatisfação; seja do corpo, dos seios, dos lábios, do carro, do marido ou esposa, para a cerveja, para o futebol, ou para nada mais do que a audiência digladiada pelos canais de TV aberta ou não, que não tem função outra a não ser despertar o desejo pelo desejo e elevar o princípio de prazer para muito além da relação com o de realidade, independente da idade, com vistas à audiência. A consequência empresarial é lucro certo, para a individual frustração e neuroses.

Imaginamos que os jovens são os que mais sofrem com a destituição de sentido relacional entre sexualidade/erotismo (apesar de que a ideia de jovem está totalmente relativizada). A Veja, por exemplo, de 15 de julho de 2009, lançou uma EDIÇÃO ESPECIAL, 2121, com 36 páginas sobre beleza e juventude. Na capa um título formidável (vendável): A GERAÇÃO SEM IDADE, com os subtítulos:

Mulheres e homens maduros que já desfrutam dos formidáveis avanços da medicina na conservação da juventude/ A ciência anuncia uma certeza: comer pouco (mas pouco) prolonga a vida, a saúde e a beleza/ 6 receitas de pessoas entre 35 e 50 anos que parecem ter parado de envelhecer e termina com: “Dr. Hollywood”, o cirurgião plástico das estrelas, diz qual a hora certa para recorrer ao bisturi.

Segundo Freud (1996b) a formação da sexualidade tem a ver com aspectos genéticos, mas, sobretudo educacionais. Nós nascemos com, mas é a sociedade que diz como. Foi ele quem disse certa vez: *“sem repressão dos instintos não há civilização”*. Em vista disso, atribui-se à educação tanto familiar quanto escolar sua obrigação na sublimação e no direcionamento das pulsões sexuais para as artes, desporto, intelecto, trabalho, relações pessoais, etc. Pensando nisso, vê-se a importância de se acompanhar as crianças desde tenra idade na sua maturação sexual de preferência evitando que fases importantes dessa maturação não sejam puladas ou antecipadas. O que se pode observar, no entanto, é a negligência em torno desse acompanhamento subliminal ao mesmo tempo

em que crianças cada vez mais cedo têm acesso a imagens que não condizem com sua idade, o que torna o surgimento de crianças precocemente sexualizadas um problema real.

Sergio Sinay (2012) acredita que a escola, mas sobretudo a família, tem falhado como educadora dos jovens em todos os aspectos. A única ‘instituição’ que educa os jovens de verdade, segundo ele tem sido a:

Cultura da fugacidade, da superficialidade extrema, da banalidade, da vida *light* e desprovida de sentido, do prazer efêmero e a qualquer preço, das relações vazias, da conexão sem comunicação, da manipulação de consciências e sentimentos, do prazer pelo prazer, da sexualidade puramente genital, do ocaso da responsabilidade, da confusão entre liberdade e falta de compromisso, do consumo desaforado, viciador e predador (2012, p.19).

Para Giddens (1993) na sociedade contemporânea autorreflexiva tem ocorrido com grandiosa frequência aquilo que ele chama *de terceirização da educação*. Relegada muitas vezes às pessoas que tem por função simplesmente alimentar, vestir, higienizar não se importando ou não tendo condições de educar como uma família presente deveria.

E em relação à questão da sexualidade Touraine, afirma (2007 p.219):

A sexualidade ocupa um espaço central na formação do sujeito, porque ela remete para uma experiência individual, para o envolvimento da personalidade à volta dessa experiência, que é ao mesmo tempo um vivido pessoal, uma relação com o outro e, mais profundamente, uma consciência de si voltada para a relação com a vida e com a morte. O que aqui é dito tem uma consequência imediata. A sexualidade é a construção de comportamentos de sexo. Há, pois que reconhecer a existência de condutas sexuais que não contribuem para a construção de uma sexualidade complexa, mas comprovam a autonomia do sexo, único que possibilita a construção da sexualidade. Esse sexual isolado da sexualidade como construção cultural é aquilo a que nos chamamos o erotismo. A sua ambiguidade e a sua importância resultam do fato de em primeiro lugar ele continuar a ser sexo, mas esconder também uma relação consigo e com os outros. Se ele for inteiramente destacado de tudo o que é a sexualidade, degradar-se-á em pornografia.

A preocupação de Touraine é igual à de muitos pais e professores (não todos): a de que seus filhos e alunos se tornem seres esteticamente alienados, no sentido de se preocuparem única e exclusivamente com a imagem e que essa imagem esteja dentro dos padrões tidos aceitos, em tom mais jovial ‘comestível’. Que a sexualidade dos seus filhos e alunos descambem para um sexismo vazio de sentido, que a vida desses jovens gire em torno da busca de um prazer pelo prazer que impossibilite a formação de sujeitos conscientes de si e do Outro, preocupação que o Outro se torne apenas mais um na lista de muitos.

A beleza mais do que nunca é um produto altamente vendável, mas não a beleza que transcende, mas o belo dito pela moda que é efêmera e padronizada. O apelo a esse tipo de beleza atrelado à imagem vendida deve ter um sentido, mesmo que seja um sentido sem objetivo claro, como por exemplo, a sedução pela sedução como na propaganda da Eudora que analisamos.

A ideia do belo remete diretamente à ideia de juventude, mas uma juventude específica como a capa da Veja, por exemplo, sem idade. O corpo torna-se a medida de todas as coisas a partir da qual os jovens medem a dimensão do belo. E o corpo deve enquadrar-se em certos padrões, padrões esses artificializados, tendo em vista que o corpo perfeito para os jovens em grande escala não é o corpo natural, mas sim o modificado, seja pelo tamanho dos seios e sua rigidez, bem como o padrão de nariz, de cintura ou de glúteos. No final da exposição da capa da Veja, por exemplo, Lê-se: *O cirurgião das estrelas, diz qual a hora certa para recorrer ao bisturi*, ou seja, tentadas todas as alternativas da medicina para atingir esse *status* de belo, tem-se uma saída... sempre há.

O problema (se é que podemos caracterizar desse modo) da estetização, da padronização corporal é que ela afeta por mais surpreendente que pareça idades que não deveriam se preocupar com padrão de beleza nenhum, mas sim em estudar e brincar. Mas não é o que expos F. C de 13 anos:

Todas as **mulheres, inclusive eu**, sonham com o corpo perfeito, cabelos macios e sempre andar com o figurino da moda, todas desejam isso, mas aí vem a pergunta: para quê tudo isso? **Muitas delas** nem sabem a resposta, mas a questão é que elas querem ser desejadas, invejadas pelas outras amigas. Em minha opinião tudo isso é besteira, ninguém tem que querer ser mais que ninguém e todas nós devemos construir nossa identidade e descobri-la cada vez mais, devemos aprender ser o que somos e não fingir o que não somos. (Grifo nosso)

Chamamos atenção novamente para a terceira pessoa. Ela, F.C, se enquadra na categoria de nós mulheres, aos treze anos. Porém, quando critica os excessos dessa busca pela imagem perfeita relega a elas, as outras.

Essa garota confirma a influência que os padrões de beleza têm sobre si, que faz coisas para agradar as amigas que por sua vez segue as tendências da moda. Ela quer deixar de sê-lo quer tornar-se dona da sua própria identidade, ou criar-se de modo a impedir que as influências do mundo mercadológico incorram decisivamente sobre sua personalidade. Mas como ela vai fazer isso? Sozinha? Mais adiante ela diz que as famílias estão cada vez mais ausentes do convívio com seus filhos. Será que o convívio familiar dela também não é marcado pela ausência? Como ela vai buscar socorro para

libertar-se dessa opressão que a cerca já com 13 anos se a escola se preocupa em despejar conteúdos? Se os pais se preocupam em ganhar dinheiro? Terá ela condições, na fase da adolescência e mais tarde quando adulta tornar-se sujeito de seu destino? Ou será mais uma reprodutora do *modus vivendi*?

Sergio Sinay (2012) chama essa geração de a geração dos filhos órfãos de pais vivos. No seu livro ‘*A sociedade dos filhos órfãos*’ ele reflete sobre a não presença de pais vivos, ou seja, de pais que são ausentes mesmo quando presentes, que reproduz um modelo de vida que não querem ou não conseguem entender o quanto é danoso para a educação dos seus filhos mesmo quando a ausência é substituída pelo *Iphone* novo.

Segundo ele (2012 p.63):

Neste “admirável mundo novo” que é a atual sociedade do consumo, da fugacidade, do materialismo obscuro e voraz, nascem, são criadas, educadas e formadas as crianças e adolescentes de hoje. Os adultos responsáveis por elas (pais, educadores, políticos, formadores de opinião e outros) são protagonistas e reprodutores desse modelo social e cultural.

Se junta ao abandono, a miríade de imagens, sons e fúrias, assim temos o aumento da possibilidade de relações sexuais aumentada significativamente nas últimas décadas como aponta estudos. O novo milênio se mostra revelador no quesito sexo prematuro. Uma publicação da Veja, novembro de 2010 releva que 45% dos jovens de 13 a 15 já tiveram relações sexuais. Uma das causas alegadas é o aumento do desejo pela curiosidade alavancada pelos meios de comunicação de massa, sobretudo a Internet. Outros dados sugerem que 10% dos jovens não se previnem que 40% das garotas já usam pílula anticoncepcional e que 49% dos meninos dizem que as meninas têm o mesmo comportamento sexual dos homens. Sem contar a quantidade de bebida alcoólica; 35% dos adolescentes brasileiros de 12 a 14 anos consumiu algum tipo de bebida alcoólica no mês da entrevista. E se estendermos mais a idade para 15 a 16 anos a média de consumo é de 56%!

Para muitos pode parecer um alarmismo descabido, para outros imbuídos de algum realismo são dados alarmantes. E embora não pareça, à primeira vista, todos esses dados estão diretamente relacionados à sexualidade prioritariamente a parte vazia dela que coube aqui chamar erótica. Uma pista é a ideia difundida entre os jovens entrevistados que bebem para criar ‘coragem’ de fazer o que o superego não permite.

Para o professor e desembargador Marcio Oliveira Puggina em uma Doutrina publicada no site do Ministério Público do Rio Grande do Sul (2013):

Os meios de comunicação de um modo geral e, particularmente, a televisão, são responsáveis pela divulgação maciça de informações, não as selecionando sequer de acordo com medianos e saudáveis critérios que pudessem atender às menores exigências de uma sociedade marcada pelas dessemelhanças. Assim é que sendo irrestrito o acesso à mídia. Não se mostra incomum reparar a precocidade com que as crianças de hoje lidam, sem embaraços quaisquer com assuntos concernentes à sexualidade. Tudo de uma forma espontânea. Quase natural (s.p).

É comum afirmar que foi a partir da década de 1960 e das revoluções delas resultantes, às de 1968, que o slogan *é proibido proibir* foi estampando por toda parte no mundo ocidental. Quando as classes se uniram para desconstruir os mandos e desmandos de governos autoritários tanto aqui quanto no Oriente, quando as guerras, sobretudo a do Vietnã foi condenada, quando a liberdade principalmente a sexual foi aclamada; foi nessa década que grandiosos shows de *rock and roll* serviram de porta voz de uma juventude revolucionária que a sexualidade e sua libertação das algemas dos resquícios da Era Vitoriana estavam com seus dias contados. Era a proposta do amor livre e revolucionário, como cura de todos os males da humanidade. Pode-se dizer que foi em 1968 que houve a disjunção entre sexualidade e erotismo, o sexo com sexualidade, do sexo puro, onde o princípio do prazer pelo prazer ganha o mundo ao mesmo tempo em que a ideia da liberdade sexual como liberdade humana ganhou voz. Mas segundo Lipovetsky (2011, p.152):

[...]Os ideais educativos liberalizadores de 68 falharam: a falência do famoso “É proibido proibir” mostra, aos que podiam duvidar disso, que é necessário que a criança seja enquadrada, guiada, e aprenda, se ela quiser um dia saber e dirigir ela própria seu pensamento.

Olhando em retrospectiva, parece-nos que o sonho *hippie* de amor revolucionário e do famoso *é proibido proibir* não vingaram. Guardadas as devidas proporções, “a revolução” que existiu foi a da chamada pós-modernidade (que coincide com alguns pensadores com a data em questão): A transfiguração dos valores; a crise de identidades; o fim do projeto iluminista; a globalização; a digitalização; o instrumentalismo da razão; a cultura de massa e de consumo; o fim das diferenças profundas entre burguesia e proletariado; do desejo de consumo transfigurado em consumismo e a exacerbação do individualismo e da sexualidade tornada mercadoria.

É difícil não relacionar as profundas transformações da identidade a partir da sexualidade/erotismo com os meios de comunicação de massa, com a globalização e a cultura de consumo. Os anos da última década do século XX e o início do século XXI formam efetivamente o *boom* da transformação identitária sobre a influência do sexismo, do consumo e da cultura de massa. Acreditamos que juntamente com os

elementos apresentados nessa dissertação a sexualidade vem ser a mais profunda manifestação da crise identitária da era líquido moderna. Difícil é localizá-la de forma pura. Mas em essência como diz um jovem entrevistado, L. M 16 anos: *Tudo gira em torno do sexo. Existe um processo de transformação do comportamento infantil uma modificação de costumes de maneira assustadoramente vertiginosa através do acúmulo de informações não seletivas sobre sexualidade, gerando precoce erotização.*

Ser jovem hoje é estar rodeado de incontáveis imagens. A imagem e seus significados permeiam a vida dos jovens de hoje assim como a ideologia de esquerda permeava a juventude de milhões de jovens nas décadas passadas. O que a militância partidária fazia em seus tempos de questionamentos em relação à sociedade e seus problemas, hoje as imagens de consumo fazem para os jovens. Se para os de outrora o lema era revolução, para os de hoje é atualização e insatisfação.

Estar atualizado é norma, regra. Saber das manias dos jargões e dos *virais* da internet é imperativo nesses dias. Talvez o leitor não saiba (cuidado se não souber), mas hoje o *viral do momento* é dizer: “*Vô fazê uma sopa pá nós*” (30 de março de 2013). Se nessa data não souberes o que isso significa ou mais provável significou tende a estar muito fora da moda. Por curiosidade, hoje, 03 de junho de 2013 já não se ouve falar isso há muito tempo, se você ousar lembrar disso estará muito atrasado.

Logo, a cultura midiática, seja ela televisiva, de internet, de revistas, ou de *outdoors* é como o ar para muitos jovens, ou entra junto com ele no interior de seus corpos. Mas não fica no interior, exterioriza. Enquanto o gás carbônico é o gás liberado por todos os seres humanos ao se aproveitarem do oxigênio, assim é o que acontece com a cultura de massa: todos estamos fadados a absorver dela, mas somos levados a crer que o que botaremos para fora é diferente dos demais sob a insígnia da individualidade, originalidade, como quiserem. Mas o resultado é um amontoado de diferentes-iguais. Para agregar os diferentes elementos expirados da respiração da massiva cultura atual Maffesoli (2006) cria a ideia de neotribos.

Essa exteriorização do que entra pela janela da alma se reveste de caráter hiperindividualista como nos ensina Gilles Lipovetsky (2011). E o erotismo é exteriorizado com o resto. Perguntado para uma aluna J. B. de 16 anos como ela analisa os meios de comunicação de massa: *Os meios de comunicação influenciam a exibição da nudez, principalmente na televisão onde o público é maior. Tanto mulheres gordas quanto magras tem o prazer de mostrar seus seios e bundas.* T. O de 13 anos analisou assim a questão: *Programas de auditório, propagandas de cervejas, refrigerantes, até nos desfiles de carnaval. Sempre aparecem mulheres seminuas ou nuas rebolando e*

esfregando a bunda na câmera, para que o programa ganhe audiência e para que dê certo modo nos sentirmos frustrados.

Para Touraine (1997) a elevação da sexualidade à mercadoria é uma conduta benéfica somente aos que lucram com isso, pois:

A redução da sexualidade a uma conduta de consumo é uma das tendências mais fortes e mais visíveis das sociedades liberais. Penetra a cultura de massa, sob a forma de uma comercialização do erotismo, ou mesmo da pornografia, enquanto nas sociedades individualistas, a sexualidade é uma das expressões centrais de uma identidade que deixou de ser enquadrada por balizas sociais e culturais gerais (TOURAINÉ, 1997, p56).

Para não sermos injustos, os meios de comunicação de massa dispensam um pouco do seu precioso tempo para falar de SEXUALIDADE. Alguns canais eventualmente apresentam programas com a presença de especialistas sobre sexualidade e tentam fazer com que os jovens entendam as transformações pela qual passa seu corpo, sua mente, as transformações químicas e a produção de hormônios, mas no geral não situam os jovens quanto à importância da sexualidade para a constituição consciente de sua personalidade, sobre como é formar-se sujeito a partir da relação com o Outro, como a sexualidade é parte fundamental no reconhecimento do seu Eu.

Um canal do *MSN* com o título: *Tempo de mulher* publicou em 6 de maio de 2013 as *10 dicas para sua primeira vez ser perfeita e segura*. Das dez dicas uma era voltada para a relação família-jovem, ali a autora do manual diz que os pais são os melhores amigos dos filhos e que se deve manter com eles uma relação aberta, o que segundo Sinay (2012, p.12) não é verdade e nem deve ser: *Há uma nefasta confusão entre paternidade e amizade, e esta, desabam sobre os filhos na figura de um “amigo” (papai) ou “amiga” (mamãe) anacrônicos abomináveis, patéticos e disfuncionais enquanto gera um vazio no tão necessário espaço parental*. Outra consulta a um adulto nas dicas era com um médico ginecologista. O restante 80% era voltado para o indivíduo estreante. Sobre as dicas encontramos: sobre a dor; prazer; a experiência pela prática; a importância de conhecer o próprio corpo. Mas nenhuma, NENHUMA sobre o parceiro, se era preciso ter um vínculo duradouro, responsável ou de confiança com ele, se é ou não importante ter uma relação de cumplicidade ou sobre a importância de uma reflexão profunda sobre a experiência sexual obtida. O recado final era: *não se preocupe, a perfeição virá com a prática*. Que incentivo!

Segundo Touraine (2005. p.219):

Chegados a este ponto, reencontramos a questão, muito debatida, da presença de programas ditos eróticos ou pornográficos na televisão ou na internet. Nada, neste campo, é inocente: a televisão tem como objetivo principal produzir objetos de televisão, ou seja, transformar seres reais e diversos em objetos construídos por e para televisão. O que é tanto mais fácil quanto as personagens consideradas estiverem mais vazias de fatos relacionais, afetivos ou intelectuais. É assim que a televisão, tão hábil a descontextualizar e a entender-se com a pornografia, já tem mais dificuldade quando se trata de pôr em evidência a dimensão erótica da sexualidade, e é absolutamente desajeitada na análise das sexualidades mais construídas, tal como as encontramos por exemplo nas obras de arte, literária ou picturais.

Nesses programas, no geral, exemplo Sergio Groisman, as perguntas que os jovens dirigem aos especialistas giram em torno de como usar a camisinha, de como as doenças sexualmente transmissíveis são contraídas, coisas que no geral pertencem à educação sexual, e que deveria ser debatida na escola. Perguntas mais profundas de cunho existencial, filosófico, que possam levar a um melhor conhecimento do Eu do indivíduo, inexistem. Os jovens parecem não preocupados com sua identidade. Logo porque como afirma Bauman (2010) ela é extremamente volátil. Aqui entra o papel dos educadores de usar desses questionamentos superficiais e elevar o diálogo em sala de aula, em casa ou onde quer que seja para um nível mais profundo de entendimento. Mas o que alguns autores sentem é que não há por parte dos educadores um real envolvimento e interesse nesse aprofundar, pelo contrário, vê-se um laxismo como se tudo fosse ‘assim mesmo’. Mas não deve ser assim segundo Sinay (2012, p. 122):

Ter um filho é muito mais que pôr no mundo. Criar é orientar, é prover de recursos de ordem afetiva, emocional e espiritual, é perguntar, é regulamentar, é oferecer noções de ética, construir uma moral para essa ética e é fazê-lo através da presença concreta e de ações, condutas, atitudes. Todas estas são funções que os pais não podem delegar. Os educadores são os pais.

Baudrillard (2008) sugere que o corpo tornou-se a principal arma a favor da propaganda. Bauman (2007) diferencia nos tempos líquidos, o corpo em forma do corpo saudável. E a pergunta que se faz é: o que se tem preferido o corpo saudável ou o corpo em forma? Podemos observar nas centenas de propagandas espalhadas nos mais diversos meios que a forma é prioridade da massa, e que os milhões gastos em cirurgias estéticas, bem como de suplementação para emagrecer ou ganhar massa muscular de modo rápido e sem dor confirmam sua intuição.

Segundo Baudrillard (2008, p.168):

Na panóplia do consumo, o mais belo, precioso e resplandecente de todos os objetos – ainda mais carregado de conotações que o automóvel que, no ‘entanto, os resume a todos – é o CORPO. A sua redescoberta, após uma era milenária de puritanismo, sob o signo da libertação física e sexual, a sua

omnipresença em especial o corpo feminino na publicidade, na moda e na cultura das massas – o culto higiênico, dietético e terapêutico com que se rodeia, a obsessão pela juventude, elegância, virilidade/feminilidade, cuidados, regimes, práticas sacrificiais que com ele se conectam, o Mito do Prazer que o circunda – tudo hoje testemunha que o corpo se tornou objeto de salvação. Substitui literalmente a alma, nesta função moral e ideologia.

A Revista Veja, na sua edição 2233 de 7 de setembro de 2011 traz em sua capa a reportagem de um REMÉDIO MILAGROSO que faz emagrecer entre 7 e 12 quilos em apenas cinco meses, e destaca: SEM GRANDES EFEITOS COLATERAIS. Na capa uma seringa e duas mulheres magras, belas e felizes. Grande contradição se efetua.

De um lado, os especialistas do bem viver dizem que é para aproveitarmos a vida: comer pratos exóticos e variados, viajar, ir às festas, *carpe diem*, etc. De um extremo ao outro os especialistas da moda e do corpo exige que você esteja em forma e seja magro; o corpo magro é o primeiro sinal de que se está na moda. Exige-se muito tempo para atender as duas necessidades, sem contar com o trabalho e os filhos(?). Isso seria um grande problema para os lucros: é preciso ter tempo. Logo a ciência (empresas farmacêuticas) colabora para que se tenha tempo ao mesmo tempo em que tira mais uma fatia do salário cada vez mais curto: manipulam medicamentos e divulgam como milagrosos aos quatro ventos e prometem deixar-nos felizes com nosso corpo enquanto nos empanturramos de porcarias. Mas há um problema. Segundo especialistas é preciso comer pouco se se quer viver muito (Veja, julho de 2009). Ora o que se deve fazer? Comer, malhar, não comer, trabalhar, estudar, cuidar da casa, dos filhos, da carreira e aproveitar o dia? Logo temos o que há de mais perfeito no mundo do consumo sem limites dos excessos e dos padrões: trabalha-se muito, curte-se muito e medica-se muito. Isso faz o ser humano mais feliz? Segundo Gilles Lipovetsky (2011) é exatamente o contrário:

O consumo de energia física e mental, a riqueza coletiva e o nível de vida aumentaram: o nível de felicidade não muda. A sociedade do hiperconsumismo é a do “sempre mais”, mas não há “sempre mais felicidade”. Os indivíduos querem ganhar sempre mais dinheiro porque a oferta mercantil não cessa de ampliar-se, mas, uma vez atingido um certo nível de renda, o sentimento de felicidade não progride mais quando surgem rendas complementares. [...] de um lado, toda a nossa sociedade está voltada para a corrida do consumo; de outro, este não consegue criar, “aumentar” a felicidade. (2011, p.61)

O erotismo vazio de sentido também se reduz a cultura do consumo. Segundo George Bataille (2004): *É necessário pensar o corpo dentro da cultura de mídia*. Vamos a alguns exemplos de canais abertos no Brasil. Existem vários programas

altamente assistido por jovens, adultos e crianças que delineiam alguns aspectos importantes dessa obsessão em provocar o desejo de mercado.

Pânico na TV, programa apresentado na TV Bandeirantes uma vez por semana, seu intuito é banalizar e ridicularizar seus próprios participantes, tanto em entrevistas com perguntas sem nenhum objetivo senão o riso e a chacota, ou expondo seus participantes a provas com nenhum objetivo senão a erotização. Sempre com as ‘panicats’, como são chamadas as moças que ficam ao fundo dançando, de biquínis minúsculos, enquanto há a apresentação das programações dos apresentadores à frente. Mulheres cujo padrão de beleza condiz com as exigências do mercado, essas mulheres participam de provas cujo único intuito é mostrar ou insinuar o desfloramento de sua intimidade. Coincidentemente ou não, as observações de campo nos demonstram, os jovens citam e repetem exaustivamente os jargões desse programa na escola e nas ruas. O interessante é que as ‘panicats’ são produtos de um mercado competitivo e volátil, elas estão enquadradas dentro da máxima da obsolescência programada, prova disso é a frequente troca de ‘panicats’ sem motivo aparente. Está no projeto do programa trazer de volta a tão conhecida ‘Banheira do Gugu’ que reforça a ideia do erotismo mercadológico.

Legendários. Apresentado por Marcos Mignon: Objetivo muito similar ao *Pânico*. Garotas seminuas ao fundo dançando (hipnotizando) os telespectadores enquanto o programa transcorre banalmente com reportagens sem sentido. O corpo das mulheres desse programa é igualmente ‘produzido’ como aquele.

O Melhor do Brasil. Programa que transcorre por toda a tarde de sábado e se estende até à noite, apresentado na TV Record. O objetivo é conseguir que mulheres e homens encontrem seu par perfeito. A ideia é defrontar um homem ante várias mulheres ou o contrário. Quando um dos participantes se interessa por alguém ergue uma placa com os dizeres ‘eu quero’, mas isso não impede que quem escolheu troque por outro que apareça mais atrativo.

Vai dar Namoro, SBT, Programa da Eliana. Segue os moldes do *Melhor do Brasil*, a diferença é o dia para evitar concorrência. Esse é apresentado no domingo. As mulheres escolhem seus parceiros que invariavelmente aparecem sem camisa, de sunga ou com a camisa semiaberta para mostrar seus atributos físicos e assim conquistar suas pretendentes. O interessante é que todos os domingos estão de volta as mesmas mulheres que estariam ali para encontrar seu par. Ou seja, cada semana um pretendente e isso há aproximadamente um ano, tempo que o programa está no ar.

Não podemos deixar de lembrar do programa *Faustão* que igualmente mostra suas dançarinas ao fundo com suas pernas à mostra e pouca roupa. Vale lembrar que Fausto Silva demitiu várias dançarinas alegando estar fora de forma e as novas dançarinas possuem quase unanimemente silicone nos seios.

Caldeirão do Huck. Segue o mesmo padrão do Faustão, o apresentador fala, mas a câmera mostra os corpos femininos com pouca roupa ao fundo.

Silvio Santos entendeu a audiência que as bailarinas trazem e agora apresenta seu programa *Topo tudo por dinheiro* com mulheres dançando as músicas de sucesso ao fundo com suas pequenas roupas e esbanjando a saúde e corpos do tipo mercadologicamente vendidos.

Não podemos esquecer um dos percussores da exposição do corpo feminino e masculino erotizado em programas de auditório. Refiro-me à *Banheira do Gugu*, apresentada no SBT pelo apresentador Gugu Liberato, que em cada bloco apresentava um *round* entre homens e mulheres disputando quem apanhava a maior quantidade de sabonetes. Quem se lembra sabe quantos seios ficaram à mostra, quantas partes de baixo do biquíni foram desamarradas, para fingido constrangimento tanto do apresentador quanto da participante que tinha à mostra seu corpo desejado como objeto por milhões de espectadores em casa.

Há influências? Segundo M.A de 16 anos:

Eu sempre vejo na televisão ou em revistas e muito na internet pessoas seminuas para chamar atenção, infelizmente **eu admito que isso acontece comigo**, mas eu não concordo com esse jeito de prender a atenção do público. (Grifo nosso)

M. P de 15 anos:

Nos programas de TV para ganhar a audiência coloca-se meninas de biquíni, homens sem camisa para as pessoas assistam e desejem esse corpo.

E. S de 14 anos:

O corpo está sendo usado como um corpo para consumo, as pessoas pensam sempre em ter um corpo esbelto, definido e não sabem o quanto são usadas pela mídia.

G. P. 14 anos:

Transformou-se num grande desafio refletir sobre a própria vida diante da abundancia de informações e compromissos.

M. B. 14 anos:

O corpo é mais valorizado do que o pensamento. As pessoas preferem ter um corpo perfeito do que consciência e caráter.

J. P. 16 anos:

A influência que a mídia exerce sobre nós faz com que agimos de maneira irracional, nos faz usar produtos supérfluos porque alguém famoso aparece na TV usando.

B. S 15 anos:

Os programas de TV como o Silvio Santos, Faustão, Legendários e Pânico na TV tem o costume de utilizar dançarinas com um corpo perfeito e com o mínimo de roupas possível para atrair a atenção de homens que muitas vezes são casados, tem a mulher que ama ao lado e é influenciado pelos programas direta ou indiretamente a deixar ou trair sua esposa e procurar uma mulher com um bumbum grande, pernas grossas e sem barriga. O problema é que a busca não cessará e continuará pra sempre.

Alain Touraine em seu livro *Diferentes ou Iguais alerta:*

O que hoje ameaça mais diretamente o sujeito é esta sociedade de massa onde o indivíduo escapa a qualquer referência a si mesmo, onde é um ser de desejo em ruptura com todo e qualquer princípio de realidade, em busca de uma libertação de pulsão, ou seja, impessoal. [...] muitos levaram a crítica do poder e da sua dominação sobre o indivíduo até ao elogio de uma sexualidade sem limites, polimorfa, para lá da consciência, das suas interdições e das suas justificações. (1997 p.81)

E o já citado professor Marcio Oliveira Puggina (2013):

Este processo de erotização da infância encontra, na mídia, o seu principal “caldo de cultura”. Especialmente através da televisão, criam-se condições de incentivo a produção de crianças com comportamento erotizado. Este processo atua de duas maneiras. Primeiro, através do estímulo a criança a adotar o comportamento estereotipado forma de vestir; uso de maquiagem; música; dança etc. Quantas vezes já não vimos orgulhosas mães e papais, em programas de auditório, fantasiando suas filhas de tiazinhas, feiticeiras e similares? A segunda forma de atuação é sobre o adulto que passa a ter sua libido estimulada pelo frequente bombardeio de imagens erotizadas de adolescentes e pré-adolescentes cada vez mais jovens, gerando, assim, fantasias sexuais que criam uma demanda, ou seja, um mercado para este produto. (s.p)

Se acreditamos que a cultura de massa e de consumo influem significativamente na *reflexividade do eu* como sugere Giddens (1993) somos levados a acreditar que o erotismo apresentado nesses programas, e não somente neles, mas também nos comerciais que seguem tanto na TV quanto na internet, quanto nas revistas e *outdoors* vendem um tipo de corpo, de comportamento e de estética que expõem consciente e inconscientemente o sexo como forma recursiva para organizar tanto o mercado e as relações inter e subjetivas. Assim sugere também Bauman (2007), por exemplo: *Com*

efeito, é sabido que a Internet tem gerado novos padrões de manifestações de sexualidade, como o denominado sexo virtual.

Segundo Baudrillard (2008, p.172):

O corpo não se reapropria segundo as finalidades autônomas do sujeito, mas de acordo com o princípio normativo do prazer e da rentabilidade hedonistas, segundo a coação da instrumentalidade diretamente indexada pelo código e pelas normas da sociedade de produção e de consumo dirigido. Por outras palavras: administra-se e regula-se o corpo como patrimônio; manipula-se como um dos múltiplos significantes de estatuto social.

Das telas da TV para o mundo real observamos mudanças significativas dos jovens para com seu corpo. Observamos cada vez mais cedo intervenções cirúrgicas para implantes de seios, retiradas de ‘excessos’ de seios e gorduras localizadas, cirurgias no nariz para efeito estético, correção de ‘imperfeições’ nas sobrancelhas, crianças extremamente maquiadas nas escolas e a competição velada que surge por trás disso tudo. Para somar o Governo Federal reduziu de 18 para 16 anos a idade mínima para cirurgias de redução de estômago. Parece num primeiro momento uma decisão de saúde pública, mas tem muito mais coisas implicadas a essa redução que não pretendemos aqui discutir. No entanto, essa é uma das preocupações da psicóloga educacional Marília Nieteski em entrevista:

É desconcertante ver uma menina usando salto alto, maquiagem, ou qualquer outro artifício que até poucos anos pertencia exclusivamente ao mundo adulto. Se uma criança não tem educação alimentar ao mesmo tempo em que tem uma pressão para ser bela tende-se a incorrer num ciclo vicioso entre hiperconsumo calórico e insatisfação com o corpo e se há a possibilidade de intervenções com tão pouca idade a tendência é que ocorra uma negligencia maior tanto da família quanto dos jovens.

Outro exemplo é de uma escola que tinha por hábito deixar seus alunos virem sem uniformes nas sextas-feiras. O objetivo é que eles pudessem vir como são, ou seja, saíssem da padronização do uniforme e pudessem mostrar quem realmente eram, no sentido de dar espaço às individualidades, às tribos, às diferenças. A direção, que por muitos anos permitia que seus alunos viessem desse modo, teve de intervir e proibir. Segundo uma professora:

Estava beirando a promiscuidade por parte de muitas meninas; shorts ou saias curtos, saltos excessivamente altos, decotes abusivos e maquiagens noturnas usadas numa manhã qualquer destinada ao estudo. Era visível a competitividade existente entre as muitas garotas para deleite dos rapazes.

Para quem elas e eles se vestiam assim? Para si mesmos? Para as outras meninas? Para os jovens do sexo oposto? Para uma aluna, L.H de 13 anos, em seu

escrito afirma: *Não vivemos sem moda, sem as marcas. Sempre que vou comprar algo, mesmo que seja algo quase igual à das outras meninas ou ao que já tenho eu compro. Se a marca for conhecida e famosa, melhor. Mas o importante mesmo é mostrar senão não tem graça.*

Nesse sentido, para Baudrillard, a beleza passa ser um valor em si, expor àquilo que se constitui por belo (mercadologicamente aceito) é um ato quase religioso:

A beleza tornou-se para a mulher imperativo absoluto e religioso. Ser bela deixou de ser efeito da natureza e suplemento das qualidades morais. Constitui a qualidade fundamental e imperativa de todas as que cuidam do rosto e da linha como sua alma. Revela-se como signo de eleição ao nível do corpo, assim como o êxito o é no plano dos negócios. A ética da beleza, que também é a da moda, pode definir-se como a redução de todos os valores concretos e dos “valores de uso” do corpo (energético, gestual e sexual), ao único “valor de permuta” funcional que, na sua abstração, resume por si só a ideia de corpo glorioso e realização, a ideia o desejo e do prazer – negando-os e esquecendo-os precisamente na sua realidade para esgotar na permuta dos signos. A beleza reduz-se então a simples material de signos que se intercambiam. Funciona como valor/signo (2008, p. 174).

Se por um lado observamos garotas que descambam para uma concorrência fetichista da beleza, por outro lado encontramos os garotos submersos no mundo da pornografia. Em conversas com jovens alunos, por exemplo, a maioria que acessa internet não bloqueada pelos pais (que são muito poucos computadores bloqueados) tem ou já tiveram acesso a conteúdo pornográfico explícito e dizem ter acesso no mínimo quatro vezes por semana a conteúdo erótico. Carregam vídeos pornô de curta duração em seus celulares e repassam para aqueles que não podem ver em casa ou assistem durante o intervalo (escondidos) em grupos fingindo que estão jogando ou encaminhando mensagens de SMS. Outra artimanha é levá-los em *pen drives* e trocar fotos, vídeos, etc. levando em consideração que o celular é a bíblia sagrada e intocada dos jovens, pois os pais podem proibir o acesso em casa, mas eles continuarão a trazer de fora.

Em uma sociedade onde as pesquisas indicam que os jovens estão se relacionando sexualmente cada vez mais jovens, em torno de 13 e 14 anos a preocupação além de uma gravidez indesejada, da contração de doenças sexualmente transmissíveis, estende-se também à banalização do ato sexual como algo corriqueiro e livre de consequências, como as garotas que trocam de namorado toda semana nos programas de auditório.

Se o ser humano forma sua segurança ontológica também por meio da sexualidade, como é possível entender um indivíduo ontologicamente seguro que tem

sua vida sexual ativa a partir dos 13 anos de idade? Ou seja, como não relacionar o ato sexual, o desejo sexual e a prática sexual tão precoce sem o intermédio da erotização em massa do corpo, da intimidade de homens e mulheres e da pornografia escancarada dos sites, blog, na TV e também no *Facebook* amplamente acessado pela juventude?

O erotismo é o equivalente, no seio de uma cultura dominada pelo instrumentalismo e, logo, pelo enfraquecimento dos controles sociais e institucionais, do que é a defesa da identidade cultural nas sociedades que resistem coletivamente ao livre-cambismo mundializado. A sociedade dita de consumo procura controlar este erotismo tratando-o como qualquer outra procura solvível. (Touraine, 1997. p 81)

A coisa se mostra tão preocupante que até mesmo a genética das meninas está se organizando para o sexo precoce. Para alguns especialistas:

Não é só por fora que as meninas estão crescendo rápido. Por dentro também as mudanças se aceleraram. Pesquisas feitas nos Estados Unidos, na Europa e no Brasil comprovam que a idade média da primeira menstruação, que no começo do século XX variava entre 14 e 15 anos, hoje está entre 10 e 11 anos. [...]”Esta geração de meninas está tão erotizada, vem recebendo tantos estímulos para ficar moça que o cérebro acaba enviando sinais que detonam a produção dos hormônios mais cedo”, afirma Jonathas Soares, ginecologista do Hospital das Clínicas e do Albert Einstein, de São Paulo (REVISTA VEJA, NOVEMBRO DE 2000).

Se estivermos concluindo que a cultura de consumo é um dos fatores centrais para a fragmentação da identidade e da sexualidade, também concluímos que a família quer queira, quer não, é a principal culpada ou vítima (?) desse sistema que delega cada vez mais a educação do seus filhos à terceirização. A família tem delegado cada vez mais e mais responsabilidades a outros e à escola. A escola não passa todo o tempo com os filhos dos pais ausentes e mesmo se passasse tem coisas que não cabe à escola fazer. Por outro lado, a escola conteúdista que é (servindo a outros interesses próprios da família que é a preparação do seu filho ao mercado de trabalho que em um degrau mais acima é o que quer o modelo de vida individualista, egocêntrico e consumista que se institui na moderna sociedade de consumo) não consegue e a nosso ver, nem deve dar um tipo de formação que é típico da família. Mas será sempre um se ou se? Do tipo ou se reforma a escola ou se organiza as famílias? Não há como ambas caminharem juntas para formar pessoas humanas e cultas? Se a família, segundo Sinay está agonizando (independente do tipo de família que se queira) e se a escola, segundo Gilles Lipovetsky e tantos outros estudiosos não vai bem, não seria a hora de escola e família unirem forças para que de algum modo se insira ao mercado de trabalho, ao consumo (não ao consumismo) sem que isso seja o motivo *sine qua non* de nossas vidas? As perguntas

são difíceis e não pretendemos dar resposta e apontar receitas mais por incapacidade do que qualquer outra coisa, como Max Weber sugere, o primeiro passo é buscar compreender, é o que estamos buscando fazer, mas parece-nos que tanto a família, quanto a escola, tem motivos mais do que suficientes para unirem força em prol de algo maior do que a busca por diferenciação mercadológica e por status de consumo. É necessário dar mais atenção à nossa sociedade que além da incerteza existente é geradora de um risco iminente e agudo segundo Urick Beck (2010).

Enquanto isso...

Ficando o maior tempo em frente aos meios audiovisuais e não tendo alguém para contrapor o que assistem, os jovens assumem uma autonomia negativa voltada para si mesmos e altamente chantagistas.

A musicalidade altamente consumida no Brasil é permeada até as entranhas de erotismo. Dos Sertanejos Universitários, passando pelo Funk as letras esbanjam-se em álcool, festas e pegação. No êxtase do álcool, as garotas em grande medida meninas mesmo, obedecem aos comandos da letra e descem até o chão.

Tanto nos carros quanto nas rádios, de cidades grandes às pequenas se escutam essas músicas. A TV convida esses cantores para apresentar suas músicas com suas bailarinas que não gostam de usar roupas abaixo de um palmo a cima do joelho. E se não há autoridade para instruir as crianças que assistem e ouvem o que se esperar? Alain Touraine (2001) sugere: *O Sujeito é tão ameaçado no mundo de hoje pela sociedade de consumo que nos manipula, ou pela procura de um prazer que no encerra nas nossas paixões, como era no passado pela submissão à lei de Deus ou da sociedade.*

A escola e a família são responsáveis pela educação dos jovens. Uma com a intelectualidade crítica, racional, contestadora e autônoma; a outra se voltando para os valores de respeito, reciprocidade, afeto, autonomia e caráter. Ambas juntas foram um ser humano autônomo e responsável. Mas segundo Sinay (2012) não é o que acontece: *A escola foi transformada em babá; as crianças, por sua vez, percebem a piscadela paterna que as autoriza a gritar quando se sentirem “exigidas” ou limitadas.*

Têm coisas que somente os pais são capazes de fazer e o modo disso ser feito é com a presença não o contrário. Ainda Sinay (2012, p.93): *Os pais são, em síntese, a primeira fonte de educação, sobretudo afetiva, emocional, espiritual e de valores. São as referências mais próximas.*

Se pretendermos romper com a ideia de que os jovens estão imersos numa sociedade consumista, erotizada, em que a competição por beleza predomina e a preocupação gira em torno do consumo e do ter, tem-se de assumir algumas

responsabilidades. Primeiro, de acordo com Sinay (2012 p.120) os pais devem assumir suas responsabilidades de pais e segundo, deixar de ver a escola como uma oficina mecânica: *Como quando se deixa um automóvel na oficina mecânica ou no posto de gasolina para ser lavado e depois se retira o carro reluzente e em perfeito estado de funcionamento, assim se espera que a escola devolva as crianças aos seus lares.*

Logo, na equação contemporânea entre escola, juventude e família todos saem perdendo. Os jovens sem identidade jogam e retiram suas ancoras por ai 'livremente' aos ventos dos mercados. Sempre insatisfeitos com os rendimentos e com suas vidas os pais se ausentam e a escola por sua vez, agoniza tentando dar conta daquilo que já não mais consegue que é intelectualizar, que dirá moralizar. Nessa relação difícil é a cultura de consumo, cultura de massa que lucra altamente e sugere os paliativos narcotizantes. Os jovens estão entregues a si mesmos? A amizade é o porto seguro desses jovens contemporâneos? Quando os pais se ausentam a escola não atende às reais necessidades desses jovens é na amizade que eles encontram refúgio? O que é a amizade em tempos líquidos?

7 AMIGOS: O REAL E O VIRTUAL NAS RELAÇÕES JUVENIS

Do que adianta nas redes sociais ser uma coisa e na vida real ser totalmente diferente.
(desabafo de uma “amiga” no Facebook sobre a amizade face a face)

Eles são, por assim dizer, viciados em fazer e receber sons eletrônicos ou imagens. As páginas de bate-papo são novas drogas poderosas em que os adolescentes se viciaram.
(BAUMAN, 1998, p. 65)

O contato face a face é substituído pelo contato tela a tela dos monitores; as superfícies é que entram em contato. “surfing”, o meio de locomoção preferido em nossa vida agitada, cheia de oportunidades que nascem e logo se extinguem, afinal chegou à comunicação inter-humana. O que se perde é a intimidade, a profundidade e a durabilidade da relação dos laços humanos.
(BAUMAN, 1998, p.105)

No âmbito da crise de identidades, as relações juvenis perpassam hoje, uma região desconhecida até muito pouco tempo: o mundo da virtualidade. Segundo Pierre Lévy (1999, p.47):

Virtual é toda entidade “desterritorializada”, capaz de gerar diversas manifestações concretas em diferentes momentos e locais determinados, sem contudo, estar ela mesma presa a um lugar ou tempo em particular. [...] ainda que não possamos fixá-lo em nenhuma coordenada espaço-temporal, o virtual é real.

Nesse sentido, o da desterritorialização da presença, como é possível constituir amigos em um universo onde muitas vezes não se conhece a pessoa com quem se fala? Como podemos chamar tal pessoa de amigo? Até que ponto essas amizades influenciam na constituição da identidade do indivíduo contemporâneo?

Francisco Ortega (2002, p.161), por exemplo, ressalta a importância quando se fala de amizade, do contato face a face entre os indivíduos:

A amizade é um fenômeno público, precisa do mundo e da visibilidade dos assuntos humanos para florescer. Nosso apego exarcebado à interioridade, à ‘tirania da intimidade’, não permite o cultivo de uma distância necessária para a amizade, já que o espaço da amizade é o espaço entre os indivíduos, do mundo compartilhado – espaço da liberdade e do risco -, das ruas, das praças, dos passeios, dos teatros, dos cafés, e não o espaço dos nossos condomínios e nossos *shopping centers*, meras próteses que prolongam a segurança do lar.

Com Ortega percebemos que a amizade é relação e contato. A pessoa se constitui quanto pessoa no e pelo contato entre seus pares, principalmente amigos, onde se mantêm contatos afetivos e de interesses mútuos.

Se a amizade é tão importante para a constituição da identidade pessoal do indivíduo, e se Ortega estiver correto ao afirmar que a amizade é um fenômeno público, como podemos classificar aquilo que se tem por amizade no mundo virtual? Ademais, se nem mesmo o condomínio e o *shopping* são espaços de liberdade e risco necessário para constituição de amizades o que pensar então sobre o universo cibernético onde as amizades são feitas sem mesmo se sair de casa?

A constituição da identidade é *pari passu* com a relação entre pessoas. No universo juvenil então isso é muito mais latente. Sem identidade não se tem relação e sem relação não se tem identidade, no sentido de busca por pertencimento grupal tão importante nos nossos dias. No entanto, em relação às amizades do passado (sólida), hoje se verifica um aprofundamento no que se refere à quantidade e à diversidade que estão sujeitos a juventude. Isso é ruim? Não, segundo alguns autores. Como nos ensina Kauffman (2001), (2004) e Singly (2003) essa miríade de relações dá margem ao processo de autoconstituição. O lançar e recolher âncoras da identidade proporciona nos indivíduos um aumento de *stock* precioso para o amadurecimento e a constituição dos seres como detentores de um eu.

O questionamento que se averigua é a capacidade ou não de organização dessa experiência ao ponto desse *stock* possibilitar uma organização subjetiva do indivíduo. Isso se dá pela ausência de tempo em organizar esses pensamentos através daquilo que Bauman (2008) chama de *solitude*. A solidão necessária para arrumar a casa psíquica. Logo, se não há tempo para arrumar a casa ela ficará evidentemente uma bagunça. Assim observamos nossa juventude em termos de identidade; não conseguem, por falta de tempo, conhecer-se a si mesmos, falta de tempo oriunda da miríade de possibilidades provindas do mundo e das relações virtuais muito mais do que das relações face a face.

7.1 QUANDO A AMIZADE ERA OUTRA

Amizade e identidade no mundo contemporâneo parecem andar de mãos unidas pela sinuosa e movediça arte de viver e conviver nesses tempos líquidos. Diz-se que não se tem amigos como antigamente. Que os amigos de hoje são falsos, voláteis e efêmeros. A permanência da duração de uma amizade nos tempos de hoje não pode ser comparada, por exemplo, dos tempos antes do advento da internet, por uma questão muito simples: a quantidade e a qualidade.

Tinha-se nesse período (como Bauman afirma, sólido) poucos que poderiam ser considerados amigos. A mãe ainda perguntava: “vai à casa de um amigo ou de um

colega?”. A diferença era simples; amigo é confidente colega não. Os pais conheciam-se ou pelo menos se sabia onde era a casa que o filho estava. Hoje no universo das relações cibernéticas está-se em toda parte e em lugar nenhum. Como mediar isso?

Segundo o pesquisador Paulo Carraro *apud* Schwertner (2001) o que se verifica é a redução dos espaços de sociabilidade entre os jovens. O que parece muito correto ao observarmos que os espaços de sociabilidade: praças, quiosques, praias, são mais relacionados a espaços de consumo e onde todos ou quase todos com acesso à internet sem fio possibilitam mesmo que presentes (próximos uns dos outros) a ausência algo como presente-ausente, provocado pelas conexões do ciberespaço. O que também é muito comum observarmos os jovens reunidos, mas cada um com seu aparelho de celular conectado à rede.

Em tempos não tão distantes verificava-se que na escola se tinha poucos amigos, na rua também, mas ao contrário de hoje, brincava-se muito mais na rua estendendo as relações face a face do que hoje. Hoje se têm muitos amigos. Uns têm mil, dois mil até três mil amigos na escola, e na rua quase nada. Dificilmente observamos as crianças brincando na rua como há bem pouco tempo atrás.

Segundo M. D. de 15 anos a rotina sua e de seus amigos é a mesma: *Chego em casa ligo meu computador para ver as curtidas e postagens dos meus amigos no Facebook.*

O *Facebook* se tornou nos últimos anos, o espaço de encontro de milhões de amigos. No *Facebook*, todos são amigos. Não existe colega no *Facebook*.

Nos tempos sólidos onde as amizades eram face a face o contato olho a olho o simbolismo da relação era mais autêntico. Reduz-se vertiginosamente o contato visual real, o contato virtual não exige aquela sentença de outros tempos: é preciso olhar nos olhos das pessoas quando se conversa com ela. Os jovens se entendiam muitas vezes pelo simples olhar, diminui-se esse tipo de ‘conversação telepática’ pela falta de contato face a face:

[...] embora os principais estímulos para que os jovens estejam sempre em movimento provenham do mundo off-line, esses estímulos seriam inúteis sem a capacidade dos equipamentos eletrônicos de multiplicar encontros entre indivíduos, tornado-os breves, superficiais e sobretudo, descartáveis. As relações virtuais contam com as teclas “excluir” e remover spams” que protegem contra as consequências inconvenientes (e principalmente consumidoras de tempo) da interação mais profunda. (BAUMAN, 2011, p.23)

A internet muda radicalmente a relação de amizade entre as pessoas. Os jovens passam mais tempo na internet, nomeadamente no *Facebook*, do que em qualquer outra

atividade. Mesmo quando não estão em casa em frente ao computador, com seus celulares, *laptops*, *tablets*, estão sempre se atualizando sobre as novidades virtuais. *Quando se tem à frente mais de mil amigos postando coisas mais interessantes do que a prova de história no dia seguinte fica difícil concentrar-se.* Afirma A.A de 14 anos. Segundo L.H.B. de 14 anos: *Em minha opinião e de muitas outras pessoas sem dúvidas, nós jovens temos tudo o que queremos e não fazemos, em muitos casos nada, pois temos o compromisso somente de estudar e ainda assim muitos conseguem ir mal no colégio.*

Logo, a organização da identidade de um jovem hoje, passa a ser organizada também por suas relações de amizade (expandindo o conceito de amizade a toda e qualquer relação virtual ou não). Há uma concatenação na relação amizade e identidade, pois mesmo que essas relações não são das mais verdadeiras e duradoras os jovens encontram-se uns nos outros uma grande fonte de reconhecimento. Como afirma J.P. de 16 anos: *Sem meus amigos eu não sou ninguém.*

Nos tempos sólidos a amizade era também uma porta de reconhecimento de si mesmo e do outro como membro pertencente de determinado grupo. Muitas vezes nem isso. Não era para pertencer a determinado grupo que se tinha amigos, era para encontrar alguém em quem confiar, compartilhar anseios, medos, angústias, alegrias. O que muda hoje é a fluidez da permanência no grupo e de que não se precisa mais de um amigo para confidenciar nada, tudo pode ser confidenciado, compartilhado e curtido nas redes sociais. Até mesmo quando se vai ao banheiro compartilha-se nas redes, fotos dos pratos no almoço fotografa-se e posta-se nas redes. Vai tomar banho? Se posta nas redes. Está triste? Desabafa-se no *Twitter*. Alegre? Também. A vida torna-se um livro aberto.

Desse modo, J. P. pode estar muito certo ao afirmar que seus amigos são tudo na vida dele. Por outro lado, o que tem marcado as relações juvenis é justamente a substituição desses amigos muito rapidamente, o teclar ‘excluir’ contínuo nessas relações é marcante.

Há outra questão muito importante que já analisamos anteriormente que é a relação entre amizade e consumo. As relações entre os jovens estão determinadas pela sua ornamentação estética, os grupos mais do que nunca se organizam pela aparência. Conseqüentemente a moda dita de forma muito significativa às organizações e às desorganizações de grupos de amizades mais do que nunca.

Segundo B. B de 14 anos: *meus amigos me influenciam até hoje. Um exemplo é a marca das roupas que uso.*

Para B. A. de 15 anos: *é preciso se adequar ao grupo senão você é excluído.*

O *Facebook* é a porta de entrada de milhões de propagandas, das mais diversas. A religião não norteia maiores grupos juvenis, salvo em grandes manifestações, como a vinda do papa, por exemplo, a ponto de se configurar um grupo de identidade de resistência. Desse modo, os jovens são influenciados e influenciam-se de modo que a busca pela identidade se torne uma constante em relação aos desígnios do mercado. Conseqüentemente a insatisfação consigo mesmo e com o outros se torna tão grande.

Se no passado tinha-se poucos amigos, ‘os poucos e bons’, os poucos confiáveis e confidentes, a ordem se altera. A confiança perde sua razão de ser com a amizade líquida, pois tudo é confidencializado no *Facebook*, *Twitter*, *Instagram*, etc. a privacidade é algo raro. Logo, amizade de confidencialismo parece fora de moda quando milhares de amigos expõem-se todos os dias nas redes sociais.

As redes têm um poder aglutinador imenso. Diversas tribos, diversos modos de vestir, ouvir, falar está disposto nas telas das redes. Assim, o indivíduo bebe em diversas fontes, construindo-se como um *bricolage*. Insatisfeito por não ter pernas, braços, cabeças, membros o suficiente para exibir todo o conjunto de seres que constitui seu ‘eu’.

Logo, viver nesses tempos de tecnologia é uma verdadeira arte. Segundo Bauman (2009, p.99):

Praticar a arte da vida, fazer de sua existência uma “obra de arte”, significa, em nosso mundo líquido-moderno, viver num estado de transformação permanente, auto-redefinir-se perpetuamente tornando-se (ou pelo menos tentando se tornar) uma pessoa diferente daquela que se tem sido até então. [...] a liberdade de autocriação jamais alcançou uma amplitude tão surpreendente, ao mesmo tempo exitante e assustadora. Nunca antes a necessidade de pontos de orientação e guias prestativos foi tão intensa ou dolorosamente sentida. Mas nunca antes houve tanta falta de pontos de orientação fidedignos e de guias confiáveis (ao mesmo tempo em relação ao volume e intensidade da necessidade).
Sejamos claros: há uma perturbadora carência de pontos de orientação firmes e fidedignos, assim como de guias confiáveis. Essa carência coincide (de modo paradoxal, mas absolutamente não-acidental) com a proliferação inédita de sugestões tentadoras e ofertas de orientação atraentes, com uma onda sempre crescente de manuais e hordas cada vez mais amplas de consultores – tornando, contudo, ainda mais confusa a tarefa de atravessar a mata densa de proposições equivocadas ou simplesmente falsas para encontrar uma orientação capaz de realizar a sua promessa.

As relações face a face que observamos nos alunos estão presas à relação virtual. Suas conversas, o estar junto, é norteado de modo muito significativo nas relações que eles tiveram entre eles ou com os outros no universo *ciber*.

7.2 A AMIZADE EM TEMPOS DE REDE

Segundo Manuel Castells (2003, p.07): *A internet é o tecido de nossas vidas*. E continua:

A internet é um meio de comunicação que permite, pela primeira vez, a comunicação de muitos com muitos, num momento escolhido, em escala global. Assim como a difusão da máquina impressora no Ocidente criou o que MacLuhan chamou de a “Galáxia de Gutenberg”, ingressamos agora num novo mundo de comunicação: a Galáxia de Internet.

A comunicação interativa da internet mudou significativamente o modo como os jovens enxergam o estar no mundo. *Numa vida de contínuas emergências, as relações virtuais derrotam facilmente a “vida real”* (BAUMAN, 2011, p.23). O mais preocupante é o distanciamento que esses jovens encontram para com as pessoas que não acessam esses meios como eles, seus pais e professores, que pensamos serem fundamentais na vida desses jovens e que perde gradativamente seu domínio sobre o mundo da vida de seus tutelados:

Para um jovem, principal atrativo do mundo virtual é a ausência de contradições e objetivos conflitantes que rondam a vida off-line. O mundo on-line, por outro lado, cria uma multiplicação infinita de possibilidades de contatos plausíveis e factíveis. Ele faz isso reduzindo a duração desses contatos e, por conseguinte, enfraquecendo os laços. (BAUMAN, 2011, p23)

A não atualização por parte de pais e professores, por recusa ou por descaso, só faz aumentar o fosso entre as gerações, enfraquecer os laços. Parece-nos que nenhuma geração mais velha foi tão desvalorizada como essa tem sido. Parece que os pais e professores não têm muito a oferecer a esses jovens.

Segundo a aluna M.E.T de 15 anos em relação ao acesso ilimitado à informação afirma:

Talvez a raiz do problema seja, justamente, a liberdade que é oferecida aos indivíduos, principalmente jovens. Levando em consideração, os avanços tecnológicos, e a gigantesca gama de opções que ela oferece. É notável a distorção do bom senso. Sendo que, as tão conhecidas redes sociais dão aos usuários uma sensação de liberdade absoluta, de poder e inatingibilidade, passando, para alguns, a ser o meio de expressão desmedida. Ampliando assim, o déficit da educação moral e da “bagagem de casa”. Porém, apesar de toda essa acessibilidade e evolução tecnológica, é necessário estabelecer limites, que atuarão como bases para uma sociedade harmoniosa. Não permitindo, assim, que ocorram retrocessos de valores, que afetam diretamente o âmbito delicado das relações interpessoais.

Se Singly (2003) tiver razão ao nos ensinar que a constituição da identidade é um lançar e recolher âncoras, como podemos perceber esse recolher e lançar âncoras no universo das relações on-line? Todos recolhem junto suas âncoras quando determinada identificação não mais agrada ou sempre haverá marujos à deriva por permanecer mais tempo preso à embarcação que já faz água?

Desse modo é importante compreender as relações juvenis não com o intuito de condenar essa necessidade de diferenciação e atualização como simples modismo, temos que ir além e perceber que o estar ‘vivo’ nesse universo juvenil contemporâneo se faz imprescindível a busca por tábuas de salvação identitárias. *As identidades devem ser descartáveis; uma identidade insatisfatória, ou não suficientemente satisfatória, deve ser facilmente abandonável. As capacidades interativas da internet são feitas sob medida para essa nova necessidade* (BAUMAN, 2011, p.24).

Porque presenciamos tantos casos de *bullyng*, de homicídios em escolas, de violência entre alunos e inclusive suicídios? Isso é um sintoma das angústias que cercam os jovens que calados suportam como podem suas frustrações tendo em vista um crescente número de pais se ausentando da vida de seus filhos? Qual é a saída? Se esses alunos e filhos não tiverem segurança ontológica, não conseguirem organizar seu stock o lance é mudar, mudar, mudar.

Sobre isso Castells (2003, p. 98):

Críticos da internet, e reportagens da mídia, por vezes baseados em estudos de pesquisadores acadêmicos, sustentam que a difusão da internet está conduzindo ao isolamento social, a um colapso da comunicação social e da vida familiar, na medida em que indivíduos sem face praticam uma sociabilidade aleatória, abandonando ao mesmo tempo interações face a face em ambientes reais.

Importante frisar que Castells, quando fez seu estudo e o publicou em 2003 não compactua com essa ideia, entretanto, hoje 2013, talvez encontramos muitas pessoas como a aluna abaixo concordando justamente com o exposto por ele.

N. B. B de 17 anos vê esse estar com os ‘outros’ e a falta dos outros nesses moldes:

Penso que a internet, Facebook, MSN, entre outros, estão acabando com o convívio familiar, são ótimos, nos divertimos, informarmos e comunicarmos, mas deixa a pessoa presa, ninguém, mas se fala em casa, tem casas com dois computadores cada um fazendo algo num canto da casa, é gente pendurado o dia inteiro neles. Temos que ver o mundo lá fora, quantas crianças você vê brincando nas ruas?

Pode-se argumentar que as relações on-line retiram as pessoas da solidão. Esse pode ser outro problema. A solidão é boa. Estar consigo mesmo faz bem. Mas no mundo das amizades virtuais nunca se quer só:

Fugindo da solidão, você deixa escapar a chance da solitude: dessa sublime condição na qual a pessoa pode “juntar pensamentos”, ponderar, refletir sobre eles, criar – e, assim, dar sentido e substância à comunicação. Mas quem nunca saboreou o gosto da solitude talvez nunca venha a saber o que deixou escapar, jogou fora o que perdeu (BAUMAN, 2011, p.17).

Há infidas possibilidades de se estar com o outro, mesmo que esse outro não seja o outro que se diz ser, nem que esse outro é bem aquele outro com quem se gostaria de estar. Há uma falsa percepção de que estar on-line é nunca estar sozinho. No entanto, sempre fica a angústia da espera que alguém o chame no bate-papo. *Não tem importância alguma saber por que fazemos tal coisa, o que estamos pensando, desejando, sonhando, o que nos alegra ou entristece que nos aspiram a usar as redes sociais, além de manifestar nossa presença* (BAUMAN, 2001, p27).

Daí o vício de ter muitas contas em diversas redes sociais, criar diversos avatares para que se possa conquistar diversas possibilidades de contato assume a preocupação de se estar sempre on-line, de saber quem curtiu sua foto, de convidar mais pessoas para serem amigas e a preocupação de manter contato até que se enjoje, e o mais importante: a esperança de que alguém lembrou de você.

Aí surge a impressão de nunca se está só:

Para começo de conversa, nunca mais precisaremos estar sós. O dia inteiro, sete dias por semana, basta apertar um botão para fazer aparecer uma companhia do meio de uma coleção de solitários. Nesse mundo on-line, ninguém jamais fica fora ou distante; todos parecem constantemente ao alcance de um chamado (BAUMAN, 2001, p14).

Se a relação entre os jovens está tão superficial como se supõe, como explicar a multidão de tribos, com efusões de festividades que aglutinam milhares de pessoas? É possível falar do fim da amizade? Bauman em uma passagem de uma entrevista comenta a história de um dos seus alunos que se vangloriou de ter conseguido em um dia 200 amigos no *Facebook*. Do qual Bauman riu dizendo que não conseguiu juntar 200 amigos em mais de 80 anos de vida. Não, não é o fim da amizade, mas a volatilidade delas. Os amigos se tornaram voláteis fluidos como a modernidade de Bauman. Continuando com exemplo do *Facebook*, uma ‘amiga’ minha comentou a esmo na página do seu *Facebook*: *Passa por mim na rua nem me olha depois vem no Face dizendo: Oi te vi hoje na rua!*

Quando Bauman afirma que há uma quantidade incrível de gurus do certo e do errado, isso transcende o mundo real. O mundo virtual pode começar a pensar a sua própria moral. Mas se por um lado o mundo real não vai bem, em termos de valores, naturalmente isso vai transparecer no mundo dos avatares logo, porque como disse M.E.T a chance de mascaramento são bem maiores.

As amizades, os gostos, as rotinas do dia a dia estão permeadas de virtualidade muitas vezes perversas ofensivas e degradantes.

É muito comum, citando novamente o exemplo da rede social mais usada no mundo, o *Facebook*, ver amigos invadindo a conta do outro e escrevendo coisas horríveis de se ler, e expor assim a quem quiser ver.

A humilhação é também uma característica persistente nas redes que reflete as relações de amizade nesses tempos líquidos. Uma coisa muito comum entre os jovens é a expressão: *Essa vai pro face*. Com a quantidade de celulares e demais dispositivos móveis de filmar, fotografar não são dos inimigos que devemos temer e sim dos amigos. Situações constrangedoras ou outras que exigem no mínimo solidariedade são imediatamente filmadas e dispostas na rede.

Humilhar também é moda. A moda é lançar a foto do amigo e compartilhar, quanto mais ‘curtidas’ melhor sinal de popularidade de quem postou para tristeza do postado.

Para felicidade dos mercados que produzem celulares, câmeras, filmadoras, canetas, óculos, espíões o ‘sorria você está sendo filmado’ perdurará por muito tempo. Os jovens consomem deveras tecnologias de produção de imagens que invariavelmente vão parar em algum site de relacionamento para milhares de ‘curtidas’ dos amigos virtuais.

A constituição de uma identidade baseada nas amizades se mostra hoje desafiador. Tendo em vista que as amizades atuais perpassam muito mais o âmbito das relações virtuais do que às face a face e de que essas relações virtuais estão direta ou indiretamente norteadas pelo princípio da atualização massiva, é difícil, quiçá impossível organizar as relações e os stocks de modo a organizar uma identidade sustentável qualquer. *Estar em dia com tudo isso ajuda a atualizar os conteúdos e a redistribuir as ênfases na imagem da pessoa; ajuda ainda a apagar depressa os vestígios do passado, isto é, os conteúdos e as ênfases que agora estão vertiginosamente fora de moda* (BAUMAN, 2011, p.25).

Se as identidades líquido-modernas, nomeadamente à dos jovens estão baseadas na efemeridade e atualização constante, é possível entender como a categoria amizade,

também precisa ser re teorizada ou ressignificada. Não foi o intuito aqui recatalogar o conceito de amizade, mas tentar entender como as relações de amizade dos jovens ajudam na constituição de suas identidades.

É muito possível que de fato as relações face a face se esvaziam de sentido como norteadora de amizades profundas, partindo para o mundo da virtualidade. Inverte-se a ordem, muitos se conhecem primeiro no mundo *ciber* para posteriormente, se for de interesse ou não, passar para o mundo real. Mas se não houver interesse de uma das partes simplesmente delate-se o amigo e buscam-se novos. Desse modo, evitam-se contradições tão importantes para o crescimento interpessoal, evitam-se amizades com pessoas que não pensam, não falam, não se vestem como nós. Conflitos importantes são evitados assim o amadurecimento retardado.

Os jovens se identificam com esse tipo de relações que passam a ser normais do ponto de vista da cotidianidade de suas vidas, mas indo em direção da constituição das subjetividades esse tipo de relacionamento tende a impossibilitar que as pessoas possam criar laços duradouros de confiança e respeito.

Se como Bauman afirma em outra parte *que nada é feito para durar*, as amizades como se pode observar também não fogem à regra.

Pensamos que duas categorias sociais faltam ser analisadas para buscar compreender a constituição da identidade juvenil, por isso deixamos por último aquilo que pensamos ser o mais importante e duradouro elo entre os jovens e que deveria ser de fundamental importância na organização psíquica e no que concerne a identidade: a escola e a família.

8 A ESCOLA, JUVENTUDE E FAMÍLIA: OS DESAFIOS DE UMA RELAÇÃO IMPORTANTE.

É obrigação de um pai cuidar, educar, alimentar, um filho desde o dia em que nasceu. É muito importante a convivência entre eles para que os filhos sejam educados corretamente, mas os pais estão trocando as brincadeiras, a convivência, o diálogo, os conselhos por brinquedos, vídeo games, celulares, computadores levando o jovem a ter seus valores nos bens materiais, querendo sempre consumir mais.
(J. P. 16 anos)

Iphone, Ipod, notebook, tablet é o que hoje está cada vez mais comum entre as crianças. Podemos dizer que antigamente a educação vinha de casa pelos pais, hoje já podemos dizer que quem educa é a internet.
(R.B. 15 anos)

Conheço famílias que não dão valor a seus filhos os deixam jogados, abandonados, somente com o computador, celular ou vídeo game sem se preocupar com o futuro dele.
(B.G. 15 anos)

Para ser sincera eu ontem fiquei até 2 horas no *Facebook* e fui fazer meu trabalho da escola às 22:00 e o tempo que eu tava no “face”
todos meus colegas estavam “online”.
(J.C 13 anos, **grifo nosso**)

Com toda esta enorme tecnologia existente, os filhos não estão sendo criados por seus pais, mas sim pela internet e também pela mídia.
(G. G. 15 anos)

[...] porém não sabemos se a culpa é do estudante ou dos pais, pois atualmente nós jovens **nem convivemos com nossos pais**, pois eles trabalham o dia inteiro e muitas vezes nem sabem da vida do filho.
(L.H.B 15 anos, **grifo nosso**)

Quem se propuser a observar com honestidade e sem preconceitos o cenário em que os habitantes desta sociedade e deste tempo vivem verá crianças e adolescentes à deriva, abandonados a um destino incerto, ou destinados a serem vítimas de todo tipo de comerciantes; de manipuladores ideológicos; de operadores midiáticos; de impunes experimentalistas pedagógicos, psiquiátricos e farmacológicos; de sinistros traficantes e dos mais variados tipos de domesticadores.
(SINAY, 2003, p.13)

Chegamos até aqui depois de toda a exposição feita para vislumbrar uma conclusão: a família é a grande causadora da fragmentação da identidade contemporânea. Sabemos que há de se levar em consideração fatores externos principalmente o trabalho e o modelo capitalista. Todavia, tendo em vista que a família é quem gera os filhos e como viemos afirmando é caráter da família dar bases sólidas para formação ontológica da criança, a ausência da família acarreta a falta de material subjetivo afetivo que culminará num esvaziamento de si típico da crise contemporânea da identidade.

Ao terceirizar a educação de seus filhos, os pais simplesmente negam aos seus filhos a possibilidade de tecer uma identidade forte o bastante para defenderem-se da invasiva sociedade capitalista.

Todo o percurso que traçamos para chegar até aqui, partindo da família patriarcal, passando pela transformação social contemporânea, analisando a influência dos meios de comunicação de massa, da cultura de consumo, do erotismo, da globalização, das relações *on-line* e *off-line*, foi para tentar entender e, principalmente, compreender a importância que a constituição de uma identidade de sujeito pode ser o remédio ou o veneno de uma civilização, e como a família tem fundamental papel na constituição dessa identidade ou negligenciá-la. Não falamos aqui de identidade histórica, comunitária, ou genealógica, mas sim da identidade de si, do reconhecimento e valoração de si como sujeito de ação.

Vimos tecendo esse trabalho com intuito de vislumbrar a possibilidade de estarmos inseridos no mundo em que vivemos, trabalhando, estudando, consumindo, habitando, namorando, sem que sejamos escravos de outrem ou de um sistema econômico. A conclusão a que chegamos para que isso encontre algum eco é num retorno à família. Que família? Pré-moderna? Patriarcal? Moderna? Contemporânea? Nuclear? Extensa? Não importa que modelo de família. Se com duas mães, dois pais, um pai, uma mãe, etc. falamos de uma família que dispense tempo, recurso, presença e amor para suas crianças, principalmente amor. Uma família que não procure substituir afeto por presente. Uma família que não terceirize a educação de seus filhos, uma família que não ponha um filho no mundo para sanar um vazio existencial ou salvar um casamento, uma família que não trate seu filho como um bibelô, falamos de uma família presente.

Pode parecer discurso moralista, retrógrado ou tradicionalista. Não importa o que venha parecer, o que importa é que a família não pode relegar a função dela de organizadora importante e fundamental da vida de suas crianças a um *Playstation 4*.

Toda essa dissertação não fala em nome dos professores, nem em nome dos pais, muito menos de um governo, falamos da infância, pela infância e por uma infância e juventude sadia por isso demos voz prioritariamente aos jovens.

Professores falam muito e esse falar dos professores, muitas vezes não repercute na vida de nossos jovens porque está vazio de sentido, pais e mães, quando presentes, nem falam nem ouvem. Desse modo, tentamos dar espaço para que os jovens exteriorizem suas angústias e que, ao ler esse trabalho, pais, mães e professores escutem

mais o que esses jovens têm a dizer e principalmente ajude-os a organizar algo tão conturbado que sua vida psíquica.

Esse capítulo tentará articular questões fundamentais para a formação ou deformação da identidade humana baseadas na ideia de família e educação escolar. Não dará receitas nem modelos do que se entende por uma educação e identidade correta. No entanto, acreditamos que uma identidade ontológica é um passo para algo maior que é a consciência de si no outro para si e para o outro. Então se uma postura deve ser assumida nesse momento, nossa resposta seria a de que precisamos urgentemente dar atenção a essa segurança. Uma ideia de liberdade e de ação que só é possível com uma importante e fecunda formação subjetiva que por sua vez só é possível com a presença familiar e educacional escolar. Partindo dessa relação uma identidade subjetiva consistente é passo fundamental para um repensar social importante.

A discussão sobre identidade permeia todos os capítulos anteriores. Defendemos que a formação da identidade contemporânea está impossibilitada por mecanismos que disputam o indivíduo no âmbito do mercado, do sexo, da moda, do consumo, da vida cibernética, familiar, espiritual e escolar fragmentando-o de diversas formas. Fragmentando porque deixa de existir um núcleo organizador e originário de identificação duradoura, nem projeto duradouro de ação e de sujeito.

Pretendemos por meio do cruzamento teórico e empírico, demonstrar algumas implicações acerca do que entendemos pelo quase completo abandono dos pais em relação aos seus filhos. Nesse capítulo estudamos em sua maioria psicólogos, e psicanalistas importantes como Joel Birman (2013).

Esse capítulo é norteado por duas perguntas centrais que dialogam entre si: Qual é a relação dos pais com seus filhos? Qual é a relação da escola com seus alunos ou, qual é a relação dos filhos com seus pais? Qual é a relação dos alunos com a escola?

8.1 SOBRE A GÊNESE DA FAMÍLIA

São inúmeros os papéis e as missões que a evolução social vai atribuindo à família; entretanto, sua prioridade reside na construção do ser na realização da personalidade, sendo o espaço onde o ser humano reflete sobre a experiência vivida e reconstrói a si próprio, na busca do domínio não apenas do sentimento, mas do essencial vivido (PONDÉ, 2013, s.p).

A família hoje, o conceito de família hoje é um conceito zumbi, ou seja, um morto-vivo. O que denominamos família hoje, não é nada do que teve-se por família na modernidade (BIRMAN, 2013, s.p).

A título de resumo, abaixo segue uma síntese da gênese da família. Com base nos estudos do professor e psicanalista Joel Birman (2013). Apresentaremos um resumo da história da família partindo da seguinte divisão: Família Pré-moderna; Família Moderna; Família Contemporânea. Não nos pretendemos exaustivos no detalhamento das três categorias tendo em vista que por ora o que nos importa para a investigação que segue é a Família Contemporânea, mas especificamente seus laços e desenlaces do pós-guerra.

Segundo Birman, o início da organização familiar ocidental pode ser nomeada de: Família Extensa ou Pré-moderna. No ambiente de coexistência da Família Extensa existia uma relação direta e hierárquica entre várias gerações que assentavam suas diretrizes em torno do poder. Famílias Extensas ainda existem em regiões afastadas do Brasil, mas o número delas cai gradativamente com o processo de urbanização e de globalização das comunicações e da economia. É uma família extremamente patriarcal. A mãe é a reprodutora do sistema; tanto social quanto privadamente não tem grande valor.

Um tripé norteava sua estrutura de hierarquia. No espaço político a figura do rei, no plano sagrado figura deus e no âmbito local a *persona* do pai. Vale lembrar que o espaço do extremo oeste catarinense também se assentava num tripé igualmente patriarcal. Nele constava: A figura do padre, do professor paroquial e do pai⁴. Assim a rígida estrutura se manteve (e se mantém em várias comunidades) até o processo de globalização do espaço regional como vimos. Aqui existiam somente dois sexos o masculino e o feminino onde o feminino está subordinado ao masculino.

Segundo Birman, o homem era tido como algo solar por sua protuberância fálica e a mulher era tida como cavernosa, obscura e fria por sua composição genital. Era um elemento a mais para excluir a mulher do mundo público reduzindo-a ao lar. Esse modelo de separar homens e mulheres durou da antiguidade até o século XVIII.

Outra característica importante desse período patriarcal Pré-moderno, além daquele relacionado ao valor do homem como provedor e detentor da verdade absoluta, o é relacionado à prole. A prole, a criança, não era vista ontologicamente diferente em relação aos adultos, pelo contrário, crianças eram adultos em miniatura e assim eram educados, vestidos. Conviviam com os adultos ouviam conversas de adultos, inclusive não era velado dos infantes as práticas sexuais entre os membros da família. A figura dos avós e dos bisavós tinham grande importância dentro dessa estrutura familiar tendo

⁴ Para maiores aprofundamentos sobre como se estruturava esse tripé sugerimos o livro: *Os sinos dobram por Alfredo* do meu professor e orientador Paulino Eidt. Chapecó: Argos, 2009.

em vista que eles eram os guardiões da memória e da sabedoria. Detinham centralidade, pois mesmo após a invenção da imprensa eram os que repassavam os conhecimentos familiares, por exemplo.

A Revolução Francesa (1789) foi o marco do início da queda do patriarcado e da Família Extensa ou Pré-moderna. Tendo em vista que todos pensadores da época vão centralizar seus escritos na ideia de igualdade de direito, a mulher ganha um valor simbólico que lhe era negada em mais de dois mil anos de história. A partir daí se aprofunda o distanciamento em relação à sexualidade Pré-moderna e se aproximam com cada vez mais força a teoria da diferença sexual. No entanto, mesmo com maior liberdade e igualdade, impera ainda, nas relações homem e mulher a questão anatômica, ontológica e social. Isso quer dizer, que mesmo com a igualdade de direitos existem papéis sociais que só cabe ao homem empenhar, bem como papéis sociais que estão destinados às mulheres.

Ao longo dos anos após a Revolução de 1789 vê-se que o patriarcado não foi destituído completamente da vida moderna. A lógica era essa: As mulheres que pela sua compreensão biológica, quadris mais largos, seios protuberantes, sua proximidade à natureza, seu sentimentalismo e moral são seres fados a maternidade. O homem baseado na mesma organização Patriarcal Pré-moderna era quem supria as necessidades do lar.

O importante é ressaltar que há diferenças profundas entre a mulher pré-moderna e a mulher moderna. Na modernidade, embora ainda sob a insígnia do patriarcado a mulher começa a ganhar certos poderes que lhe eram negados na Família Extensa. Isso porque, segundo Pondé (2002), a ideia de instinto maternal e amor maternal inexistiam na Família Extensa. A explicação é simples: a quantidade grande de filhos e os afazeres do lar não permitiam que se desenvolvessem tais sentimentos. Desse modo, o amor maternal e o instinto materno seriam uma invenção moderna. Logo, caberia à mulher gerir o espaço doméstico que antes era impossibilitado pela Família Extensa, pelo respeito ao marido e aos mais velhos e velhas da hierarquia, por exemplo. Para o homem ficou destinado o espaço público.

A separação público-privado que emerge, condensa a governança do lar à mulher enquanto o mundo público e o abastecimento do lar couberam ao homem. Entretanto, na hierarquia social, a vida pública tem mais valor do que a privada persistindo a verticalização masculina sobre a feminina.

Quanto aos filhos, esses foram drasticamente reduzidos pelo rearranjo econômico, social e familiar a partir da industrialização, da ampliação das descobertas médicas e no avanço educacional. Logo, um filho em meados do século XX se torna

também um investimento. Surge com essa transformação social aquilo que Freud caracterizou de a criança-rei. O bebê passa a ser colocado na condição de majestade recebedor de todos os investimentos em torno do qual a produção da família vai girar. Não é demais lembrar que toda essa exposição tem como pano de fundo a organização da personalidade, ou da identidade dos indivíduos.

A partir disso, nova evolução se institui no *modus operandi* da estruturação familiar passando da Família Extensa para a Família Nuclear Burguesa que vai condensar sua organização somente em torno dos pais e dos filhos. Esse modo de família, Nuclear Burguesa com seus papéis sociais definidos, com a presença da mãe como organizadora do lar, do pai como provedor da casa e do filho como investimento importante e necessário durará até 1914, ou seja, o início da Primeira Guerra Mundial.

Foi no decorrer do século XX que houve a grande ruptura em relação a essa estrutura de família moderna quando das duas grandes guerras. A partida dos soldados para o campo de batalha necessitou urgentemente de mão de obra feminina para dar continuidade à produção de armas e demais produtos. A mulher se viu forçada, para o bem ou para o mal, a acelerar sua entrada no mercado de trabalho para substituir os homens nas fábricas. A relação pais e filhos que já ficara conturbada pela guerra, pelo engajamento no exército e pelo medo da morte iminente, logo viu outra rachadura com a saída das mulheres à procura de emprego. No Brasil, mesmo longe da Guerra, mas com soldados participando dela, vê aumentado o número de mulheres no mundo do trabalho em proporção menor, é claro, mas causando os mesmos efeitos psicológicos nos adultos e crianças, de angústia, medo e morte.

A governabilidade do lar, do privado, que cabia às mulheres estende-se a partir de então também para governabilidade do mundo público, do trabalho. Conseqüentemente a mulher do entre guerras e da Guerra Fria emerge como uma mulher que quer estudar, seguir carreira profissional, ter controle sobre seu corpo; ‘ter um filho quando puder e se quiser’, conquistar prestígio público assim como os homens. Os métodos contraceptivos e as transformações sociais, políticas e culturais de 1968, dá maior ênfase ao controle do corpo e maior oportunidade para a mulher conquistar o mundo do trabalho. É válido lembrar que foi justamente nas Revoluções de 1968 que se deu início ao processo de profunda transformação na estrutura social que ficou conhecido como pós-modernidade, e uma das categorias mais analisadas a partir desse período histórico é justamente a crise dos metarrelatos e a crise de identidade.

No plano da fecundação, da gestação e da criação as mulheres contemporâneas têm dispensado um baixíssimo investimento libidinal afetivo (libido é o termo usado em

psicanálise para amor) em seus filhos resultando dentre outras coisas na inexistência de uma segurança ontológica aos seus filhos. Isso se dá pelo fato de desde muito cedo, poucos meses após o nascimento do filho, a mulher retorna ao mundo de trabalho. Segundo Pondé (2002) investimento libidinal afetivo é o que mãe dá ao seu filho quando ela fica em companhia dele, quando ela o amamenta é quando os laços entre mãe e filho se estendem para muito além do simples gesto de nutrir, é o carinho, afeto, amor e presença que faz os filhos e filhas se sentirem amados e seguros, que dará confiança aos meninos e meninas nas dificuldades da vida, que moldará em resumo, sua personalidade e a sua identidade.

A década de 1970 foi marcante marco nesse processo de terceirização da criação dos filhos que vêm se arrastando até hoje com muita força. Entende-se, a partir disso, a crise existencial que toma conta da grande maioria das pessoas pós-modernas.

Uma das consequências desse esvaziamento subjetivo contemporâneo é segundo Capellato:

Uma sociedade perversa que busca prazer causando dano ao outro. E a gênese dessa perversão pode ser encontrada no desinvestimento libidinal ausente na formação subjetiva dos filhos e a substituição do princípio da realidade pelo princípio do prazer (2013, s.p).

Como fica essa mãe e filha que se origina desse processo de inserção no mundo do trabalho e ‘abandono’?

Essa mãe que deixa o espaço da mãe fazia, que nos deixa com a casa vazia que são nós mesmas, mas é também a nossa mãe vai nos abrir espaço para se pensar duas coisas. Primeiro, um mal estar na maternidade e segundo, a identidade possível dessa mãe que é uma mãe órfã que é uma mãe que não tem a referência da sua mãe e ao mesmo tempo essa mulher dona de seu corpo vive de forma muito invasiva a gestão, o parto etc. A mãe contemporânea é órfã e filha de uma órfã (CORSO, 2013, s.p).

O que as mães davam de tão importante aos seus filhos nos períodos Pré-moderno e Moderno Nuclear Burguês que está destituído de sentido na contemporaneidade? O investimento libidinal afetivo. Esse investimento ausente faz com que os jovens busquem mais cedo em outros campos o afeto negado ou negligenciado pela mãe, ou seja, nem se chega a perder a identidade porque nunca a teve.

Outro problema levantado é sobre a educação dessas crianças. Joel Birman elenca dois tipos de educação distinta e complementares que cabe um à família e outro à escola, mas que está sendo relegada ambas à segunda que é a sociabilidade primária e à sociabilidade secundária.

Para melhor esclarecer essa relação importante vale citar exaustivamente Joel

Birman:

Aquilo que caracterizava a família nuclear burguesa era uma divisão de tarefas no que tange aquilo que os sociólogos chamam de sociabilidade primária e sociabilidade secundária. Sociabilidade primária era a formação moral da criança no plano da família. E sociabilidade secundária era aquela que ela adquiria na escola. Com essa desorganização da família nuclear, com essa desorganização dos sistemas de autoridades, com essas conjugalidades efêmeras nós percebemos que a família começa a ficar capenga quanto suas socializações primárias e ela quer que a escola faça aquilo que ela não faz. Uma das coisas muito comuns na contemporaneidade é que a família quer que a escola faça um trabalho de socialização primária nas crianças que as famílias não fazem e se criam instituições para fazer isso. Nós temos maternais, as crianças vão cada vez mais cedo para a escola, creches, há todo um processo de institucionalização da maternagem que antes era feito pela família nuclear que nós passamos para certos dispositivos coletivos de forma que as crianças de um ano e meio já estão na escola. (2013, s.p)

E segue:

A maternagem hoje é feita em grande medida pela escola e não pelos pais daí essa mistura de cartas quanto à sociabilidade das crianças. Como uma consequência importante é a questão do investimento das crianças isso é um problema sério na contemporaneidade nessa organização familiar onde a gente vai assistir uma espécie de maternagem problemática porque a mãe foi querer buscar lugares de expansão existenciais no lugar dos homens mas os homens não voltaram para fazer o dever de casa.

A maternagem foi deslocada para instituições e a maternagem tanto do pai quanto da mãe começou a se tornar uma coisa complicada; essa maternagem deficiente afeta a constituição subjetiva das crianças porque uma série de doenças modernas nada mais são do que um desinvestimento narcísico em resumo, um desinvestimento na autoestima.

A construção subjetiva das crianças na maternidade está em torno dessa maternagem que terá como consequência um investimento narciso diminuído; crianças mais fragilizadas, adultos mais fragilizados caracterizado de narcisismo negativo (BIRMAN, 2013).

A partir disso é possível buscar compreender como se acentua a crise de identidade no mundo contemporâneo.

8.2 DA LIBERTAÇÃO SOCIAL À CRISE IDENTITÁRIA: QUE FAMÍLIA PARA QUE FILHOS?

Não é a esmagadora pressão de um ideal, com o qual não podem viver de acordo, que atormenta os homens e as mulheres contemporâneos, mas a falta de ideais: a ausência das necessárias receitas para uma vida decente, dos pontos de orientação firmemente fixados e estáveis, do destino previsível para o itinerário da vida. A depressão – o sentimento da própria impotência, da incapacidade de atuar e particularmente da incapacidade de atuar de maneira racional, para ser adequado às tarefas da vida - torna-se a emblemática de nossos tempos modernos tardios ou pós-modernos (BAUMAN, 2008, p. 60).

Observo que filhos, crianças e jovens tem acesso livre a todo tipo de informação por diferentes meios mesmo o que não é propício à idade. A mentalidade dessas crianças está se desenvolvendo muito precocemente infelizmente para um lado negativo. O isolamento, a agressividade não será resultado desse abandono familiar? (M.L. 16 anos)

É comum hoje relacionar a escola e a família aos famosos metarrelatos do passado recente e como produtos de uma história que já não mais tem o mesmo significado de outrora.

As transformações sociais, políticas, econômicas e culturais que arrastaram o mundo desde a Primeira Grande Guerra até a queda do muro de Berlin levaram muitos pesquisadores, dentre eles (Baudrillard, 1999), (Touraine, 2011), (Giddens, 1992) a afirmar que tais transformações levaram à humanidade a outro estágio de historicidade cunhado de várias formas: pós-modernidade, pós-estruturalismo, pós-fordismo, pós-industrialismo, modernidade líquida ou capitalismo tardio para citar alguns exemplos. O que é comum, à maioria dessas designações, é que os metarrelatos da modernidade caíram por terra; Igreja, Partido, Comunismo, Sociedade Patriarcal inclusive as categorias de Escola e Família. Diana Corso e Mario Corso (2013, s.p) resumem desse modo a família contemporânea: *A família atual se fragmenta. A marca da família atual é casamento e recasamento, essa é nossa realidade. A família nuclear que atravessa o tempo junto essa já foi.*

A escola que ‘desde sempre’ teve profunda participação na organização social seja como reprodutora dos valores de uma época seja criticando um projeto social instituído segue hoje em grande monta acéfala e emudecida. Não por falta de professores comprometidos com a mudança social, mas por verticalizações impressas nas regulamentações e desejos de um Estado subordinado aos interesses das grandes corporações, não obstante a cobrança cada vez maior para que a escola assuma responsabilidades familiares.

Segundo Bauman (2011 p. 125):

A educação assumiu muitas formas no passado e se demonstrou capaz de adaptar-se à mudança das circunstâncias, de definir novos objetivos e elaborar novas estratégias. Mas permitam-me repetir: a mudança atual não é igual às que se verificaram no passado. Em nenhum momento crucial da história a humanidade os educadores enfrentaram desafio comparável ao divisor de águas que hoje nos é apresentado. A verdade é que nós nunca estivemos antes nessa situação. Ainda é preciso aprender a arte de viver num mundo saturado de informações. E também a arte mais difícil e fascinante de preparar seres humanos para essa vida.

E a família continua com a mesma estrutura desde o início da modernidade? Como vimos na sessão sobre a gênese dela, não.

Mas então qual é o rumo que a família tomou para que ela juntamente com a escola e os outros metarrelatos fossem ressignificados pela dita pós-modernidade?

Na família tradicional papéis eram definidos, instituições eram fortes, regras eram estruturadas, pais sabiam o que transmitir aos seus filhos. Nesse mundo contemporâneo a família vive uma metamorfose e deixa nebuloso o lugar e a função da maternidade e paternidade. Como fica a transmissão de valores e condutas qual é a fala de um pai hoje? Não há consenso (CORSO & CORSO, 2013, s.p).

Essa redefinição implícita da escola e da família e seus papéis emergem como um nó górdio na contemporaneidade. O que se observa é cada vez mais um descolamento da família para longe do seio familiar e a aproximação da escola ao que é de dever da família.

É importante frisar que quando falamos da família, como parâmetro para nossa análise, partimos de um tipo ideal de família para o bem-estar emocional dos filhos, não no sentido daquela em que o pai deva trabalhar e a mãe ficar em casa, não daquela do modelo patriarcal ou de qualquer modelo nostálgico de família. É preciso ficar claro que não partimos dos adultos para analisar a família e sim dos filhos. É necessário ressaltar isso: não procuramos fazer proselitismo ao modelo familiar passado. O que queremos analisar é como as crianças encontram na família um suporte necessário para constituir sua identidade, como as crianças recebem essa carga afetiva ou não recebem e como isso influenciará em toda sua vida como pessoa. E o que Birman (2013) afirma é que de todos os modelos de família a que mais negligencia seus filhos é a contemporânea e conseqüentemente é a sociedade na qual temos o maior número de estupros, de morte, de violência, de consumo de drogas, de excesso de álcool, de sexo, de angústias, de desamparo em meio a esse turbilhão de ofertas de consumo.

Ivan Capellato (2013) explica que os maiores desafortunados dessa trama que se apresenta na atual conjuntura social são os jovens. De um lado a escola não consegue suprir a afetividade negada aos filhos pelos pais; de outro, a escola que é cobrada para fazê-lo, não dá conta porque a escola não é um lugar afetivo.

Sergio Sinay apresenta-nos assim um quadro geral da relação família-jovem-escola:

[...] são questões contundentes e inquestionáveis acerca de um fenômeno que é hoje mundial e que o pedagogo define como o de crianças cada vez mais incultas e pior educadas, o de professores e mestres cada dia mais deprimidos e desanimados e o de pais cada dia mais afastados de suas verdadeiras responsabilidades e funções. É fácil constatá-lo aqui e agora. Por um lado,

vemos professores e mestres constrangidos e pressionados por exigências curriculares absurdas (cozinhas em micro-ondas por ministros, funcionários, políticos e “experts” que não veem uma criança verdadeira há séculos), por comportamentos de crianças e adolescentes que chegam descontrolado de seus lares, e exigidos, além disso, por pais que, como disse antes, confundem mestres com babás ou empregados especializados em crianças (2011, p.127).

Ao leitor desavisado, pai, professor, mãe entre outros que pensam que esse modo de vida é típico somente dos grandes centros e que não entenderam as diversas passagens citadas pelos jovens nesse trabalho, vamos deixar os jovens da região analisada falar um pouco mais sobre a percepção DELES em relação aos pais-filhos-escola. Talvez assim haja um ranger de dentes e um dar-se conta de que os pequenos espaços regionais estão mais globalizados inclusive de problemas domésticos do que se possa imaginar:

A necessidade de sobreviver numa sociedade capitalista, como a atual, exige que cada pessoa consuma maciçamente. Para consumir precisam trabalhar. Diferentes trabalhos que causam grande fadiga e menos tempo livre. Vejo que isso acaba afastando pais dos filhos, na hora das refeições poucas vezes a família se reúne por completo. O que é muito triste (M. L. 16 anos).

A família é um dos bens mais preciosos é ela que nos dá a educação que vamos levar para a vida toda. É ela que nos ajuda ou deveria nos ajudar na nossa personalidade e que nos ensina tudo o que temos que fazer (M. M. 15 anos).

A família deve intervir nas atitudes dos jovens. A família deve ensinar a pessoa desde cedo a ter uma vida plena, a ensinar as virtudes de ajudar com o futuro. Isso desde crianças, por que é nessa idade que formamos nossa personalidade, nosso caráter (J. V. F. 15 anos).

Um dos únicos em quase cem narrativas que diz sentir orgulho da sua família:

Minha relação familiar é algo que eu realmente gosto, uma relação de união, não só com meus pais, mas com todos. Se eu tiver filhos tentarei ao máximo educá-los como fui educado.

Mas ressalta:

Tenho colegas que possuem pais distantes que a única saída de uma vida solitária é a internet, onde encontram pessoas com mesmos pensamentos e é ali que se sentem em “casa”. A internet pode ser um meio de afastar a família ou um refúgio, mas sendo refúgio pode afastar mais ou ela poderá pensar em mudar sua relação.

Portanto, a vida familiar deve ser levada em consideração na construção do caráter do indivíduo e em sua personalidade, pois tudo aquilo que aprendemos em casa são valores que irão decidir o tipo de pessoa que seremos no futuro (G. L 16 anos).

[...] passo mais tempo com minhas professoras chatas que só falam e falam, me xingam quando masco chiclete. Estou cansado de toda essa vida, mas é a única que tenho (E. I. 15 anos).

[...] pais separados, a escola que educa os filhos porque os pais não fazem mais isso. Os pais tem o dever de educar e criar e a escola de orientar para vida intelectual e profissional. Como o governo quer que todos se tornem cidadãos se isso ocorre tudo ao contrário? (D. C. I 16 anos).

A relação escola e alunos às vezes não são seguidos como deveria muitos alunos não tem a mesma preocupação nos estudos em relação aos outros porque muitas ficam sozinhas o dia inteiro e não tem acompanhamento dos pais ou às vezes não se comprometem a estudar preferindo passar o tempo na internet (M. L. E. 15 anos).

A relação entre pais e filhos pode afetar muito a relação dos filhos com a escola. Se o pai passa o dia trabalhando e deixa o filho em casa ele certamente irá querer ficar no computador ao invés de estudar. Se os pais não cobram quem incentivará os filhos aos estudos? (C. S, 15 anos).

Essas passagens parecem coincidir com outra extensa, mas muito importante e triste conclusão de Sergio Sinay (2011, p.127):

[...] pais que, embora jamais cheguem a admiti-lo, consideram-se ineptos para educar e criar; pais que desenvolvem um terror por seus próprios filhos e que, para se reconciliar com este e tentando evitar que eles percebam sua incapacidade, terminam atacando os docentes, como se os professores fossem os culpados de sua disfunção parental. Por fim, o resultado de tudo isso: filhos órfãos, sem parâmetros, sem contenção, e que, dono de um súbito e inesperado poder, acabam crescendo sem afeto verdadeiro e nutritivo, sem recurso para a construção de uma vida com sentido (embora possam ter estudado nos melhores colégios, esquiando nas melhores pistas, tido os melhores celulares e computadores de última geração e viajado a todos os parques da Disney).

Todas essas passagens direta ou indiretamente influem na questão central que viemos estudando até aqui que é a constituição da identidade. Ivan Capellato (2013) também é claro na sua análise ao afirmar que a fundação identitária do ser humano é na infância e que essa fundamentação só é possível graças ao investimento de amor dado pelos pais aos filhos. Sem esse investimento as crianças emergem como seres carentes de desejo afetivo paterno e, conseqüentemente, busca sua identidade nas diversas oportunidades oferecidas pelo mercado.

O que Capellato nos ensina vem corroborar com o pressuposto de que a crise de identidade se instaura justamente porque a família abandona seus filhos vazios de carga afetiva deixando-os assim, sem a já falada segurança ontológica.

Segundo Capellato (2013, s.p):

Qual é o problema que nós tivemos dos anos de 1940, 1950, do Pós-guerra pra cá? O não investimento dos pais nos filhos, esse amor perdido, esse amor não dado a retirada desse investimento pelo medo da perda gerou uma coisa que foi a perda da identidade. Os adolescentes e as crianças começaram a não ter com o que se identificar. Desse modo os jovens e adolescentes começaram a se organizar em grupos (emos, punks, etc) para ter com se

identificar, mas só que esse tipo de identidade é uma identidade que não se consagra aí o esforço de ter outra e outra e outra identidade.

Tudo começa pela criança. O que nós que cuidamos de crianças e de adolescentes temos visto hoje é a necessidade deles de ter uma identidade. A necessidade de se ter uma identidade significa algo muito importante. O que buscam é o desejo de ser desejados. Quando não encontram esse desejo fundamental nessas identidades, digamos mais leves, eles buscam nos extremos como no álcool, nas drogas.

O abandono dos pais gera um vazio existencial nos filhos desde tenra idade. A busca por identidade ou sua crise nada mais é do que a angústia dos jovens, adolescentes e adultos por ser objeto de desejo afetivo. Infelizmente observa-se a infeliz ideia de que a proteção, carinho e afeto podem substituídos pela efusão de bens materiais:

Há não muito tempo o convívio entre pais e filhos era melhor, pois os pais iam trabalhar e as mães ficavam em casa cuidar de seus filhos. Atualmente isso está se extinguindo, pois nessa sociedade capitalista (onde o dinheiro muitas vezes é tudo) os filhos ficam em segundo plano. Os pais vão trabalhar e a maioria das vezes os filhos são criados pela internet e pela televisão. Penso que para melhorar a convivência entre pais e filhos, cada um deve tomar consciência para que as coisas melhorem. Também seria ideal se os pais deixassem algumas de suas preocupações financeiras para tratar do bem maior que são seus filhos. “É preciso amar as pessoas como se não houvesse amanhã” (Legião Urbana) (A. L.R, 15 anos).

Todos dizem que o futuro depende dos jovens, mas alguma vez perguntaram à eles sobre o futuro? Alguns ficam indecisos outros, poucos, demonstram certezas, mas o que eu levo em consideração é que as oportunidades do mundo se devem principalmente pela educação familiar (R. M. 15 anos).

A escola, os amigos, os colegas podem influenciar as crianças e jovens, isso é indiscutível, mas a maior influência que eles sofrem são sem dúvida é a dos pais (N.C. 14 anos).

Reforçamos a ideia apresentada tanto por Capellato, Daiana Corso e Mario Corso, bem como por Joel Birman e Julio Groppa a recusa nostálgica de uma família patriarcal centrada no verticalismos masculino e subordinação completa tanto dos filhos quanto da esposa. O que invoca-se aqui, e que é comum em todos esses estudiosos, é a importância do não esvaziamento do lar por parte dos pais e o reforço da possibilidade desses meninos e meninas constituírem sua identidade de modo sadio e normal.

Porque segundo Birman (2003, s.p):

Uma série de patologias contemporâneas estão relacionadas a essa relação de narcisismo negativo e maternagem. Se formos ver as formas de mal estar contemporâneo elas são sempre referidas como queixas na ordem do corpo, na ordem da atuação ou da ordem do esvaziamento de si, onde do ponto de vista do corpo nós vemos uma grande difusão daquilo que se chama das síndromes do pânico, doenças psicossomáticas. Do ponto de vista da ação um aumento da violência, o aumento das patologias compulsivas, compulsão a

droga, compulsão ao álcool, compulsão a comida, compulsão as compras. E essa despossessão de si é o resultado desse desinvestimento narcísico. O bullying nas escolas nada mais é do que a perda da valência da autoridade familiar sobre seus filhos. O autismo é efeito desse desinvestimento infantil da família. Se no tempo moderno a criança era tida como rei hoje ela é objeto, por isso o aumento da pedofilia.

Birman é muito claro. Ou se tem um filho para amá-lo e educá-lo ou não se tem. Um filho não é um objeto de enfeite e decoração, não é como se compra um carro ou uma casa, ele precisa de investimento muito mais afetivo do que material, se continuarmos a ter filhos sem afeto estaremos ‘organizando’ uma sociedade de caos. A família representa, segundo Corso (2011, p.18): *A nossa primeira escola do aprendizado emocional. Nesse contexto, aprendemos como nos sentir em relação a nós mesmo e como os outros vão reagir a nossos sentimentos.*

A escola e a família seriam as principais instituições que rezam pela educação, tanto moral quanto intelectual e enxergam seus pequenos membros para muito além da vida econômica, do mercado, do consumo e do emprego. Parece entretanto, que a escola age sozinha como temos observado pelas passagens dos alunos. A família se perde cada vez mais no universo do mercado e do consumo.

E nunca é demais lembrar:

Parece que a culpa dos problemas dos jovens são só dos jovens mais não. Acontece muito de os pais esquecerem seus filhos, se preocupar mais com o trabalho do que com os filhos. Esses pais ausentes não tem ideia das consequências que isso vai ter na vida do seu filho. A diferença que faz para uma criança quando os pais brincam com ela, ajudam nos deveres, faz com que elas se sentem seguras. São mais amáveis e educadas. O que falta nessa relação é o diálogo (I. Z. 13 anos).

Mesmo a escola sendo acossada pela família que exige o que ela não dá ou pelo Estado que reclama produtivismo, o ideal de construção do humano permanece vivo na luta de muitos professores na esperança de construir um mundo mais justo onde o estudante possa moldar-se como sujeito e não simplesmente ser moldado como objeto.

8.3 QUE ESCOLA PARA QUAL PROJETO?

Eu parto do princípio de que a educação é um gesto que acontece diuturnamente. Mesmo quando suponhamos que não estejamos educando. Todo momento que mais velhos e mais novos se chocam a fásca desse encontro, resultado do embate narrativo entre duas gerações é aquilo que estou chamando de educação.

A educação não é um conjunto de expectativas que uma geração tem em relação a outra quase sempre frustradas, eu quero dizer que a educação é o resultado entre o choque de duas gerações, de dois modos de pensar, se sentir e de agir.

O saldo de todo esse embate que eu poderia chamar de “clarão” é o que a gente poderia chamar de saldo educativo ou gesto educativo. E pensar sobre isso deve ser algo inevitável. Seja na condição de pai, de aluno, de professor, de jovem ou adulto o tempo inteiro a temática da educação corta nossa vida e em geral de uma maneira pouco refletida (GROPPA, 2013, s.p).

É preciso um importante deslocamento na relação professor-aluno, escola-aluno. Esse deslocamento é importante tendo em vista que mesmo que não seja de sua alçada como profissional, o professor não deve virar as costas às profundas transformações sociais da contemporaneidade. Vestir a identidade de professor ao ir à escola e tirá-la quando chega e dormir tranquilo frente aos grandes problemas pelo qual passa a humanidade não cabe mais. O deslocamento é para a percepção de que os atuais problemas estão mais no plano do humano quanto concernentes ao conhecimento e sua produção. Parece emergir uma inversão importante a que precisamos nos atinar: emergimos como sociedade repleta de conhecimento, mas carente de humanidade.

A identidade é um processo marcado pela contingência com agência, ou seja, o professor deve estar atento ao que o cerca ao mesmo tempo em que precisa agir para que sua prática condiga com a realidade dos seus alunos.

Ou seja:

Em vez de lamentar a perda das formas pré-modernas de subjetividade narrativa, eu acredito que faz um sentido político maior viver na realidade narrativa do presente, encorajar a subversão de formas de subjetividades e lutar contra formas atuais de subjetivação que impedem nossa experimentação com novas formas narrativas de desejo e modos de estar-no-mundo (MACLAREN, 1997, p.177).

Vivemos um momento de grande incerteza quanto ao futuro. Os recursos humanos (humanizados) estão escassos, os laços enfraquecidos, as vontades esmorecidas e um vazio existencial grassa.

O professorado sofre desse vazio existencial tanto mais quando enxerga sua profissão sendo posta para escanteio no mercado de ações das ofertas universitárias. Quando é ridicularizada pelos programas de humor, quando é vilipendiada pela falta de investimento tanto de salário como de estrutura, quando ‘todos sabem mais’ do que o professor sobre educação.

É romântico, mas ao entrar na sala um professor não deve se lembrar do seu salário, das suas dívidas, de seus problemas pessoais. Essa é uma faceta positiva da construção das identidades pós-modernas; na escola se é professor. E ao professar o professor deve ter a esperança de que sua prática vá mudar a realidade de seu aluno, para melhor. É lá fora no mundo das ações sociais e coletivas que o professor deve atuar como agente social. Aluno não é psicanalista para ficar ouvindo desabafo de professor.

Aluno quer ser ouvido. Nesse sentido: *Quando os docentes se definem como um grupo em comunicação com um outro grupo, o dos discentes, e se interessam individualmente por cada aluno, estes últimos obtêm resultados muito melhores* (TOURAINÉ, 2007, p.77).

Em vista da fragmentação identitária familiar, social e cultural onde o presságio consumado de um mundo voltado para o consumo pelo consumo ameaça os jovens, temos que ativamente nos pormos no lugar de Sujeitos de ação com vista a transformação social. O que queremos dizer é que, se Bauman estiver certo, ao afirmar que jamais houve transformação social tão grande a afetar a educação como tem sido essa das últimas décadas, os professores precisam se manter fortes e se fortalecerem nessa causa tão nobre.

Em resposta parcial, a pergunta inicial dessa sessão a escola precisa refletir sobre si mesma, precisa construir uma nova identidade, pois ela também perde a sua que já estava por muito tempo incrustada num projeto reprodutor. Pensamos como Alain Touraine (2007, p.177) de que a identidade de Sujeito escola e do Sujeito professor deve nortear-se nesses princípios:

Em resumo, a identidade do Sujeito só pode ser construída pela complementaridade de três forças; o desejo pessoal de salvaguardar a unidade da personalidade, dilacerada entre o mundo instrumental e o mundo comunitário; a luta coletiva e pessoal contra os poderes que a transformam a cultura em comunidade e o trabalho em mercadoria; o reconhecimento, interpessoal mas também institucional, do outro como Sujeito. O Sujeito não se constrói na relação imediata de si consigo mesmo, na experiência mais individual, no prazer pessoal ou no êxito social. Só existe no combate com as forças do mercado ou com as da comunidade; nunca constrói uma cidade ideal ou um tipo superior de indivíduo; desbrava e protege uma clareia constantemente invadida. Protege mais do que participa, defende-se mais do que profetiza. É certo que não pode ser apenas recusa e luta; é também afirmação, felicidade, êxito. Mas não é o arquiteto de uma ordem ideal; é uma força de libertação.

Nos grupos focais e nos textos resultantes dos debates observamos a esperança depositada na escola; à de que eles se tornem a partir dela cidadãos e cidadãs. Que consigam bons empregos e que se deem bem na vida. Não basta. Acreditamos que a escola deva revolucionar o modo de pensar dos alunos presos como estão ao mundo do trabalho, do consumo e do ter para parecer.

Estamos presos a uma educação conteúdista, vestibularista e reprodutivista. A resposta dos alunos é sempre a mesma: para ser alguém na vida. Para passar no vestibular. Pra quê? Invariavelmente para reproduzir a educação que receberam de seus pais. Para que seus filhos se tornem ótimos cidadãos respeitadores da lei e da ordem

pública e exímios compradores de presentes para substituir a ausência que reclamam, mas que reproduzirão quando pais.

Segundo Maclaren (1997, p. 94) isso é uma afronta ao desenvolvimento de uma educação que se compromete a mudar a sociedade:

Alunos e alunas não podem ser construídos a partir de um ideal zumbificado de estar “sempre-pronto” aberto à manipulação para a aquiescência passiva do *status quo*. Não podemos abrir mão da oportunidade de teorizar os sujeitos do processo educativo como agentes históricos da resistência.

No entanto, infelizmente é gravíssima a repercussão dessa reorganização familiar no âmbito da escola. É visível o aumento do descaso tanto dos pais quanto dos estudantes para o universo escolar. É compreensível a atitude de muitos colegas professores em deixar fazer, deixar passar para não caírem doentes.

Perguntados como observam a relação que se dá entre os estudantes e a escola:

Poucos querem estudar e aprender, mas todos querem passar de ano, sem se importar com o conhecimento oferecido. Claro que é muito mais prático ir à escola, não precisa fazer muita coisa, contar as novidades para os amigos e ainda tirar uma nota boa na prova. A juventude acostumada com a facilidade que consegue prefere aproveitar a folga, sem se preocupar com o futuro (L. V. 16 anos).

Os professores e a direção quer em geral fazer da escola uma família, mas o problema é que muitos alunos ou colegas **não entendem o que é uma família** (grifo meu). Primeiramente a educação ou respeito deve vir de fora senão não há segunda família escolar (J.E 15 anos).

A escola faz o seu melhor para educar e ensinar os seus alunos. A escola e os alunos formam a segunda família, pois estão juntos quase todo o ano. Infelizmente hoje em dia existem muitos alunos que não gostam e não respeitam a escola. Alunos que descontam na escola o rancor da briga que teve em casa ou com os amigos (G. H. S. 14 anos).

Uma observação parece ser muito importante para compreendermos ou intuir sobre a relação família-filho e na relação aluno-escola; os alunos parecem convergir na ideia de que a relação da escola com alunos é melhor do que a relação dos pais com os filhos. Ora, se isso se confirma a situação parece ser mais desagradável do que se supõem nas relações familiares, ao mesmo tempo em que demonstra a fundamental importância da escola na formação humana desses jovens.

8.4 A ESCOLA COMO REPRODUTORA DO SISTEMA DE FRAGMENTAÇÃO IDENTITÁRIA

Junto com as transformações do sistema capitalista que introduz de modo significativo o consumo em detrimento da produção, observamos nas últimas décadas, uma mudança de patamar nas relações família-escola-sociedade. O trabalho que por sinal deve ser acima de tudo lucrativo, vem juntamente com a sociedade de consumo metamorfoseando a relação escola-juventude-família a tal ponto que muitos jovens se cansam de tanta cobrança por parte da escola e da família ausente.

Uma coisa importante se verifica. A família ausente negligencia sua importância quanto constituinte e organizadora de um universo familiar afetivo ao mesmo tempo em que cobra a produtividade de seus filhos na escola, principalmente nos finais de bimestre ou trimestre quando tem acesso aos boletins. A alegação é simples: trabalhasse muito para manter um filho na escola e atender todas as regalias que recebem durante a vida, e que no mínimo se espera bons resultados escolares. O que é uma falácia; não há bons resultados escolares somente com cadernos de marca, colégio particular, mochila da Adidas ou tênis caro. Sem acompanhamento tudo isso vira enfeite retórico.

A pressão, muitas vezes, é de tal modo que se torna compulsiva. Exemplos são de alunos matriculados muito cedo em cursinhos pré-vestibulares, ao mesmo tempo em que estão no inglês, no futebol, na natação ou no *ballet*.

Com vimos, a escola está com duplo encargo. A família ao sair para o trabalho dá para a escola a responsabilidade de preparar o aluno para algo que ela não foi preparada; nutrir o aluno de carga emocional e afetiva ao ponto de formar uma identidade e uma segurança ontológica. Ao mesmo a escola descentra ainda mais o aluno quando exige dele um número sempre maior de resultados acadêmicos.

Esse descaso afetivo-familiar e a pressão escolar geram os exemplos de rebeldia, violência e desrespeito que acompanham os noticiários, bem como muito próximo de nós, ao ouvirmos e enxergarmos muitos professores, colegas de classe serem desrespeitados e agredidos.

Para C. G 17 anos, em vias de prestar seu primeiro vestibular, tomou a decisão do curso de forma resignada. Ele acredita que lhe dará maior retorno pecuniário. *Na verdade ninguém tem a escolha de entrar nesse processo ou não. Nosso mundo é movido pelo capital. Nós somos movidos pelo capital. Você tem de admitir. Na era em que vivemos dinheiro é realmente tudo.*

Parecida com a conclusão que chegou Alain Touraine:

Como alunos de um colégio, de um liceu ou de uma universidade, admitimos que o diploma é a melhor proteção contra o desemprego, mas vivemos numa cultura da juventude que é estranha a uma cultura escolar em decomposição. No trabalho, gostamos de ter um emprego e cada vez mais frequentemente investimos conhecimento e projetos na nossa atividade, mas também temos a impressão que o trabalho tem pouco peso num mundo econômico dominado pelo dinheiro, pela concorrência e pela tecnologia, e cujas palavras-chave, flexibilidade, competitividade, reconversão, escondem vidas estilhaçadas (1997, p.36).

A escola também tem feito seu papel de carrasco, pressionado os jovens a escolherem carreiras universitárias para ‘se garantir na’ vida desde muito cedo. Exemplo são alunos fazendo vestibulares de teste já no nono ano do ensino fundamental, bem como Enem, Provinha Brasil e simulados desde o sexto ano do ensino fundamental. A competitividade é instilada desde tenra idade nos alunos.

O indivíduo se vê pressionado entre o sucesso e o fracasso. De um lado ver seus amigos passando em cursos superiores mesmo sem perspectiva garantida de sucesso e, de outro, a opção de ser ‘um fracassado’ ao escolher montar uma mecânica de automóveis ou bar. Como fracassados também são vistos muitos daqueles que optaram por fazer um curso superior na área da licenciatura.

Para Touraine a escola tem uma função mais nobre. Ela deve libertar o indivíduo dos grilhões do mundo econômico, não jogá-lo aos leões. A função primordial seria a formação do sujeito. Aproveitar da mundialização do mundo em prol do desenvolvimento multicultural do aluno proporcionando assim o conhecer-se e conhecer, o respeitar-se e respeitar:

[...] o objetivo da escola não é apenas preparar e formar jovens para a sociedade, ainda menos tendo unicamente em vista a inserção econômica, mas sobretudo, por eles próprios, para que se tornem livres capazes de encontrar e de preservar a unidade da sua experiência através da transformações da vida e da força das pressões que se exercem sobre eles (Idem, p. 337).

Parece que o sonho de Touraine chega beirar a utopia. Por quê? Os jovens mostram cada vez mais resignados com o mundo do mercado do trabalho e do consumo.

As entrevistas mostram que os alunos querem uma educação de qualidade para estar aptos para o mercado de trabalho via curso superior. Em contrapartida criticam o sistema do qual querem fazer parte como cruel e inumano.

Enquanto isso, o mercado de consumo instila a diferenciação individual como principal objetivo daqueles que fazem parte do mercado e querem se destacar profissionalmente. Assim compram, mudam até segunda ordem. Parece que não há

escapatória. A escola reproduz o que a sociedade almeja que assim o faça. E a família está atrelada para possibilitar aos seus filhos para que assim continue. Logo o problema maior está na sociedade, assim pensa Touraine, que precisa também ser superada para que haja a mudança. Para isso o foco deve ser um indivíduo, transformado em sujeito. Sujeito esse que estará na sociedade, mas para além dela. Uma mudança em que o indivíduo está para com outro indivíduo e não para o sistema que ele tanto abomina.

Para Touraine essa é a emergência do Sujeito. Indivíduo voltado a si mesmo, mas ao mesmo tempo para o Outro. Uma ética do respeito e do diálogo no qual a família e a escola são as principais atrizes não mais coadjuvantes do mercado.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Tentamos nessa pesquisa, compreender como a identidade regional sofre influência por meio das transformações da globalização do espaço. Buscamos a partir da ideia de uma identidade forte moldada pelo processo colonizador contrapor aquilo que entendemos por liquefação identitária, aqui usada como identidade fraca ou minúscula que surge por meio do desenvolvimento regional.

Partimos da ideia de que o Oeste catarinense, por meio da sua colonização, criou uma blindagem imunológica aos estranhos, aos diferentes e desse modo, sustentou-se no tripé: Deus, família e propriedade, essa configuração grupal.

No entanto, por influência da globalização e dos meios de comunicação de massa, percebe-se que essa identidade entra em declínio. Principalmente entre as novas gerações que se afastam gradativamente do *modo vivendi* de seus pais e avós. Disso entendemos que houve ou está acontecendo um profundo ressignificar identitário não mais com base no antigo, mas sim no novo.

A hipótese que levantamos para essa pesquisa é de que a globalização e tudo o que a cerca descortinam um novo olhar sobre a configuração regional e individual, o que pensamos ter elucidado mesmo que de modo provisório.

A questão central da pesquisa foi justamente entender como acontece essa nova organização individual, como as pessoas lidam com essa miríade de possibilidades, fruto da globalização do espaço. O foco se centrou nos jovens que envoltos num universo global e tecnológico muito mais amplo poderia nos fazer entender como estão sendo constituídas as identidades regionais.

Podemos concluir que há de fato um novo olhar sobre como essa nova geração se enxerga em relação a gerações passadas. Há em certa medida um certo estranhamento e distanciamento às práticas e costumes de seus pais e avós no que tange à sexualidade, ao consumo, ao comportamento religioso, educacional entre outros.

Encontramos em todo nosso percurso certa despreocupação por parte dos jovens quanto ao se constituírem portadores de uma identidade tanto regional, grupal, escolar ou individual. A experimentação tem um sentido mais amplo do que a estagnação comunal.

O que encontramos na pesquisa de campo corrobora em grande monta com toda a discussão teórica construída: a de que a juventude atual vive um momento existencial diferente de gerações passadas, quando a preocupação com um reconhecimento de si e um fazer-se reconhecer era muito mais visível.

Os meios de comunicação de massa, a internet, o consumo, a moda, as amizades *on line*, contribuem para que essa possibilidade multifacetada de ‘eus’ aumente. O que favorece de certo modo certa fragmentação do indivíduo que se vê sitiado por todos os lados.

Tentou-se nessa pesquisa encontrar possibilidades não de resgatar um passado histórico, já ele ressignificado ou em vias de sê-lo, mas de ressignificar elementos importantes desse passado para que sirva de suporte no processo de constituição dos jovens enquanto sujeitos. Para isso retornamos à escola e à família e rearticulamos seu valor imprescindível na formação e amadurecimento juvenil. Buscamos compreender que se há uma possibilidade de articular de modo mais saudável e seguro globalização, consumo, tecnologia, formação individual seria numa relação entre escola e família. Assim encerramos a pesquisa com o capítulo que ressalta essa importância.

Observamos no entanto, certo distanciamento em relação à escola e à família como se ambas também estivessem em crise de identidade. Ainda nos cabem algumas perguntas que poderiam ser feitas para novas pesquisas: Como a escola pretende articular toda essa transformação pela qual tem passado tanto a sociedade quanto os jovens com as mesmas práticas? Será que não é a hora de que a instituição escolar se dê conta de que ela está numa crise de identidade? Como fazer com que a escola se preocupe menos com conteúdos e se dedique mais na formação humana desses jovens? Já que vivemos na era da informação não seria hora da escola voltar-se para questões humanas? Como aproximar família e escola de modo que caminhem juntas para melhor formar seus filhos e alunos?

A pesquisa não nos possibilitou abordar essas questões, muito embora sejam fundamentais para se pensar práticas melhoradas de ensino e educação. Por outro lado, pôde-se sentir falta da fala dos professores e dos pais. Foi proposital. O intuito da pesquisa foi para que déssemos voz aos jovens, para que sintam e que façam sentir o mundo em que estão imersos. Para que os pais e professores possam compreender um pouco melhor o mundo desses jovens e que possam vê-los com olhares menos acusadores.

Dessa pesquisa surge a possibilidade de novos estudos que partam justamente do contrário, que dê ouvido e voz às falas de pais e professores sobre a crise de identidade que presenciam nos seus filhos e alunos e em si mesmos. Por vivermos tempos de mudanças é preciso tentar se pôr no lugar daquele que muda para poder entender a mudanças pelas quais também se passa.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARON, Raymond. **Etapas do pensamento sociológico**. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

ARTAUD, Gerard. **Conhecer-se a si mesmo: Crise de identidade do Adulto**. São Paulo: Paulinas, 1982.

BALANDIER, Georges. **A desordem: elogio do movimento**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1997.

BAUDRILLARD, Jean. **A sociedade de consumo**. Lisboa: edições 70, 2008

BAUMAN, Zygmunt. **A Arte da vida**. Rio de Janeiro: Zahar, 2009a.

_____. **Globalização: as consequências humanas**. Rio de Janeiro: Zahar, 1999.

_____. **Comunidade: a busca por segurança no mundo atual**. Rio de Janeiro, Zahar, 2003.

_____. **Capitalismo parasitário**. Rio de Janeiro, Zahar, 2010a.

_____. **Tempos líquidos**. Rio de Janeiro, Zahar, 2007.

_____. **Vida em fragmentos: sobre a ética pós-moderna**. Rio de Janeiro: Zahar, 2011a.

_____. **Vida para consumo: a transformação das pessoas em mercadorias**. Rio de Janeiro, Zahar, 2008a.

_____. **A Sociedade individualizada: vidas contadas e histórias vividas**. Rio de Janeiro: Zahar. 2008b.

_____. **Sobre educação e juventude**. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.

_____. **Vida líquida**. Rio de Janeiro, Zahar, 2009b.

_____. **O mal-estar da pós-modernidade**. Rio de Janeiro: Zahar, 1998

_____. **Vida a crédito**. Rio de Janeiro: Zahar, 2010b.

_____. **Amor líquido**. Rio de Janeiro: Zahar, 2004.

_____. **A sociedade sitiada**. Lisboa: Piaget, 2002.

BATAILLE, Georges. **O erotismo**. São Paulo: ARX, 2004.

BAVARESCO, Paulo Ricardo. **Ciclos econômicos regionais: modernização e empobrecimento no Extremo Oeste catarinense**. Chapecó: Argos, 2005.

BECK, Ulrich. **Sociedade de Risco: Rumo a uma outra modernidade**. Rio de Janeiro: editora 84, 2010.

BIRMAN, Joel. **Mal-estar na atualidade: a psicanálise e as novas formas de subjetivação**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1999.

_____. **A evolução da família**. Disponível em: <http://www.youtube.com/watch?v=IbQCWd-M_cw>. Acesso em: 12 de mar. de 2013

BOUBON, Raymond. **Tratado de Sociologia**. Rio de Janeiro: Zahar, 1995.

CAPELATTO, Ivan. **Adolescente ontem, hoje e amanhã**. Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=Szf676p29XI>>. Acesso dia: 20 de abr. 2013

CARVALHO, Edgard de Assis. **Religação dos saberes e a educação do futuro**. In: Ciências Sociais na Atualidade. São Paulo: Cortez Editora, 2004.

CORSO, Diana. CORSO, Mario. **Família: coração de um mundo sem refúgio**. Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=Q56iKnXRjSw>>. Acesso em: 25 de abr. 2013.

CASTELLS, Manuel. **O poder da identidade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2003.

_____. **A sociedade em rede. A era da informação: economia, sociedade cultura**. São Paulo: Paz e Terra 1999.

DE ANTONI, C. **Grupo focal: Método qualitativo de pesquisa com adolescentes em situação de risco**. Disponível em: <<http://www.msmdia.com/ceprua/artigos/clarissa1.pdf>>. Acesso em: 22 de mar. 2013

DEBORD, Guy. **A sociedade do espetáculo**. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.

DERRIDA, Jacques. **A escritura e a diferença**. São Paulo: Perspectiva, 1990.

DURKHEIM, Émile. **As regras do método sociológico**. Martin Claret: São Paulo, 2002.

EIDT, Paulino. **Porto novo: da escola paroquial ao projeto de nucleação. Uma identidade em crise**. Ijuí: Unijuí, 1999.

_____. **Os Sinos se Dobram por Alfredo**. Chapecó (SC): Editora Argos, 2009.

EIDT, Paulino; JÚNIOR, Edinaldo Enoque Silva. **Porto Novo: Do Reino Religioso ao Poder do Merca do**. Curitiba: Editora CRV, 2011.

FARIA, A. Nogueira de. **Poder e domínio**. Rio de Janeiro: Didática e Científica, 1991.

FEATHERSTONE, Mike. **Cultura de massa e pós-modernismo**. São Paulo, 1990.

FREUD, Sigmund. **Um caso de histeria, Três ensaios sobre a sexualidade e outros trabalhos (1901-1905)**. Volume VII. Rio de Janeiro: Imago, 1996a.

_____. **Um caso de histeria, Três ensaios sobre a sexualidade e outros trabalhos (1901-1905)**. Volume VII. Rio de Janeiro: Imago, 1996b.

____. **Além do princípio de prazer, psicologia de grupos e outros trabalhos.** Rio de Janeiro: Imago, 1996c.

FOUCAULT, Michel. **A microfísica do poder.** 10. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1992.

GIDDENS, Anthony. **As consequências da modernidade.** São Paulo: Unesp, 2002

____. **A transformação da intimidade.** São Paulo: Unesp, 1993

GONÇALVES, Maria Augusta Salin. **Sentir, pensar e agir: corporeidade e educação.** Campinas (SP): Papirus, 1994.

GROPPA, Julio. **A família no fogo cruzado da educação contemporânea.** Disponível em < <http://www.youtube.com/watch?v=0u48uOxCZyQ>>. Acesso em: 24 de maio 2013.

HAESBAERT, Rogério. **O território em tempos de globalização.** Revista Eletrônica Etc., espaço, tem po e crítica. Nº 2(4), VOL. 1, Acesso em: 15 de agost. 2007.

HARVEY, DAVID. **Condição pós-moderna.** São Paulo: Loyola, 1989.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade.** Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

HOBSBAWM, Eric J. **A invenção das tradições.** Rio de Janeiro: Paz e terra, 2008.

IANNI, Octávio. **A sociedade global.** Rio de Janeiro: Civilização brasileira. 2001.

____. **Os enigmas da modernidade-mundo:** Civilização brasileira, 2003.

____ **A era do globalismo.** 9. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007.

KALBERG, Stephen, **Max weber: uma introdução.** Rio de Janeiro: zahar, 2013

KAUFMANN, Jean-Claude. **A invenção de si: uma teoria da identidade.** Lisboa: Instituto Piaget, 2004.

LAHIRE, Bernard. **O homem plural: as molas da ação.** Lisboa: Instituto Piaget, 2001.

LÉVY, Pierre. **Cibercultura.** Rio de Janeiro: editora 34.

LERVOLINO, Solange Abrocesi, PERLICIONI Maria Cecilia Focesi. **A utilização do grupo focal como metodologia Qualitativa na promoção da saúde.** Disponível em < <http://www.scielo.br/pdf/reeusp/v35n2/v35n2a03.pdf> > Acesso em: 22 mar. 2013.

LINDO, Augusto Pérez. **Era das mutações: cenários e filosofias de mudanças no mundo.** São Paulo: Unimep, 2000.

LIPOVETSKY, Gilles. **A cultura-mundo: resposta a uma sociedade desorientada.** São Paulo: Companhia das letras, 2011.

____. **O império do efêmero: a moda e seu destino nas sociedades modernas.** São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

LOMBARDI, José Claudinei. (Org.) **Globalização, pós-modernidade e Educação.** Caçador (SC): Editora Autores Associados, 2001.

MAFFESOLI, Michel. **A transfiguração do político: a tribalização do mundo.** Porto Alegre: Sulina, 1997.

____. **O tempo das tribos: o declínio do individualismo nas sociedades de massas,** Rio de Janeiro: Forense universitária, 2006

MARCUSE, Herbert. **Eros e civilização. Uma interpretação filosófica do pensamento de Freud.** Rio de Janeiro: LTC, 1981.

MARX, Karl. **Manifesto comunista.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2009.

MCLUHAN, Marshall. **Os meios de comunicação como extensão do homem.** São Paulo: Cultrix, 2007.

MCLAREN, Peter. **Multiculturalismo Crítico.** São Paulo: Cortez 1997.

MORAES, Dênis de. **Globalização, mídia e cultura contemporânea: a dialética das mídias globais.** Campo Grande: Letra Livre, 1997.

MARTINS, José Souza. **Expropriação e violência.** São Paulo: Hucitec, 1996.

MORIN, Edgar. **O método 5. A humanidade da humanidade.** Porto Alegre: Sulina, 2012.

____. **O método 2. A vida da vida.** Porto Alegre: Sulina, 2011a.

____. **O método 4. As ideias. Habitat, vida, costumes, organização.** Porto Alegre: Sulina, 2011b.

____. **Para onde vai o mundo.** Rio de Janeiro: Vozes, 2012

____. **Cultura de massas no século XX: Volume 1 neurose.** Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2005

____. **Rumo ao abismo.** Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2011c.

NIETZSCHE, Friedrich. **Assim Falou Zaratustra.** Martin Claret: São Paulo, 2005.

ORTEGA, Francisco. **A amizade e a ética: um contraponto à cordialidade.** Disponível em: http://w3.ufsm.br/revistalettras/artigos_r32/revista32_1.pdf. Acesso dia 27. Jun. 2013.

ORTEGA Y GASSET, José. **A rebelião das massas.** São Paulo: M. Fontes, 2002.

PASCAL, Blaise. **Pensamentos.** São Paulo: Martins Fontes, 2011.

PONDÉ, Luiz Felipe. **A tirania da felicidade e o mundo do trabalho**. Disponível em <<http://www.youtube.com/watch?v=GKHx39grtAM>>. Acesso em: 16 mar. 2013

PUGGINA, Marcio Oliveira. **A erotização da infância na mídia e na internet**. in Ministério público do Rio Grande do Sul. s.d. Disponível em: <<http://www.mp.rs.gov.br/infancia/doutrina/id170.htm>>. Acesso em: 06 de jun. de 2013.

REVISTA VEJA. **Parece milagre!** São Paulo. 7 set. 2001

_____. **A geração sem idade**. São Paulo. 15 jul. 2009

_____. **Princesas precoces**. São Paulo. 1 nov. 2000.

RIBEIRO, Darcy. **O Povo Brasileiro: A formação e o sentido do Brasil**. São Paulo: Cia das Letras, 1995.

RORTY, Richard (2005). **Verdade e progresso**. Barueri (SP): Manole, 2005.

SCHUMPETER, Joseph A. **Capitalismo, socialismo e democracia**. Rio de Janeiro: Zahar, 1984.

SCHWERTNER, Suzana Feldens. **Palavras e imagens sobre amizade jovem na contemporaneidade**. Disponível em: <<http://seer.ufrgs.br/index.php/educacaoerealidade/article/view/13947>>. Acesso dia: 26. Jun. 2013

SANTOS, Milton. **Por outra globalização**. Rio de Janeiro: Record, 2001.

_____. **Metamorfose do espaço habitado**. São Paulo: HUCITEC, 1996.

SINAY, Sergio. **A sociedade dos filhos órfãos: quando pais e mães abandonam suas responsabilidades**. Rio de Janeiro: Best Seller, 2012

SINGLY, François de. **Uns com os outros: quando o individualismo cria laços**; Lisboa: Instituto Piaget, 2003.

SILVA JUNIOR, Edinaldo Enoque. EIDT, Paulino. **Cultura e natureza, interdições e conflitos: um olhar sobre o passado regional**. Visão Global, São Miguel do Oeste, SC, v.11, n.1, p.55-78, jun. 2008.

SIMMEL, Georg. **Filosofia da moda e outros escritos**. Lisboa: Texto e Grafia, 2008.

TÖNNIES, Ferdinand. **Comunidad y Sociedad**. Buenos Aires: Losada, 1947.

Touraine, Alain. **Iguais e diferentes: poderemos viver juntos?** Lisboa: Instituto Piaget, 1997.

_____. **Pensar de outro modo**. Lisboa: Instituto Piaget, 2007.

_____. **A procura de si: dialogo sobre o sujeito**. Lisboa: Instituto Piaget, 2001.

____. **Crítica da modernidade.** Lisboa: Instituto Piaget, 1992.

____. **Um novo paradigma:** Para compreender o mundo hoje. Lisboa: instituto Piaget, 2005.

____. **O Retorno do Actor:** Ensaio sobre sociologia. Lisboa: Instituto Piaget, 1984.